



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

Silvana da Cunha Sampaio

TRIPTYQUE ARCHITECTURE:
UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO BRASILEIRA DO ESCRITÓRIO

RECIFE

2020

Silvana da Cunha Sampaio

TRIPTYQUE ARCHITECTURE:
UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO BRASILEIRA DO ESCRITÓRIO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Área de concentração: Desenvolvimento Urbano

Orientador: Prof. Dr. Fernando Diniz Moreira

RECIFE

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

S192t Sampaio, Silvana da Cunha
Triptyque Architecture: um olhar sobre a produção brasileira do escritório / Silvana da Cunha Sampaio. – Recife, 2020.
155p.: il.

Orientador: Fernando Diniz Moreira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2020.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Arquitetura contemporânea. 2. Brasil. 3. *Triptyque Architecture*.
4. Materiais. 5. Sustentabilidade. I. Moreira, Fernando Diniz (Orientador).
II. Título.

711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2021-75)

Silvana da Cunha Sampaio

TRIPTYQUE ARCHITECTURE:
UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO BRASILEIRA DO ESCRITÓRIO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 25/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Diniz Moreira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ruskin Fernandes Marinho de Freitas (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a Renata Maria Vieira Caldas (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

A Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pelas inúmeras oportunidades que me tem concedido.

A Fernando Diniz pela dedicação e paciência com o meu processo evolutivo diante deste trabalho.

A Diógenes Sampaio, meu tio e padrinho, por ter contribuído fundamentalmente com minha formação escolar, permitindo que eu chegasse até aqui e me dando condições de ir mais além, gratidão.

Aos meus pais pela oportunidade da vida, em especial a minha mãe pelo apoio e carinho em todos os momentos.

Ao meu avô João Manuel da Cunha por me dar o exemplo de força e determinação.

A Cléia Fernandes Sales, psicóloga altamente dedicada e comprometida que vem me ajudando com o meu desenvolvimento em todos os âmbitos.

A Leonardo Melo pelo apoio, carinho, dedicação e por sempre acreditar em mim.

A Bambam, meu filho de quatro patas, pela alegria, energia, luz e amor incondicional em todos os momentos de nossas vidas.

As minhas amigas que, perto ou longe, sempre me ouvem e têm palavras de ânimo, me encorajando a superar os obstáculos.

A minha família por sempre acreditar em mim e pelo imenso amor recebido.

A Irazy Diniz pela luz, amizade e carinho, tão fundamentais para que eu seguisse firme nesta jornada.

A USP, em especial a Hugo Segawa e Mônica Junqueira que nos receberam tão carinhosamente.

ATriptyque Architecture, em especial a Grégory Bousquet, Carolina Bueno, Sávio Jobim e Giovanna Gheller por terem me recebido no escritório, pela dedicação, atenção e fornecimento de informações e materiais fundamentais ao desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço carinhosamente a Fernando Serapião pela disponibilidade em conversar tão atenciosamente sobre s arquitetos.

Por fim, à UFPE e ao MDU pelos aprendizados e experiências, bem como à FACEPE pelo apoio às pesquisas e por ter proporcionado condições para a dedicação e desenvolvimento deste trabalho; e agradeço a todos que direta ou indiretamente colaboraram para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

Gratidão!

“De todas as direções da vida, seguir em frente é a que nos leva mais longe.” (VINICIUS, 2017).

RESUMO

A arquitetura contemporânea brasileira é marcada pela reinterpretação da arquitetura moderna atrelada ao uso de novos materiais e tecnologias, visando uma produção que cada vez menos agrida o meio ambiente. A produção da construção civil brasileira nos últimos tempos foi marcada por dois grandes momentos, quando o arquiteto desfrutava de um prestígio e liberdade de criação, e logo após foi perdendo estas qualidades para os investidores do mercado imobiliário. Neste contexto, esta pesquisa buscou analisar a produção atual da arquitetura brasileira a partir do estudo das produções de um único escritório, o *Triptyque Architecture*, formado por arquitetos franco-brasileiros, que vem ganhando notabilidade no cenário nacional e internacional. Sua produção é marcada pela sensibilidade no uso dos materiais, atrelada ao uso da tecnologia visando à integração ao meio-ambiente. A pesquisa, portanto, buscou catalogar as principais obras produzidas pelo escritório que exemplificam os conceitos projetuais destes arquitetos. Estas obras se caracterizam pela relação com o entorno, emprego de materiais de forma diferenciada e o uso de tecnologias sustentáveis. Apesar dos aspectos sustentáveis se destacarem na arquitetura do escritório, esta pesquisa não segue o viés da sustentabilidade, por outro lado se debruça sobre as principais características e contribuições arquitetônicas, como um todo, produzidas pela *Triptyque*. Esta pesquisa procurou analisar a produção arquitetônica destes arquitetos, no Brasil, buscando entender de que maneira eles estão contribuindo para a formação do cenário da arquitetura contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Arquitetura contemporânea. Brasil. *Triptyque Architecture*. Materiais. Sustentabilidade.

ABSTRACT

Brazilian contemporary architecture is characterized by a review of modern architecture linked to the use of new materials and technologies, aiming at a less and less harmful production to the environment. There are two great moments that represent Brazilian civil construction production in recent times: the first when the architects used to enjoy of plenty prestige and creative freedom, and the latter when these benefits started to change hands as they became the real estate investors' possession. In this context, this research sought to analyze the current production of Brazilian architecture from the study of *Triptyque Architecture* works, an office formed by Franco-Brazilian architects, which has been gaining notability in the national and international scene. Their production is remarkably characterized by the materials usage sensitivity along with the use of an environment integration oriented technology. Therefore, the research sought to catalog the main works produced by the firm that illustrate the design concepts of these architects. These works are characterized by their relationship with their surroundings, the use of different materials and the use of sustainable technologies. In spite of the sustainable aspects that stand out in this office's architecture pieces, this research does not mainly aim to take a sustainability approach, it focuses, on the other hand, on the main features and architectural contributions produced by *Triptyque* as a whole. This research sought to analyze these architects production in Brazil, aiming to understand their contribution to Brazilian contemporary architecture scene.

Keywords: Contemporary architecture. Brazil. *Triptyque Architecture*. Materials. Sustainability.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	FORMAÇÃO: 1991 a 1999	12
2.1	OS ARQUITETOS.....	12
2.2	FORMAÇÃO - ÉCOLE D'ARCHITECTURE DE PARIS-LA-SEINE (1991 A 1999)	14
2.2.1	École D'architecture Paris-La-Seine (École National Supérieure D'architecture Paris-Val-De-Seine).....	21
2.2.2	Início Da Atividade Profissional	27
2.2.3	Concursos.....	33
3	TRIPTYQUE ARCHITECTURE BRASIL	42
3.1	ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	42
3.2	INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA BRASILEIRA NAS OBRAS DA TRIPTYQUE ARCHITECTURE.....	47
3.3	MÉTODO PROJETUAL	52
4	UM OLHAR SOBRE AS OBRAS	58
4.1	CRITÉRIOS DE ANÁLISE.....	58
4.2	OBRAS	64
5	CONCLUSÃO	92
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE A - FICHAMENTO DAS OBRA	99
	APÊNDICE B – TABELA DE PRÊMIOS E MENÇÕES RECEBIDAS PELO ESCRITÓRIO	111
	APÊNDICE C– TABELA DAS MÍDIAS EM QUE O TRIPTYQUE FOI MENCIONADO, LISTADAS NO SITE DO ESCRITÓRIO. FORAM LISTADAS 301 CITAÇÕES	112
	ANEXO A - MISSÕES DAS ESCOLAS NACIONAIS SUPERIORES DE ARQUITETURA NA FRANÇA	131
	ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS ACESSADAS ATRAVÉS DA INTERNET	132

1 INTRODUÇÃO

Um grupo de arquitetos franco-brasileiros vem ganhando relevância no Brasil e no mundo: Gillaume Sibaud, Carolina Bueno, Olivier Raffaelli e Grégory Bousquet, da *Triptyque Architecture*. Estes arquitetos, formados na França, transferiram-se para o Brasil no ano de 2000, onde iniciaram uma intensa produção de projetos que se destacam pelo emprego de conceitos de sustentabilidade e inovação.

A fim de contribuir para o mapeamento da arquitetura contemporânea brasileira esta pesquisa tem como **objetivo geral** analisar a produção arquitetônica da *Triptyque* entre os anos de 2000 a 2019. A necessidade de conhecer esta produção deu-se pelo fato de que, apesar do escritório ter suas obras amplamente publicadas em diversas revistas e sites de arquitetura, ainda não há análises mais aprofundadas sobre sua obra.

Para tal, alguns **objetivos específicos** foram definidos: a) compreender a formação acadêmica dos arquitetos; b) compreender a trajetória profissional do grupo; c) identificar quais as influências da arquitetura brasileira na produção do escritório; d) compreender o método projetual dos arquitetos; e) analisar as obras escolhidas através da relação com seus entornos urbanos, aplicação de materiais e emprego de técnicas sustentáveis.

O desenvolvimento desta pesquisa apoiou-se em autores que fazem reflexões críticas sobre a produção de uma arquitetura que busca atribuir qualidade às suas obras, no sentido de despertar emoções e sensações em quem as habita e, de se relacionar com o sítio.

Kate Nesbitt afirma que “a importância dada ao local e à tectônica pela fenomenologia fez com que esse campo de estudo ganhasse relevância e se firmasse como uma influente escola de pensamento entre arquitetos contemporâneos” (NESBITT, 2010). Pallasmaa, arquiteto e crítico finlandês, afirma que “a arquitetura não deve ser um mero instrumento de funcionalidade, conforto corporal ou prazer, mas precisa ser capaz de ativar nossa imaginação e emoção”. É neste sentido que esta pesquisa busca lançar um olhar sobre as obras dos arquitetos franco-brasileiros, descrevendo seus projetos e as técnicas utilizadas por eles em suas obras.

A **metodologia** de análise das obras do escritório, baseada na historiografia, foi desenvolvida por meio da coleta de dados primários e secundários sobre as edificações selecionadas e sobre os arquitetos. A coleta dos dados primários sobre a formação acadêmica do grupo foi realizada por meio de entrevista com o professor Marco Tabet, que acompanhou os arquitetos durante a formação na *École d'Architecture Paris-la-Seine*, em Paris. Para a coleta dos dados relacionados à produção dos arquitetos buscou-se o acervo disponível no site do escritório, além de entrevistas com os próprios profissionais. Informações complementares sobre os projetos analisados foram acessadas através do acervo disponível em sites de arquitetura e revistas especializadas como a *Monolito*, por exemplo, e nas visitas *in loco*, realizada pela autora, com o objetivo de experienciar as obras, constando de descrições dos projetos e fotografias.

As obras abordadas nesta pesquisa foram escolhidas por se apresentarem como as mais comentadas por críticos da arquitetura e publicadas no site do escritório. Outras obras aparecem à medida em que ajudam a entender o todo da obra do escritório, sendo contempladas na pesquisa através de fichamentos.

Com o intuito de compreender a arquitetura paulista, onde está localizada a sede brasileira do escritório, cursou-se a disciplina 'Arquitetura Contemporânea Paulista/Crítica de Arquitetura', na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAU-USP), ministrada pelos professores Mônica Junqueira e Hugo Segawa.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro aborda os arquitetos, suas formações, o início das atividades profissionais e concursos dos quais eles participaram. O segundo capítulo busca oferecer um panorama da arquitetura contemporânea no Brasil, a influência de arquitetos brasileiros na produção brasileira da *Triptyque*, a inserção destes arquitetos no mercado, e o método projetual do escritório. Por fim, o terceiro capítulo contém a descrição das obras selecionadas, enfatizando o emprego de materiais e técnicas de sustentabilidade. Espera-se que este trabalho possa colaborar com a produção de novas pesquisas sobre o assunto, e auxilie na ampliação da compreensão do panorama da arquitetura brasileira.

2 FORMAÇÃO: 1991 a 1999

2.1 OS ARQUITETOS

Figura 1 - Da direita para a esquerda: Grégory Bousquet, Guillaume Sibaud, Carolina Bueno e Olivier Raffaelli



Fonte: arquivo do Triptyque

O início da história da *Triptyque* se deu em Paris, no ano de 1991, quando Grégory Bousquet, Guillaume Sibaud e Olivier Raffaelli ingressaram na universidade, a *École d'Architecture Paris-la-Seine*. Formados na mesma instituição de ensino, os arquitetos estudados compartilharam contextos e ideais que ajudaram o grupo na vida profissional. O nome, sugerido por um colega de turma, surgiu da necessidade de nomear a equipe para as apresentações dos trabalhos que eram desenvolvidas no decorrer do curso. De acordo com os sócios, *Triptyque* significa “uma obra de arte em várias partes. Ela só existe pela coexistência das diversas partes, e deve ser lido em francês”.¹ Carolina Bueno, brasileira e quarta integrante da equipe, juntou-se ao grupo no último ano da universidade. Segundo Marco Tabet, arquiteto brasileiro radicado na França, que foi professor do grupo na *École d'Architecture Paris-la-Seine*, o ensino desta escola procurava guiar o projeto por meio de alguns conceitos-base enquanto oferecia liberdade formal. Os alunos eram estimulados a produzir vários projetos e no final de cada um eles deveriam fazer uma exposição a fim de explicar suas propostas e intenções.

Carolina Bueno nasceu em São Paulo, em 1975 e viveu sua infância nos Jardins, lugar marcado por vasta vegetação e conhecido por ser o refúgio da elite paulistana. Ela estudou na Escola Madre Alix, uma escola particular católica de origem francesa, marcando o início da

¹Definição de Carolina Bueno. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQhYp9xJ6yk>. Acesso em: janeiro de 2020.

sua relação com a França, e concluiu o ensino médio na Suíça francesa. A decisão pela arquitetura foi influenciada pela relação com o pai, que trabalhava no setor imobiliário e sempre a levava para os canteiros de obra. Ela voltou para o Brasil decidida a estudar arquitetura na Europa. Bueno optou pela *École d'Architecture Paris-la-Seine*, sendo aceita pela instituição, iniciando o curso de arquitetura no ano de 1993 e terminando em 1999. No ano seguinte, juntamente com os três amigos de faculdade, fundou o escritório na França, migrando posteriormente para o Brasil, onde atuam até os dias de hoje (SERAPIÃO, 2015, p. 20). Carolina faleceu no dia 04 de janeiro de 2021, em decorrência de um câncer.

Grégory Bousquet nasceu em Evry, na França, no ano de 1973, mas cresceu em Fontainebleau. Decidiu-se pela arquitetura aos 14 anos, quando entendeu que poderia juntar suas aptidões para as questões científicas e artísticas em uma só área, a arquitetura. Durante o período escolar, estagiou em um escritório que lhe possibilitou conhecer a Escola de Arquitetura, quando ele decidiu que seria ali onde estudaria. Ingressou no curso de arquitetura em 1991, também na *École d'Architecture Paris-la-Seine*, onde conheceu Guillaume e Olivier, calouros e futuros sócios. Bousquet afirma que o espírito de liberdade da formação dos ateliês da faculdade deixava a desejar no sentido de conteúdo, o que ele resolvia indo para bibliotecas e museus da cidade, juntamente com seus amigos (SERAPIÃO, 2015, p. 21). Obteve o título de arquiteto em 1997, quando iniciou sua carreira profissional na agência *Périphérique*, um escritório francês que atuava no design, literatura, edição, educação, etc.² É frequente a sua participação em palestras, cursos e eventos sobre o escritório e assuntos de arquitetura. No ano de 2000 mudou-se para o Brasil, juntamente com seus sócios, onde fundaram o escritório na cidade do Rio de Janeiro (SERAPIÃO, 2015, p. 23). Atualmente, Grégory dirige a sede da *Triptyque* em São Paulo junto com Carolina Bueno e uma equipe de aproximadamente 80 pessoas.

Guillaume Sibaud nasceu em 1973, em Troyes, uma cidade medieval da região de Champagne. Sua escolha pela arquitetura foi influenciada pelas experiências que teve no bairro onde morou com a família, pois o lugar passou por revitalizações e restaurações que despertaram seus sentidos para a arquitetura. Aluno de escola pública ingressou na *École d'Architecture Paris-la-Seine* no ano de 1991, formando-se em 1997, quando iniciou seu trabalho como arquiteto no corpo diplomático francês. Neste cargo, teve a oportunidade de ciceronear no Congresso da UIA, em Pequim, no ano de 1999, a delegação de arquitetos franceses composta, entre outros, por Jean Nouvel e Christian de Portzamparc. Após esta

²Em resposta à autora no dia 28.01.2020, via e-mail.

experiência Guillaume decidiu vir para o Brasil junto com seus sócios e aqui ficou até o ano de 2008, quando regressou para a França para dirigir a sede parisiense da *Triptyque* juntamente com seu sócio Olivier Raffaelli (SERAPIÃO, 2015, p. 21-22).

Olivier Raffaelli nasceu em 1973, na cidade de Neuilly-sur-Seine. Estudou em escola pública e decidiu cursar arquitetura aos 18 anos. Seus gostos variavam da matemática, passando pela literatura e pelas artes plásticas. Ingressou na *École d'Architecture Paris-la-Seine* em 1991, formando-se arquiteto no ano de 1997, juntamente com Bousquet e Sibaud, mudando-se para o Brasil em 2000 junto com os sócios. Sua vinda para o país foi influenciada, também, pela transferência do seu pai para o Rio de Janeiro e pelo seu interesse em cidades emergentes despertado na pós-graduação em urbanismo. Instalado no Brasil, atuou diretamente com seus sócios entre os anos de 2000 a 2008 quando voltou para a França para comandar a sede parisiense da *Triptyque* juntamente com Sibaud e uma equipe de aproximadamente 20 pessoas (SERAPIÃO, 2015, p. 22).

A formação na mesma universidade colaborou para fortalecer a unidade de pensamento entre os arquitetos. Sendo o método projetual comum para os quatro, a afinidade de pensamentos entre eles facilitou a formação do grupo, e o fato de Carolina ser brasileira, junto à vontade dos sócios de se fixarem em outro lugar que não a França, facilitou a vinda destes arquitetos para o Brasil. As experiências profissionais de Sibaud e Bousquet contribuíram para fortalecer os conhecimentos do mercado de trabalho e a administração de um escritório de arquitetura. Carolina e Olivier não desprezaram outras experiências profissionais além da *Triptyque*.

2.2 FORMAÇÃO - ÉCOLE D'ARCHITECTURE DE PARIS-LA-SEINE (1991 A 1999)

A formação destes arquitetos que migraram para o Brasil no início do século XXI esteve imersa no entusiasmo sobre o modernismo e pontuada pelos inúmeros debates e revisão dos seus princípios.

O curso de Arquitetura na *École d'Architecture de Paris-La-Seine* foi oriundo da *École des Beaux-Arts* de Paris, fechada em 1968, como consequência das revoltas estudantis de 1968. Nesta época o ensino de arquitetura na França passou por transformações que originaram várias faculdades de arquitetura coordenadas e subsidiadas pelo Ministério da Cultura.

Para entendermos a formação destes arquitetos, faz-se necessário compreender o processo histórico das Escolas de Arquitetura francesas, e para tal, precisamos passar pela história da *Beaux-Arts* até os dias atuais.

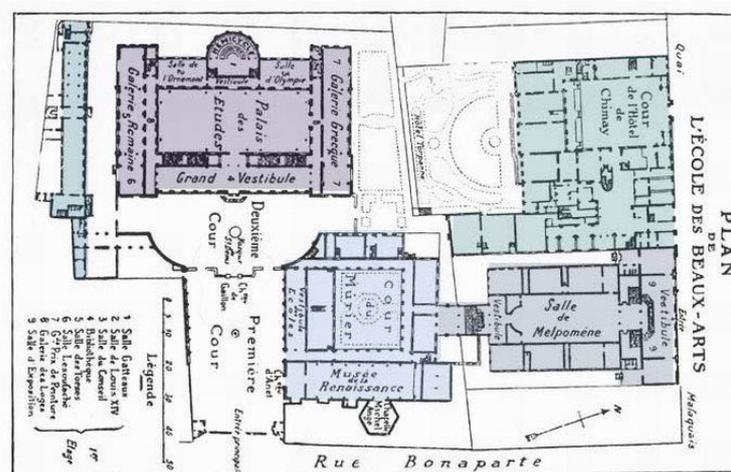
Fig. 2 - École des Beaux-Arts, em 'Paris dans sans splendeur' 1861 (coleção do autor) - via Paris-Malaquais.archi.fr.



Fonte: <http://tema.archi/articles/retour-sur-l-origine-des-beaux-arts-a-paris-1>.

A *École des Beaux-Arts* teve início na França absolutista de Luís XIV, com seu ensino baseado na cultura da antiguidade Greco-romana, atuando como instituição do Estado e representação artística do seu poder. A *École* começou como academia: *Academie Royale des Beaux-Art*, criada em 1648, com a Real Academia de Pintura e Escultura. Posteriormente foram adicionadas outras academias à *École*, sendo a de arquitetura fundada em 1671 por Jean-Baptiste Colbert e pelo pintor e teórico Charles Lebrun (MALACRIDA, 2010, p. 25 e 46).

Fig.3 - Plano da *École des Beaux-Arts*.



Fonte: http://paris1900.lartnouveau.com/paris06/ecole_des_bx_arts.htm.

No reinado de Luis XIV as academias se propagaram marcando a época de ouro da França, quando o país tornou-se uma potência europeia e uma referência das artes e das ciências. O termo Belas-Artes remete à tradição, e tradição significa transmissão de determinada ideia ou conduta de uma pessoa à outra, ou de geração em geração.³

O ensino nas Academias de Belas-Artes era transmitido dos professores para os alunos, assim como eram passados os conhecimentos nas antigas associações de ofício da época medieval. As academias romperam a unidade medieval entre prática e aprendizagem, deslocando a esfera das oficinas para os institutos (WICK, 1989 apud MALACRIDA, 2010, p. 37). Os ofícios deixaram de ser ensinados nas associações, e estas deram lugar aos ateliês das academias, que eram compostas por estúdios e salas de aula, onde as aulas eram ministradas por meio de palestras e exposições.

Figura 4 - Ateliêr de arquitetura.



Fonte: www.grandemasse.org

Figura 5 - Ateliêr de escultura.



Fonte: www.grandemasse.org

Figura 6 - Ateliêr de pintura.



Fonte: www.grandemasse.org

Com o advento da Revolução Francesa (1789), a Academia Real deu lugar ao *Institut de France*, composto por várias Academias. Posteriormente o *Institut* foi desvinculado do Estado, recebendo o nome de *École des Beaux-Arts*. Segundo Pevsner o governo revolucionário buscou criar um novo instituto, mas este terminou recuperando certos aspectos da academia (PEVSNER, 2005. p.37)

³O dicionário Houaiss explica que tradição é primeiramente “ato ou efeito de transmitir ou entregar, transferência, ato de conferir.” Tradição, do latim *traditione*, vem do verbo latino *tradere*, que quer dizer entrega; transmissão de valores de geração em geração. (...) Derivou *tradio*, que significa ao mesmo tempo uma ação de entregar, uma tradição ou a transmissão narrativa de acontecimentos e histórias passadas. *Tradio* é tanto o mestre que ensina ou transmite um ensinamento como o traidor que entrega (algo ou alguém) ao inimigo. A tradição assim parece guardar uma contradição: de ser ao mesmo tempo dadivosa e surrupiadora, no fornecimento de algo que não é próprio de quem recebe, mas que o torna privilegiado (MALACRIDA, 2010, p. 33).

O modelo de ensino da *Beaux-Arts* baseava-se no pensamento clássico greco-romano de beleza ideal, mas buscava formar também arquitetos que tivessem rigor técnico e conhecimento científico. O conteúdo científico composto, também, pelas regras e normas de desenhos a serem cumpridas era passado dos professores aos alunos nas salas da Academia, e as práticas arquitetônicas eram realizadas nos ateliês com grupos de alunos que eram supervisionados por um determinado professor que os acompanhava até o final do curso. Na base do ensino *Beaux-Arts* estava a busca pela “perfeição” por meio de grandes construções que representassem o bom e o belo, por isso, seus alunos eram doutrinados a produzir uma arquitetura de alta qualidade que pudesse exprimir o poder do Estado francês. Para tal, tornou-se comum na escola a prática de concursos que motivavam os alunos a produzir obras extraordinárias, motivando a produção da boa arquitetura, aquela idealizada pelo Estado.

Neste ínterim, foi criado o Grand Prix de Rome, que coroava o final do curso e premiava o ganhador com uma bolsa de estudos na Itália, a fim de que o aluno pudesse aprofundar seus conhecimentos sobre as artes clássicas que estavam na base do ensino *Beaux-Arts*. Como instrumento pedagógico, o Grand Prix revelava a distinção de grau que acompanhava o processo de formação do artista-gênio: aquela em que o arquiteto deve fazer no dia-a-dia, e a arquitetura, dos monumentos.

De acordo com Christophe Samoyault-Miller,⁴o professor ou chefe de cada atelier era determinado pelo Conselho Superior de Belas-Artes. Havia as chamadas escolas regionais afiliadas à *Beaux-Arts* que foram estabelecidas a partir de 1904 em Rouen, Rennes, Lille, Marselha, Montpellier, Lyon, Estrasburgo, Grenoble, Bordeaux, Toulouse, Argel, Nantes, Clermont-Ferrand e Nancy, sucessivamente. Segundo Samoyault-Miller, a partir de 1874 o curso de arquitetura deixou de ser coroado apenas com o Grand Prix de Roma e passou a ser concedido aos alunos o "*Diplomé par le Gouvernement*"(DPLG). Miller afirma que o sistema de ensino de arquitetura era formado por ateliês internos e externos, tutelados pelo Estado e pelos próprios alunos, respectivamente, os dois ligados pedagogicamente à *École*. Sobre o sistema dos ateliês Marco Tabet, professor brasileiro radicado na França, afirma que cada atelier funcionava de forma independente, tutelado por um professor chefe, com um sistema que era definido em comum acordo com os demais professores, ou seja, havia certa liberdade de método para cada um.

⁴Disponível em: https://www.grandemasse.org/?c=actu&p=ENSBA-ENSA_genese_evolution_enseignement_et_lieux_enseignement. Acesso em 14.07.2020.

Tinha um estado de espírito que era extremamente partilhado tanto por alunos como por professores e transmitido entre as gerações, ou seja, o convívio entre os alunos novatos e veteranos em um mesmo ambiente transmitia uma atmosfera de projetar. (TABET, 2020).

A *École des Beaux-Arts* de Paris foi durante muito tempo uma instituição de referência máxima das artes e da arquitetura. No entanto, com o decorrer do tempo, com o advento do modernismo e o surgimento de novas escolas na Europa, a exemplo da Bauhaus, a *École* foi perdendo muito do seu prestígio, pois se recusava a incorporar novos padrões de pensamento que se propagavam a partir do começo do século XX. Segundo Malacrida, estes fatores em conjunto levaram os estudantes a questionarem o Sistema de Ensino Belas-Artes, que permanecera engessado nos seus padrões, recusando-se a uma transformação e aceitação dos valores modernos que começaram a se propagar na Europa e no mundo, levando ao que podemos chamar de “crise” entre a estética clássica e a estética moderna. “Na ascensão do modernismo, de modo geral, o Sistema de Ensino Belas-Artes da arquitetura tradicional não se mostrava adequado para vencer os desafios da cisão entre a arte e a ciência e sua técnica, legados dos séculos XVIII e XIX ao século XX” (MALACRIDA, 2010, p. 99).

Durante a “Revolução Estudantil” de maio de 1968, os alunos das universidades reclamavam por um ensino mais livre voltado às questões sociais, que lutava por uma sociedade mais justa e igualitária. O movimento dos estudantes ganhou tamanha repercussão que incentivou a classe trabalhadora a aderir ao movimento, levando Paris a uma greve geral, o que acarretou entre outras consequências, uma reforma da estrutura universitária, que levou ao fechamento do curso de arquitetura da *Beaux-Arts* em dezembro daquele mesmo ano.

Figura 7 - cartaz que retrata a greve de 1968.



Fonte: www.grandemasse.org

Figura 8 - cartaz que retrata a greve de 1968.



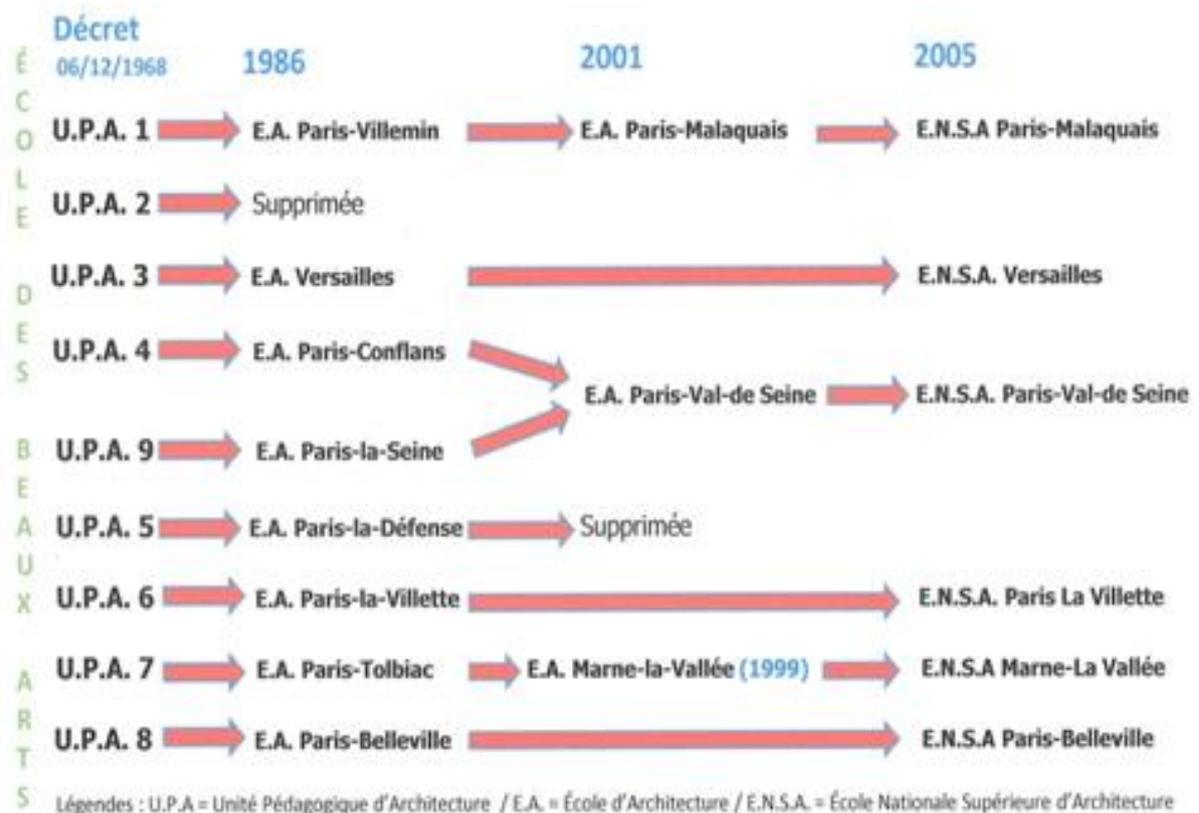
Fonte: www.grandemasse.org

Segundo Samoyault-Miller, após o fechamento do curso de arquitetura, foram fundadas as Unidades Pedagógicas de Arquitetura (U.P.A.), que em 1975 eram nove e funcionavam de maneira autônoma entre si. Marco Tabet afirma que o sistema de criação das U.P.A.s foi misto, dividido entre o Estado e os estudantes. “O Estado autorizou, mas cada atelier obtinha as verbas e os seus professores.”⁵ De acordo com o professor, alguns ateliês se tornaram escolas, um deles, o atelier Marrou, no ano de 1975, virou a U.P.A.9 que deu origem à *École d’Architecture Paris-la-Seine* (atual *École d’Architecture Paris-Val-de-Seine*) onde os arquitetos da *Triptyque* estudaram. Tabet relata que a U.P.A.9 funcionava exatamente como na Escola de Belas-Artes.

É uma história pouco conhecida no detalhe (...) na verdade são os ateliês de arquitetura, mais ou menos dez ou onze que saíram da Escola de Belas-Artes, e desses dez ou onze eram três ateliês internos e os demais eram ateliês externos. Cada um deles gerou uma escola de arquitetura (TABET, 2020).

A imagem a seguir sistematiza a transição da *Beaux-Arts* para as novas escolas de arquitetura França:

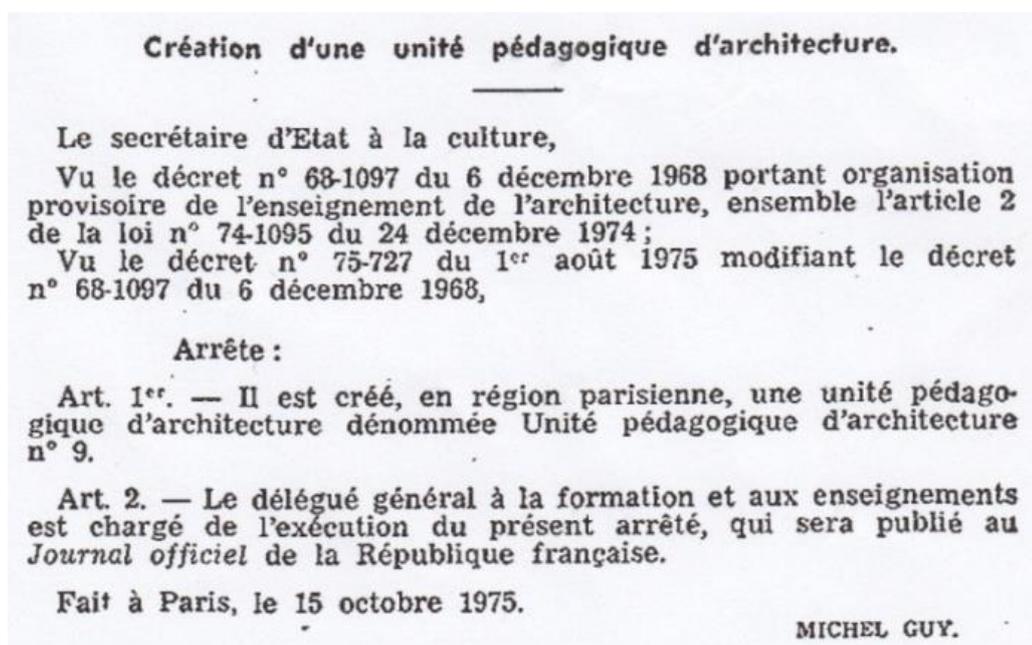
Figura 9 - Evolução das Escolas de Arquitetura de Paris depois de 1968.



Fonte: https://www.grandemasse.org/?c=actu&p=ENSBAENSA_genese_evolution_enseignement_et_lieux_enseignement.

⁵Marco Tabet em entrevista à autora em 04.06.2020.

Figura 10 - Portaria relativa à criação da UPA 9, publicação no Jornal Oficial de 23 de outubro de 1975.



Fonte: https://www.grandemasse.org/?c=actu&p=ENSBA-ENSA_genese_evolution_enseignement_et_lieux_enseignement.

De acordo com Miller as U.P.A.s receberam o nome de *École d'Architecture* (E.A.) em 1986 e foram denominadas de *École National Supérieure d'Architecture* (E.N.S.A.) em 2005, coordenadas e subsidiadas pelo Ministério da Cultura, permanecendo com esta denominação até os dias atuais. As reformas empreendidas após o movimento estudantil de 1968 visaram mais particularmente o ensino de Arquitetura, portanto dissociado da Escola Nacional de Belas Artes (SAMOYAULT-MILLER, 2015). Em 1984, houve uma reforma no sistema de ensino francês no qual o curso de arquitetura foi dividido em dois ciclos: o primeiro era realizado em dois anos, conferindo ao arquiteto o diploma de estudos fundamentais em arquitetura, e o segundo consistia em três anos de estudos que garantia ao arquiteto, após a entrega de um trabalho final, o diploma de DPLG, ou seja, o curso era realizado em cinco anos.

As Escolas Nacionais Superiores de Arquitetura (E.N.S.A.s) buscam valorizar o ensino da arquitetura através de pesquisas, incentivos à cultura, promovendo o desenvolvimento técnico e científico nas suas variadas dimensões, buscando formar profissionais aptos a atuarem não apenas em âmbito nacional, mas também internacional, buscam a vinculação de parcerias e concursos com outras instituições a fim de contribuir para a cultura, economia, sociedade e meio ambiente.

Durante quase três décadas, a formação da *École des Beaux-Arts* foi o padrão máximo para a formação de arquitetos, irradiando no mundo inteiro. Tabet relata que as reformas realizadas no ensino de arquitetura francês a partir de 1968 até a mais recente em 2018, enfraqueceram os conceitos presentes no ensino Belas-Artes e levou os arquitetos a uma formação mais científica do que prática, o que na visão do professor, foi um ponto negativo, pois para ele, o arquiteto tem que dominar o fazer projetual, muito mais, ou tanto quanto o saber científico. No entanto, mesmo com as diversas reformas realizadas no ensino de arquitetura na França, percebe-se a herança deixada pelo sistema *Beaux-Arts*, com uma forte produção voltada para o desenvolvimento de projetos de maneira livre, porém com a busca pelo rigor técnico e estético que ainda hoje permeia a formação dos arquitetos franceses.

2.2.1 École D'architecture Paris-La-Seine (École National Supérieure D'architecture Paris-Val-De-Seine)

Grégory Bousquet, Guillaume Sibaud, Olivier Raffaelli e Carolina Bueno se formaram na *École d'Architecture Paris-la-Seine*, derivada da *École des Beaux-Arts* de Paris, com ensino focado no desenvolvimento de projeto arquitetônico. A escola recebeu este nome no ano de 1986, e em 2001, através de um decreto oficial,⁶ recebeu o nome de *École d'Architecture Paris-Val-de-Seine*, resultado da junção da *École d'Architecture Paris-la-Seine* e *Paris-Conflans*, atualmente denominada de *École National Supérieure d'Architecture Paris-Val-de-Seine*. Soba supervisão do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação Nacional Ensino Superior e Pesquisa, a E.N.S.A. *Paris-Val-de-Seine* faz parte de uma rede de aproximadamente 20 E.N.S.A.s (Escolas Nacionais Superiores de Arquitetura), sendo uma das mais importantes. Samoyault-Miller afirma que além das 20 Escolas Nacionais de Arquitetura, o ensino de Arquitetura na França também é oferecido em outras duas escolas, sendo uma pública, a escola pública do Instituto Nacional de Ciências Aplicadas de Estrasburgo (I.N.S.A.), sob a supervisão do ministério responsável pelo ensino superior, e a outra particular, a Escola Especial de Arquitetura de Paris (E.S.A.).

Localizada, atualmente, ao longo do Rio Sena, a *École d'Architecture Paris-la-Seine* passou por uma reforma em 2007 que lhe conferiu um prédio anexo onde hoje acomoda anfiteatro, salas de aula e oficinas, e o edifício antigo que foi restaurado, abrigando salas de

⁶Disponível em:

<http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http%3A%2F%2Fwww.archi.fr%2FECOLE%2FValdeSeine.html>.

exposições, centros de recursos e uma biblioteca.⁷ De acordo com Marco Tabet, a escola funcionava com seis ateliês, cinco no prédio da Rua Jacques-Callot, que era o prédio dos ateliês externos e um dentro da Escola de Belas-Artes em face do Louvre que era um atelier interno. O professor afirma que atualmente, a escola possui vários ateliês que seguem um programa, mas que têm uma pedagogia particular.

Figura 11- Escola Nacional de Arquitetura de Paris-Val-de-Seine.



Fonte:

https://www.grandemasse.org/?c=actu&p=ENSBAENSA_genese_evolution_enseignement_et_lieux_enseignement.

O sistema de ensino na *École d'Architecture Paris-la-Seine* era baseado no desenvolvimento de projetos em ateliês, juntamente com outras disciplinas ministradas em salas de aula. Por ser derivada da Belas-Artes, a escola tem o projeto como um ponto forte do currículo, portanto a carga-horária dos ateliês era maior do que as demais disciplinas. Tabet afirma que a carga-horária dos ateliês valia sete pontos, em média, enquanto que as demais disciplinas valiam 1,5. De acordo com o professor, as atividades de projeto eram desenvolvidas anualmente e a cada ano um número determinado de projetos deveria ser desenvolvido pelos alunos, cujas complexidades aumentavam a cada etapa. Estes projetos eram acompanhados do *recit* –“um enunciado, uma história, uma maneira de abordar, uma análise, um ponto de vista (TABET, 2020)”– que sintetizava o partido do projeto. “Na escola o *recit* é privilegiado porque é o que dá caráter conceitual do projeto, que sintetiza o partido”. Tabet lembra que o *recit* dos arquitetos franco-brasileiros era um enunciado mais pop, muito mais figurativo na maneira de abordar (TABET, 2020).

⁷Informações retiradas do site da Universidade. <https://www.paris-valdeseine.archi.fr/ecole-nationale-superieure-darchitecture-paris-val-de-seine/lecole-darchitecture-en-quelques-mots.html>

No primeiro ano eram desenvolvidos em torno de dezessete projetos. No segundo ano, os alunos deveriam produzir projetos menos complexos. No terceiro ano os projetos eram mesclados entre projetos menores de arquitetura, um projeto de urbanismo em duas fases e quatro fases de projetos mais complexos, enquanto assistente. No quarto ano os alunos deveriam desenvolver projetos maiores, um projeto de urbanismo em duas ou três fases e um projeto mais complexo em quatro fases, enquanto assistente. No quinto ano era apenas um projeto grande, enquanto chefe de equipe de três, quatro ou cinco alunos. E no sexto ano eles recebiam o diploma. Além disso, em cada ano era possível eliminar um tema e trocar por um concurso, por exemplo, na ocasião do quarto ou quinto projeto os alunos poderiam apresentar a entrega que eles tinham feito para algum concurso que estava sendo anunciado, como concurso para estudante, de iniciativa privada, etc. Então o número de projetos que eles fizeram na escola é muito alto, o que explica a boa base de projeto que eles tinham quando saíram da escola, base esta aprofundada com a participação em diversos concursos (TABET, 2020).

Tabet era responsável pelo atelier *Marrou* e os estudantes que formaram o *Triptyque* eram de outro atelier, mas foram acompanhados pelo professor durante todo o curso.

Como eu expus o trabalho deles a gente se aproximou e daí pra frente sempre tivemos em contato, acompanhei a trajetória deles aqui, depois quando eles foram para o Brasil, até certa época, até a construção daquele edifício na av. Europa, edifício de publicidade. A última vez que conversamos foi por ocasião do projeto daquele edifício da Rua Fidalga, esse foi o projeto que a gente discutiu na mesa com o Grégory e a Carolina. Mas depois eu não me lembro mais da gente ter sentado para discutir projeto (TABET, 2020).

Ao longo da formação Guillaume, Greg e Olivier participavam de exposições e eram acompanhados com entusiasmo pelo professor. Sobre a base conceitual dos projetos da *Triptyque*, Tabet afirma que o que está na base da obra destes arquitetos é a escola de *Beaux-arts*, cujo ensino era focado na pesquisa, sem limite, dentro do projeto. Segundo Tabet, não havia uma lógica calcada no funcionalismo, eles trabalhavam a análise e o enraizamento dos projetos, aprofundando-se em cada um, respondendo a cada enunciado. “Depois, a análise passava a um plano conceitual e o processo técnico entrava mais tarde (TABET, Monolito, 2015, p. 27).” De acordo com Bousquet, a formação na *École d’Architecture Paris-la-Seine* foi marcada pela liberdade de criação. No entanto, este modo de ensino não agradava ao todo os arquitetos franco-brasileiros, que sentiam ausência de conteúdo nas aulas, e compensavam esta falta indo para bibliotecas, museus e exposições na cidade. “A gente tentou compensar a falta de conteúdo indo, nós quatro nos museus, nas bibliotecas, participando de concursos

internacionais. Então a gente se autoformou com o suporte da Belas-Artes (BOUSQUET, 2018).”

Mesmo mantendo a herança do sistema Belas-Artes, o ensino de arquitetura na França passou por diversas reformas que alteraram o tempo de formação e os diplomas conferidos aos arquitetos. Atualmente, após a formação no ensino médio para acessar o ensino superior os alunos franceses devem cursar três anos de ensino para obter o diploma de *Baccalauréat*, caracterizado como o primeiro diploma universitário, concedendo acesso ao ensino superior na França.⁸ Até 2007, após concluir seis anos de curso os alunos de arquitetura recebiam o título de arquiteto DPLG (Diploma de Arquiteto formado pelo Governo), que lhes conferia o poder de gerenciar obras e projetos em seu nome, além de serem automaticamente inscritos na ordem dos arquitetos franceses.⁹ Após a obtenção deste diploma, era possível ao arquiteto fazer especializações que lhes conferiam o Diploma de Estudos Aprofundados (DEA), concedido até o ano de 2005. No ano de 2002, o ensino de arquitetura na Europa passou por uma reforma conhecida por LMD (*Licence, Master, Doctorat*), com o objetivo de unificar os currículos europeus e facilitar a mobilidade internacional dos estudantes.¹⁰ Esta reforma possibilitou aos estudantes o aproveitamento de créditos em universidades de diversos países da União Européia e do mundo, dividindo o ensino superior em três ciclos que correspondem à obtenção dos diplomas de *Licence, Master e Doctorat*, respectivamente.¹¹

O primeiro ciclo do LMD, *Licence*, é concluído em três anos e confere ao estudante o Diploma de Estudos em Arquitetura. O segundo ciclo, *Master*, é concluído em dois anos, sendo o segundo ano voltado para uma linha de pesquisa específica escolhida pelo aluno, e confere ao estudante o Diploma de Estado de Arquiteto, permitindo-o exercer a profissão, mas não o permite gerenciar obras ou projetos em seu nome. Para que um arquiteto com Diploma de Estado possa atuar de forma autônoma, é necessário cursar um ano adicional para obter uma licença de exercício chamada de “*Habilitation à la maîtrise d’oeuvre en nom propre*”, conferindo-lhe o título de Arquiteto HMONP, sendo o equivalente técnico ao extinto DPLG. O terceiro ciclo do LMD corresponde à obtenção do diploma de *Doctorat*, sendo concluído

⁸Criado em 1808, o bacharelado é um diploma do sistema educacional francês que tem a dupla característica de sancionar o fim dos estudos secundários e de abrir o acesso ao ensino superior. Constitui o primeiro diploma universitário. Disponível em: <https://www.education.gouv.fr/le-baccalaureat-premier-grade-universitaire-12020>. Acesso em: 29.06.2020.

⁹ Disponível em: <https://www.travauxlib.com/architecture/architecte/dplg-de-hmonp>. acesso em 28.06.2020.

¹⁰ Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 88, p. 961-975, Especial - Out. 2004 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 28.06.2020.

¹¹<https://www.bresil.campusfrance.org/diplomas-creditos-equivalencias>. Acesso em: 29.06.2020.

em três anos, e exige que o aluno escreva uma tese sobre um tema específico e realize seminários e estágios de pesquisa. A tabela seguinte representa a divisão dos ciclos, seus créditos e o tempo decorrido de cada um:

Figura 12 - Tabela do sistema europeu de transferência de créditos acadêmicos computáveis e transferíveis na Europa.

ANNÉES D'ÉTUDES	GRADES DIPLOMES	LE SYSTÈME LMD		
	9	18 semestres (+ 9 années)	• Diplôme d'État de Docteur en Médecine	
8	DOCTORAT 16 semestres (+ 8 années) 480 ECTS	• Doctorat Le Doctorat est délivré au sein d'une École Doctorale rattachée à une université, après avoir obtenu le diplôme national ou le grade de Master ou équivalent.	ÉCOLES DOCTORALES	
7				
6	12 semestres (+ 6 années)	• Diplôme de Docteur en Chirurgie dentaire • Diplôme de Docteur en Pharmacie	• Mastère spécialisé - MS • Master of Business Administration - MBA	• HMONP (Habilitation à exercer en son nom propre la maîtrise d'œuvre)
5	MASTER 10 semestres (+ 5 années) 300 ECTS	• Master recherche • Master professionnel • Titre d'ingénieur	• Titre d'ingénieur • Master of Science - MSc • Diplômes des écoles de commerce • Diplômes des Grandes Écoles	• Diplôme des Écoles d'art - DNSEP • Diplôme d'État d'architecte • Diplômes des écoles spécialisées (paramédical, social, tourisme...)
4				
3	LICENCE 6 semestres (+ 3 années) 180 ECTS	• Licence • Licence professionnelle		• Diplômes des Écoles d'art - DNAT - DNAP • Diplôme d'études en architecture
2	4 semestres (+ 2 années) 120 ECTS	• Diplôme Universitaire de Technologie - DUT	• Admission en première année des Grandes Écoles • Classes préparatoires aux Grandes Écoles - CPGE	• Diplôme des Écoles d'art - DMA • Brevet de Technicien supérieur - BTS, Brevet de Technicien supérieur Agricole - BTSA
1			Grandes Écoles Écoles de commerce Écoles d'ingénieur	Écoles d'art Écoles d'architecture Autres établissements (lycées, écoles spécialisées)
Fin d'études secondaires + Baccalauréat ou équivalent = entrée dans l'enseignement supérieur				
*Crédits ECTS (European Credit Transfer System): système européen de transfert de crédits académiques capitalisables et transférables en Europe (60 ECTS pour une année).				

Fonte: <https://www.bresil.campusfrance.org/diplomas-creditos-equivalencias>.

A tabela seguinte representa as alterações ocorridas após a reforma do LMD e a formação dos arquitetos da *Triptyque*:

Figura 13 - Tabela comparativa dos diplomas e anos de ensino das Escolas de Arquitetura na França, durante a formação dos arquitetos da Triptyque e após sua formação.

Comparação dos sistemas de ensino (anos de diplomas)					
Anos de curso	Na época de formação dos arquitetos da Triptyque (1991-1999)	Anos totais de curso (1991-1999)	Atualmente (2020)	Atualmente (2020)	Anos de curso
1 ano	DEA (concedido até 2005) equivalente atual ao 2º ano de máster.	9 anos	Doutorado (D)	3 anos	
6 anos	Formação em DPLG (concedido até 2007)	7 anos	Diploma de Estado + HMONP	1 ano	
	Seleção para a universidade	5 anos	Master	2 anos	
			Licence	3 anos	
			Seleção para a universidade		

Fonte: a autora, julho de 2020.

Grégory Bousquet tem o Diploma de Arquiteto (DPLG) e dois Diplomas de Estudos Aprofundados (DEA) - correspondentes a especializações – em Filosofia, pela Sorbonne (1999), e Teoria e Projeto de Arquitetura, pela *École d'Architecture Paris-Villemin* (1999). Olivier Raffelli e Guillaume Sibaud têm o Diploma de Arquiteto (DPLG) e o Diploma de Estudos Aprofundados (DEA), ambos pelo *Institut of Urbanism of Paris* (1999). Carolina Bueno possui o Diploma de Arquiteta (DPLG). Isto significa que estes arquitetos estudaram em média oito anos antes de se inserirem no mercado de trabalho.

A formação acadêmica dos arquitetos da *Triptyque* foi fortemente marcada pelo desenvolvimento de projetos baseados em um estilo livre de concepção. Percebe-se que tal método de ensino proporcionou aos arquitetos uma capacidade de olhar para cada projeto e desenvolvê-lo como algo único que deveria ser estudado com profundidade, buscando soluções diferenciadas que atendessem às necessidades de cada demanda. Tal formato, segundo Tabet, posicionou-os em um local diferenciado na arquitetura brasileira e propiciou uma rápida ascensão do grupo no mercado.

2.2.2 Início Da Atividade Profissional

O mercado de arquitetura na França é marcado por concursos públicos e privados. Há o mercado particular voltado às outras áreas, mas o que marca a arquitetura francesa atualmente são os concursos, que fazem parte da cultura francesa, diferente do Brasil onde o mercado é voltado basicamente para os empreendimentos imobiliários privados. Isto porque as cidades francesas possuem um tecido urbano definido e com arquitetura voltada para restaurações e intervenções em edifícios existentes, exigindo uma postura de arquitetura de reinvenção do existente. De acordo com Carolina Bueno os concursos funcionam da seguinte maneira: os arquitetos submetem a proposta no site oficial do concurso que desejam participar, enviam suas referências com um book contendo todos os documentos técnicos e são escolhidos de três a cinco arquitetos para participar. Quem escolhe os arquitetos é uma equipe técnica da própria prefeitura das cidades ou dos órgãos públicos que organizam os concursos. Os participantes têm dois meses para produzir o projeto preliminar conceitual, já com os engenheiros envolvidos e fazer a primeira entrega. Quando a submissão do trabalho é feita para a inscrição no concurso a equipe técnica já tem que estar formada. A decisão é tomada a partir deste projeto preliminar.

A falta de possibilidades amplas de criação de projetos “novos”, e a busca pela possibilidade de explorar novos conceitos, materiais, liberdade de expressão, etc., levou os arquitetos da *Triptyque* a almejarem outros lugares para atuar. Em 1999, Olivier Raffaelli teve o primeiro contato com o Brasil, ficando encantado com sua cultura e a exuberância da natureza. Em entrevista à *Monolito*,¹² o arquiteto afirmou que este contato com país mostrou-lhe um lugar com enorme potencial de desenvolvimento e, como urbanista, viu grandes possibilidades de realização profissional. O fato de Carolina Bueno ser brasileira impulsionou o quarteto a migrar para o Brasil, onde fundaram o escritório no ano de 2000, estabelecendo-se no Rio de Janeiro, onde permaneceram até meados de 2002, quando se transferiram para São Paulo. No Rio de Janeiro, no bairro das Laranjeiras,¹³ ainda muito jovens e desconhecidos no mercado, eles iniciaram os trabalhos fazendo maquetes em 3D para outros escritórios, pois, segundo Bousquet, naquela época, praticamente ninguém trabalhava com maquetes virtuais, o que foi um ponto positivo para o estabelecimento dos jovens arquitetos.

¹²Editorial arquitetônico brasileiro, cujas edições são focadas em obras e arquitetos. Com publicação bimestral e bilíngue (português e inglês). Seu editor é o crítico de Arquitetura Fernando Serapião.

¹³Informação disponível em: arqpb.blogspot.com, acesso em março de 2020.

A carreira profissional da *Triptyque* começou de fato no Brasil (TABET, 2020), no entanto os arquitetos participavam de concursos e realizavam projetos também na França.

O primeiro trabalho brasileiro de destaque do escritório foi o projeto para o Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, que a equipe realizou em um concurso fechado organizado pela diretoria do museu. O grupo saiu-se vencedor, mas o projeto não foi executado, pois, de acordo com Fernando Serapião, faltaram recursos (SERAPIÃO, 2015, p. 23). Outro trabalho que marcou esta fase dos arquitetos no Brasil foi a concepção da fachada da H.Stern, no Rio de Janeiro. Na ocasião, Roberto Stern, dono da H.Stern, contactou os arquitetos para a realização de um mapa turístico da cidade em 3D e eles acabaram oferecendo também uma proposta para a fachada da loja que foi aceita pelo empresário. Com isto, o quarteto ganhou visibilidade, e iniciou a carreira profissional, realizando projetos em diferentes áreas da arquitetura.

Figura 14 - Fachada da H.Stern Rio de Janeiro, projetada pela Triptyque, no ano de 2020.

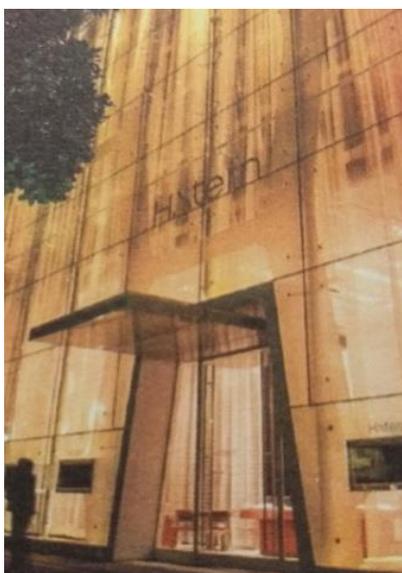


Figura 15 - Projeto para o Concurso do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, em 2000.



Fonte: Monolito, 2015, ed. 28, *Triptyque*. Fonte: Monolito, 2015, ed. 28, *Triptyque*.

No ano de 2002 os sócios transferiram o escritório para São Paulo – pela maior demanda de projetos¹⁴- instalando-se em uma casa na Av. Europa, onde iniciaram as atividades no mercado arquitetônico da cidade, contando com uma pequena equipe de colaboradores. Nesta primeira fase da *Triptyque* os arquitetos tiveram oportunidade de projetar produtoras de vídeo, lojas de roupas, salão de beleza, *stands*, interiores de apartamentos para DJs, e a boate D-Edge (SERAPIÃO, 2015, p.24). D-Edge é um clube

¹⁴Informação disponível em: arqpb.blogspot.com, acesso em março de 2020.

noturno, localizado na Av. Auro Soares, em São Paulo, com área de 450m². Como solução arquitetônica para este projeto, os arquitetos elevaram o bloco principal do piso, liberando o pavimento térreo para o gerenciamento do acesso ao local, reservando uma área para a compostagem,¹⁵ incentivando a criação de biomassa, integrando o edifício aos conceitos de desenvolvimento sustentável. O bloco soerguido do solo é fechado por estruturas de policarbonato que possibilitam a entrada da luz natural, diminuindo a necessidade do uso de iluminação artificial. Após algum tempo o projeto necessitou de uma ampliação que foi realizada por Muti Randolph¹⁶ em parceria com Marcelo Pontes,¹⁷ Zemel¹⁸ e Eduardo Chalabi.¹⁹

Figura 16 - Corte longitudinal, D-Edge após projeto de ampliação.



Fonte: archdaily.com.

Figura 17 - Corte transversal, D-Edge após projeto de ampliação.



Fonte: archdaily.com.

¹⁵De acordo com a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), compostagem consiste na decomposição de resíduos animais e vegetais, resultando na produção de adubo orgânico. É uma prática aliada à produção sustentável.

¹⁶Muti Randolph é designer gráfico formado pela PUC, e trabalha com designer de interiores. Seus projetos são marcados por design orgânico, iluminação e ilustrações em 3D.

¹⁷Marcelo Pontes é arquiteto e urbanista formado pela USP, atuante em diversas áreas de arquitetura, cenografia, eventos e instalações artísticas.

¹⁸Zemel + Arquitetos é um escritório paulista que faz projetos em diversas áreas da arquitetura.

¹⁹Eduardo Chalabi é arquiteto formado pela FAU/USP no ano de 2000, e vem atuando em diversas áreas da arquitetura, juntamente com arquitetos de grande relevância no mercado.

Figura 18 - Interior do D-Edge.



Fonte: triptyque.com.

Figura 19 - Interior do D-Edge.



Fonte: triptyque.com.

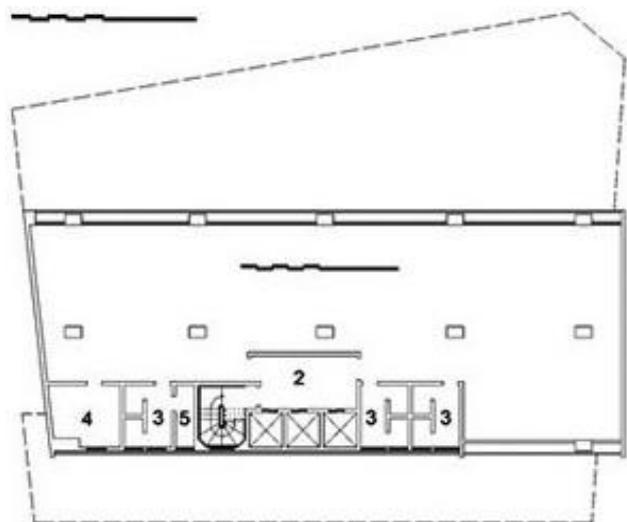
Atualmente a *Triptyque* ocupa os dois últimos pavimentos do Edifício Renata Sampaio Ferreira, na Rua Araújo, 216, 9º andar, bairro da República. O escritório abriga uma equipe de aproximadamente 90 pessoas, entre sócios, arquitetos colaboradores, estagiários e demais membros. O edifício Renata Sampaio, é projeto de Oswaldo Bratke, um dos grandes destaques da arquitetura moderna brasileira.

Figura 20 –Foto edf. Renata Sampaio Ferreira.



Fonte: Archdaily.com.br.

Figura 21 - Planta tipo da torre 1.



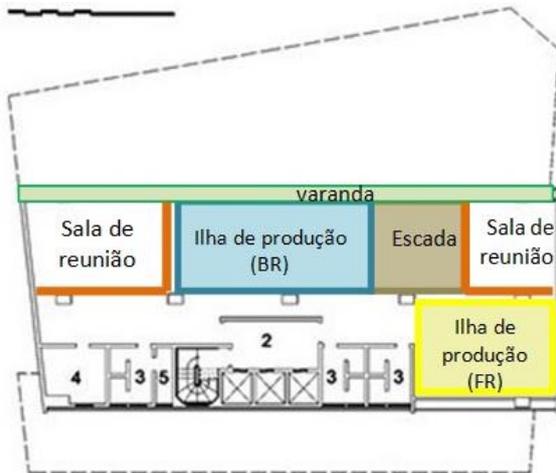
Legenda:

- 2 - Hall de entrada;
- 3 - Banheiros;
- 4 - Copa;
- 5 - Depósito/Dispensa.

Fonte: Vitruvius.com.br.

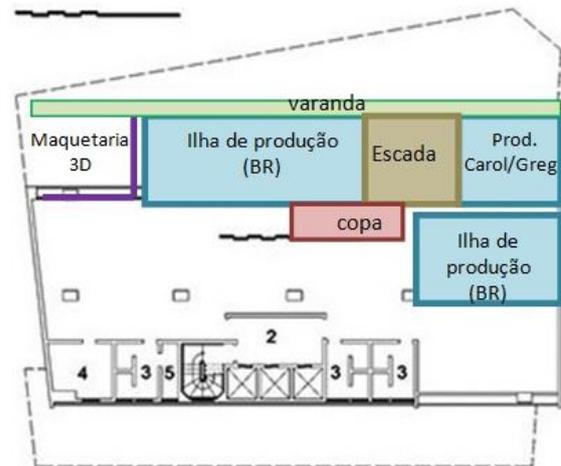
A ocupação pelo escritório dos dois pavimentos do escritório segue o seguinte zoneamento:

Figura 22 - Disposição do primeiro pavimento da sede da *Triptyque* em São Paulo.



Fonte: a autora, julho de 2019.

Figura 23- Disposição do segundo pavimento da sede da *Triptyque* em São Paulo.



Fonte: a autora, julho de 2019.

Após os primeiros anos de trabalho e com projetos que buscavam inovação e preocupação com o meio ambiente, a *Triptyque Architecture* estabeleceu-se no mercado arquitetônico paulistano, ganhando relevância e destaque que lhe abriu as portas para projetos maiores. Na capital paulista, o momento era oportuno para a consolidação dos arquitetos, pois, o mercado imobiliário paulista vinha mudando, de forma a possibilitar um maior protagonismo do arquiteto como agente de desenvolvimento da cidade (ALVES, 2017, p.55). A autora destaca a participação ativa do Movimento Um como fundamental para esta retomada. O Movimento Um consistiu em um grupo formado por Otávio Zarvos, Roberto Cazarin e a CP3 que se uniram com o objetivo de criar edifícios com arquitetura autoral, em terrenos pequenos, capazes de mudar a paisagem em seus entornos, e que deveriam se portar de maneira economicamente inteligente para se manterem a longo prazo (ALVES, 2017, p.52).

Para a realização do primeiro projeto do grupo foi realizado um concurso fechado – remunerado – em que foram convidados os escritórios Andrade Morettin, *Triptyque* e Una Arquitetos (ALVES, 2017, p.51). O Andrade Morettin é um escritório paulista, com arquitetos formados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAU-USP); o Una Arquitetos é um escritório também paulista, igualmente formado pela FAU-USP, que produz trabalhos em várias escalas e vem ganhando notoriedade no cenário nacional. Estes escritórios foram escolhidos por serem jovens e terem uma visão inovadora da arquitetura. A *Triptyque* saiu-se vencedora do concurso, no entanto, a falta de experiência com o mercado imobiliário

brasileiro e com as leis urbanísticas fez com que os arquitetos franco-brasileiros fossem desclassificados um mês e meio após o resultado do concurso, levando o Andrade Morettin a ser convidado para assumir o projeto - um edifício na Rua Aimberê, em São Paulo.

Figura 24– Edf. Aimberê 1749, São Paulo, projeto do Andrade Morettin



Fonte:
<https://www.andrademorettin.com.br/projetos/edificio-rua-aimbere/>.

Figura 25– Edf. Aimberê 1749, São Paulo, projeto do Andrade Morettin



Fonte:
<https://www.andrademorettin.com.br/projetos/edificio-rua-aimbere/>.

Apesar de desoladora, esta experiência serviu como um impulso para que os arquitetos franco-brasileiros voltassem os olhos para as legislações construtivas, plano diretor da cidade de São Paulo, estudos de viabilidades, etc., fortalecendo a expertise da equipe. Sobre esta primeira fase do escritório, Bousquet afirma, em uma de suas entrevistas, que o grupo teve que “reaprender” a maneira de projetar para poder se adequar ao mercado imobiliário brasileiro.

(...) a gente apanhou anos e anos para conseguir levantar a cabeça e construir mesmo. Passamos por uma fase mais de interior design, de fazer lojas, boates, que era super legal na época, mas tem um momento que começa a cansar porque a gente queria fazer arquitetura. E essa falta de conhecimento das leis, no início, eu acho que conduziu um pouquinho a esse direcionamento. Tivemos que aprender, sermos mais maduros, sermos vistos como arquitetos mais sérios depois de 10 anos (Bousquet, 2019).²⁰

Um dos membros do Movimento Um, Otávio Zarvos, no entanto, dando continuidade a estes ideais criou a incorporadora Idea!Zarvos que retomou o contato com a *Triptyque* e fez

²⁰Grégory Bousquet em entrevista para webinar com Fernando Serapião. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kok9T5n2Dcs>. Acesso em janeiro de 2020.

o primeiro empreendimento em parceria com os arquitetos, o Fidalga 727, edifício residencial multifamiliar localizado na Rua Fidalga, na Vila Madalena, em São Paulo. Após este edifício e com a experiência de mercado adquirida pelos arquitetos, a Idea!Zarvos contratou a *Triptyque* para fazer o projeto do edf. Arapiraca – POXYZ 22 – também na Vila Madalena, em São Paulo.

Desde então continuaram trabalhando com o escritório em outros empreendimentos, na Vila Madalena. Além dos projetos com a Zarvos, a *Triptyque* realizou trabalhos notáveis que lhes conferiram destaque no cenário da arquitetura brasileira. Os projetos da agência Loducca, na Rua Colômbia 325, no Jardins, e do edf. Harmonia 57, na Vila Madalena, em São Paulo são exemplos desta fase da produção do escritório, em que se destaca o uso dos materiais e a relação com o entorno, no primeiro, e os conceitos de sustentabilidade, materiais e relação com a rua, no segundo. Estes dois projetos serão abordados mais detalhadamente no capítulo 3 deste trabalho.

O escritório ganhou força, consolidando-se no Brasil, no entanto os trabalhos na França corriam em paralelo e atingiram uma demanda tal que foi necessário aos arquitetos dividirem o grupo para assumir os projetos nos dois países. Neste caso, foi criada uma sede da *Triptyque* em Paris, quando no ano de 2008, Sibaud e Olivier mudaram para a França para comandar a sede parisiense do escritório junto com uma equipe de aproximadamente 20 pessoas. Desta maneira os arquitetos estão em constante intercâmbio, a fim de atender as demandas das duas sedes sem perder a essência do escritório. Na sede de São Paulo, há uma equipe de aproximadamente 20 arquitetos colaboradores que trabalham exclusivamente para os projetos da França, de maneira remota, auxiliados pelo Bousquet e pela Carolina.

2.2.3 Concursos

Além de uma produção marcada pelo desenvolvimento intenso de projetos, a *Triptyque Architecture* apresenta considerável histórico de participação em concursos nacionais e internacionais, palestras e premiações.

Figura 26- relação de premiações concedidas ao escritório até 2008.

PREMIAÇÕES

VENICE ARCHITECTURE BIENNALE, BRAZIL PAVILION SELECTION Italy 2018	SAINT-GOBAIN INNOVATION & SUSTAINABLE MASTERPRIZE Brasil 2018	"LARGEST INTERNATIONAL ARCHITECTURAL FIRMS OUTSIDE THE STAR SYSTEM" By AIAC Press / International, Italy 2014	SIMI MASTER PRIZE France 2012	AJANY NEW PRACTICES AWARDS AIA New York, USA 2011	LAUREATE ZUMTOBEL "BUILT ENVIRONMENT" Austria 2010	SÃO PAULO ARCHITECTURE BIENNALE, MASTER PRIZE Brazil 2009	"20 ARCHITECTS MAKING THE FUTURE" Icon magazine UK 2009	NAJA Ministry of Culture, France 2008
--	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: arquivo do escritório, agosto de 2019.

Figura 27 - relação de palestras proferidas pelo escritório até 2015.

PALESTRAS

Urbanismo Ecológico, "Adaptar e Interagir" | São Paulo, Brasil, jul 2015

Rio Academy, Internacional Forum de Urbanismo e Arquitetura | Rio de Janeiro, Brasil, jul 2015

Brasil, mon amour | Rio de Janeiro, Brasil, out 2015

Fórum de Debates Brasileiras, org. Metrôpoles: "Como prepará-las para serem cidades agradáveis?" | São Paulo, Brasil, out 2015

Palestras Docool | Curitiba / Recife / Brasília / Salvador / Belo Horizonte / Florianópolis / Porto Alegre, Brasil, 2014

AK - Bienal de Veneza | Veneza, Itália, jun 2014

Armolet # 2 | Nauquén, Argentina, mai 2014

Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis, Brasil, ago 2013

IAB Clube Mais | Ribeirão Preto, Brasil, ago 2013

2013

AK - 05 "Import Export" | Paris, França, dez 2012

Pavillon de l'Arsenal | Paris, França, out 2012

f:1 Berliner Architekturbiologie | Berlin, Alemanha, fev 2012

Ciela | San José, Costa Rica, abr 2012

Distopia | Maracaibo, Venezuela, fev 2011

Batimat | Paris, França, nov 2011

Bienal de Buenos Aires 2011 | Buenos Aires, Argentina, out 2011

NY new practices 2011 | Nova York, Estados Unidos, out 2011

Helsinki Designweek | Helsinki, Finlândia, set 2011

Projeto 481 no Museu de Arte Moderna | São Paulo, Brasil, jul 2011

Faculdade de Arquitetura, Artes, Design e Moda FAAP | São

Fórum Jovens Arquitetos Latino Americanos | Fortaleza, Brasil, mai 2013

Architecture Association School of Architecture | Londres, Inglaterra, nov 2013

Universidade Católica de Goiás - PUC-GO | Goiânia, Brasil, jun 2013

Movimento HotSpot | Recife, Brasil, junho 2013 e Belém, Brasil, jul 2013

Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas | Belo Horizonte, Brasil, jun 2013

Universidade Federal de Alagoas | Maceió, Brasil, mai 2012

ARGEMACANA no Museu de Casa Brasileira | São Paulo, Brasil, mai 2012

FAU Anhembí Morumbi | São Paulo, Brasil, ago 2012

Eco-Arquitetura, Bienal de Bucarest | Bucarest, Romênia, mai

Paulo, Brasil, out 2010

Congresso do Instituto Brasileiro de Arquitetura | Recife, Brasil, jun 2010

London Festival of Architecture 2010 | Londres, Inglaterra, jun 2010

Conferência V&A Londres | Londres, Inglaterra, jun 2010

Congresso Internacional de Arquitetura Arquiva (Re-Think) | Cidade de México, México, mar 2010

Associação dos Arquitetos de Oslo | Oslo, Noruega, nov 2009

Ciela | Buenos Aires, Argentina, out 2009

Faculdade de Arquitetura e de Urbanismo USP | São Paulo, Brasil, out 2009

Conferência Internacional de Arquitetura França-Brasil | Brasília, Brasil, set 2009

Semana de Arquitetura - PUC Minas | Belo Horizonte, Brasil,

set 2009

Marathon Latino-Americano de Arquitetura | Lima, Peru, set 2009

Instituto Brasileiro de Arquitetura de Brasília | Brasília, Brasil, nov 2008

Semana de Arquitetura da Universidade Mackenzie | São Paulo, Brasil, out 2008

Faculdade de Arquitetura e de Urbanismo Belas Artes | São Paulo, Brasil, mai 2008

Bienal de Arquitetura de Quito | Quito, Equador, nov 2008

Conferência Internacional Ciela: Universidade De la Salle Bajío | Leon, México, out 2008

Fonte: arquivo do escritório, agosto de 2019.

No rol dos concursos realizados pelo escritório, destaca-se a participação dos arquitetos no *Inventions la Métropole du Grand Paris*, concurso de modelo público-privado, realizado em 2015, pela Prefeitura de Paris.²¹ A proposta foi vender imóveis subutilizados para empreendedores privados, a fim de promover inovação e sustentabilidade para a população, com a perspectiva de criação de novos ambientes urbanos e econômicos. Na ocasião do concurso, foram selecionados 55 projetos, com 153 finalistas e 51 projetos vencedores, voltados para esporte, lazer, cultura e natureza.²² A *Triptyque* saiu-se vencedora em segundo lugar no concurso, com o projeto para o edifício ECOTONE. De acordo com o site do evento, este projeto é financiado pela empresa Phalsbourg, que desenvolverá, juntamente com os arquitetos da *Triptyque* e outras três equipes, um centro de excelência biomimética baseado em um processo de inovação que consiste em buscar soluções sustentáveis produzidas a partir da natureza.

Figura 28 - maquete virtual do ECOTONE.



Fonte: triptyque.com.

Considerado como a maior construção de madeira da Europa, o ECOTONE (2017-2023) será um centro biomimético,²³ destinado à pesquisa e observação da natureza, a fim de desenvolver novas tecnologias e materiais que visam o cuidado com o meio ambiente. O

²¹Disponível em: metropolegrandparis.fr/fr/inventions-la-metropole-du-grand-paris-53. Acesso em janeiro de 2020.

²²Disponível em: sustentarqui.com.br/ecotone-projeto-premiado-da-triptyque/. Acesso em janeiro de 2020.

²³ Biomimética é um termo que surgiu nos anos 1950, com o acadêmico norte-americano Otto Scimitt, para descrever a transferência de idéias da biologia para a tecnologia. Atualmente, a biomimética está presente em diversas áreas como engenharia, arquitetura, mobilidade urbana, etc. além de sustentável a biomimética tem relação com o consumo consciente, em que os produtos devem ter um ciclo completo sem desperdícios, tal qual acontece com o meio natural. Fonte: akatu.org.br. acesso em outubro de 2020.

terreno destinado ao edifício é localizado na entrada Sul de Paris, que tem se destacado por sediar empreendimentos na área de saúde. De acordo com os arquitetos, o edifício será construído em madeira, moldando-se ao relevo existente, acomodando-se entre duas colinas, com vários terraços e pátios que buscam a luz natural para dentro edifício. Previsto para ser inaugurado em 2023, será um marco em termos de sustentabilidade na Europa, representando o comprometimento da cidade com desenvolvimento sustentável. O projeto foi desenvolvido em parceria com Duncan Lewis, Parc Architects e OXO Architects.²⁴

Figura 29 - maquete virtual do ECOTONE.



Fonte: triptyque.com.

Figura 30 - maquete virtual do ECOTONE.



Fonte: triptyque.com.

²⁴Duncan Lewis é um arquiteto francês ligado à arquitetura ecológica; Parc Architects é um escritório sediado em Paris e trabalha com projetos de planejamentos urbanos, edifícios públicos, residências e escritórios; E o OXO foi fundado por Manal Rachdi, renomado arquiteto francês conhecido pelo seu talento e por trabalhar com grandes nomes da arquitetura como Jean Nouvel, Duncan Lewis e Du Besset Lyon. Estes três são grandes referências da arquitetura francesa contemporânea.

Neste projeto os arquitetos buscaram criar uma ligação com a natureza, integrando a construção ao terreno, acomodando o edifício em seu relevo. “Nosso projeto é fazer neste local privilegiado o elo entre a cidade e a natureza e construir um edifício que desempenhe o papel de interface entre esses dois ambientes (TRIPTYQUE, 2018).”²⁵ O ECOTONE foi pensado de maneira a ser escalonado, marcado por terraços e pátios internos, com vegetações integradas ao edifício. Seu programa será dividido em uma área de 81.870m² de área útil que comportarão atividades de *co-working*, restaurantes, lojas, um hotel, uma residência para os pesquisadores e trabalhadores e uma creche (TRIPTYQUE, 2018).

A partir deste projeto, percebe-se a relação dos arquitetos estudados com os aspectos ambiental e tecnológicos, de inovação e estruturais. É visto que eles têm uma participação relevante no cenário internacional, mostrando-se conectados com o que há de mais recente produzido no mundo. Acredita-se que estas características permitam ao escritório conceber uma arquitetura no Brasil que esteja cada vez mais ligada aos aspectos ambientais, tecnológicos e internacionais. “A arquitetura é inspirada pela natureza, dos ninhos das aves às colméias, a natureza sabe melhor do que os humanos como projetar seu habitat, garantindo usos estruturais, térmicos e excepcionais (TRIPTYQUE, 2018).”²⁶

No Brasil os arquitetos participaram de vários concursos, dentre os quais destacamos o Concurso Público Nacional de Arquitetura para Novas Tipologias de Habitação de Interesse Social e Sustentável, criado em 2010, pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) e organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil do Estado de São Paulo (IAB/SP). Diferentemente da França, os concursos no Brasil são, em grande parte, de caráter público, voltados para instituições do governo, escolas e habitações populares. O Concurso do CDHU teve como objetivo abordar a criação de novas tipologias habitacionais visando um modelo de urbanismo mais estruturado em relação ao crescimento desordenado das cidades brasileiras. Neste âmbito, foi proposta a criação de seis grupos²⁷ de tipologias que abrangeram casas térreas, casas escalonadas, sobrados, edifícios de três, quatro, seis e sete pavimentos, sendo apresentados 61 trabalhos organizados em grupos, nos quais a *Triptyque* saiu-se vencedora na categoria de edifícios com quatro e cinco

²⁵Disponível em: <http://triptyque.com/fr/conference/>. Acesso em janeiro de 2020.

²⁶Op. Cit.

²⁷Estes grupos foram distribuídos da seguinte maneira: grupo 1 (Casas Térreas, com 10 projetos), Grupo 2 (Casas Escalonadas, com 07 projetos), grupo 3 (sobrados, com 11 projetos), grupo 4 (edifícios de 3 pavimentos, com 09 projetos) grupo 5 (edifícios de 4 pavimentos, com 14 projetos) e finalmente grupo 6 (edifícios de 6 e 7 pavimentos, com 10 projetos).

pavimentos.²⁸ Segundo a ata de julgamento do concurso, a *Triptyque* saiu-se vencedora devido à qualidade e pertinência das soluções arquitetônicas e urbanísticas apresentadas.

Figura 31 - maquete virtual do projeto apresentado pela Triptyque para o concurso do CDHU.



Fonte: vitruvius.com.

De acordo com Fernando Serapião (SERAPIÃO, 2015, p.58), o terreno para a implantação do projeto definido pelo concurso para esta categoria seria no Capão Redondo, zona sul de São Paulo, no entanto, os participantes deveriam simular a implantação da solução para outros terrenos. Para isto os arquitetos franco-brasileiros adotaram soluções arquitetônicas com características replicáveis, utilizando estrutura em concreto armado pré-fabricado e painéis de vidro, com tipologias que otimizassem a ventilação natural e cruzada.

O objetivo seria criar um formato de condomínios que pudessem ser construídos em zonas de expansão, voltados para uma população de aproximadamente 600 habitantes/hectare, que estivessem em conexão com os eixos viários dessas novas zonas. Desta forma, foi proposta a construção de unidades habitacionais paralelas e alinhadas às vias de circulação, delimitando vazios centrais voltados para as atividades comuns dos moradores como comércio, bicicletário, lazer, etc. Além disso, o conjunto ficaria diretamente ligado com a cidade, uma vez que através da organização espacial das unidades habitacionais, os arquitetos não fizeram uso de muros ou cercas de delimitação, conferindo permeabilidade urbana ao conjunto. Com este objetivo, também foram propostas áreas de comércio nas extremidades dos edifícios que ficaram organizados em térreo comercial e pavimento tipo residencial.²⁹

²⁸ Para a avaliação dos projetos, a equipe julgadora considerou aspectos como implantação do terreno, programa de necessidades, legislação de edificação e normas gerais, acessibilidade, contribuição técnica construtiva, conforto ambiental, qualidades urbanas do conjunto arquitetônico, sustentabilidade, ecologia e custo da obra conforme parâmetros definidos pelo CDHU. Disponível em: https://concursosdeprojeto.files.wordpress.com/2010/09/ata_cdhu.pdf. Acesso em janeiro de 2020.

²⁹ Disponível em vitruvius.com.br. Acesso em fevereiro de 2020.

Figura 32 - Planta de zoneamento do projeto para o CDHU.



Fonte: <https://pt.slideshare.net/arqprojetoV/vi-concurso-cdhu-e-tetris>.

O projeto, composto por quatro blocos de edifícios ordenados dois a dois entre si, com dimensões de 40,00m x 8,50m, separados por vazios centrais, com circulação externa marcada por passarelas e elevadores, apresenta apartamentos com áreas entre 60 e 70 m², com dois e três dormitórios, respectivamente, e varanda. O uso do espaço da varanda seria definido pelo usuário, podendo ser atividades produtivas diárias ou atividades comerciais, de modo a expressar a vida cotidiana dos moradores nas fachadas dos edifícios, proporcionado dinamicidade à composição.

Figura 33 - 3D da proposta realizada pela Triptyque para o concurso CDHU.



Fonte: vitruvius.com.br.

Para a solução arquitetônica foram inseridos mecanismos com vistas a permitir que o conjunto se apresentasse sustentável. Neste contexto, a implantação dos edifícios foi pensada de modo a garantir 50% de área natural permeável, foram introduzidos dispositivos com o objetivo de reduzir o consumo de água e energia, além de incentivar o reuso da água e a reciclagem dos resíduos sólidos. Os prédios foram pensados para possuírem dispositivos que possibilitassem a redução do consumo de água e energia, favorecendo o reuso da água e a reciclagem do lixo, e as unidades foram pensadas de modo a serem 100% acessíveis a cadeirantes. De acordo com os arquitetos, a concepção do prédio integra apartamentos biorientados, onde a ventilação natural cruzada é garantida por dispositivos fixos na parte alta das paredes, tornando dispensável a ventilação mecanizada. Painéis solares foram projetados nas lajes dos edifícios para o aquecimento da água utilizada para banho.

Figura 34 - Concurso Habitação para Todos. CDHU. Edifícios de 6/7 pavimentos - 2º Lugar.



Fonte: vitruvius.com.br.

É possível perceber neste projeto a busca por um diálogo com o entorno através da sua implantação e dinâmica própria, a preocupação com os aspectos ambientais de sustentabilidade, uma vez que foram pensados mecanismos e dispositivos que buscam o reuso e a otimização dos recursos naturais. No aspecto arquitetônico, foi buscada uma lógica estrutural de disposição de cada edifício de maneira a delimitar hierarquias de uso dos espaços e seus eixos. A proposta mostrou-se pertinente dentro dos parâmetros estabelecidos pela comissão organizadora do concurso.

Este capítulo apresentou a história da *Triptyque* desde a formação acadêmica dos arquitetos até a trajetória profissional. Com formação baseada no ensino Belas-Artes, os arquitetos fundadores da *Triptyque Architecture* têm uma produção focada no desenvolvimento intenso de projetos, onde se dedicam intensamente a cada um, adotando soluções das mais diversas, empregando técnicas sustentáveis, fazendo uso de materiais e tecnologias que proporcionam funcionalidade e inovação aos projetos.

A trajetória profissional dos arquitetos franco-brasileiros foi marcada por adequações a um sistema projetual e de leis que eles não vivenciaram na Universidade, pois foram formados em uma escola francesa, com um contexto cultural diferente do que é produzido no Brasil, onde se instalaram após a conclusão do curso. Mas, apesar das dificuldades de adequação a uma nova realidade, a equipe se estabeleceu no mercado e conquistou lugar de destaque no cenário da arquitetura nacional e internacional, com conceitos de arquitetura inovadores e sustentáveis, buscando relacionar a arquitetura à natureza, trabalhando em cooperação com profissionais de diversas áreas.

Os próximos capítulos traçam um panorama da trajetória profissional destes arquitetos no Brasil, assim como uma análise das principais obras produzidas por estes profissionais. Esta análise baseia-se em três categorias: o emprego de materiais, a relação das obras com seus entornos, e o emprego das técnicas de sustentabilidade. Acreditou-se que estas categorias representariam bem o que está na base da produção do escritório.

3 *TRIPTYQUE ARCHITECTURE BRASIL*

O capítulo anterior traçou um panorama da trajetória dos arquitetos da *Triptyque* desde a formação acadêmica do grupo até a consolidação do escritório no Brasil. O presente capítulo busca compreender o método projetual do escritório através de uma análise baseada no emprego de materiais, nas questões urbanas de relação com a cidade e o entorno das obras, e nas questões de técnicas sustentáveis. Buscou-se também observar as influências da arquitetura brasileira nas obras deste escritório, e para isto tornou-se necessário fazer um breve panorama da arquitetura contemporânea brasileira.

3.1 ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

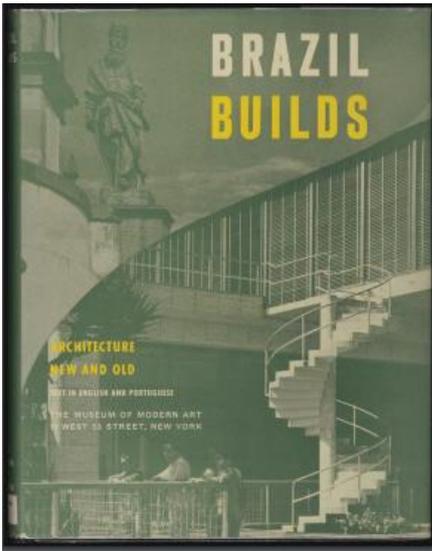
Para compreender a arquitetura contemporânea no Brasil faz-se necessário compreender a produção anterior a este período. A arquitetura do período moderno pode ser caracterizada como uma arquitetura voltada ao futuro, baseada pela revisão dos princípios da arquitetura moderna, já a arquitetura contemporânea olha para o passado e inclui o passado no futuro da arquitetura. O caminho da contemporaneidade é a volta ao lugar, ao local, à pesquisa de materiais, fazer uma arquitetura do próprio lugar.

Os arquitetos já não sonham mais em fazer uma nova cidade no lugar da cidade antiga, os arquitetos agora se deparam com o problema da convivência das diversas camadas históricas que compõem a cidade com um novo elemento fundamental que é a questão ambiental, o arquiteto contemporâneo busca se integrar à natureza, conviver harmonicamente, respeitando as espécies (KIEFER, 2014).³⁰

A notoriedade internacional do movimento moderno brasileiro foi marcada pela publicação do livro *Brazil Builds*, dos autores P. L. Goodwin e E. Kidder-Smith, quando visitaram o país para coletar dados para a exposição montada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York de 1943. Neste período, Oscar Niemeyer, ícone da arquitetura moderna brasileira, já era universalmente conhecido pelos edifícios construídos na Pampulha entre 1942 e 1943 (a igreja, o cassino, o iate clube).

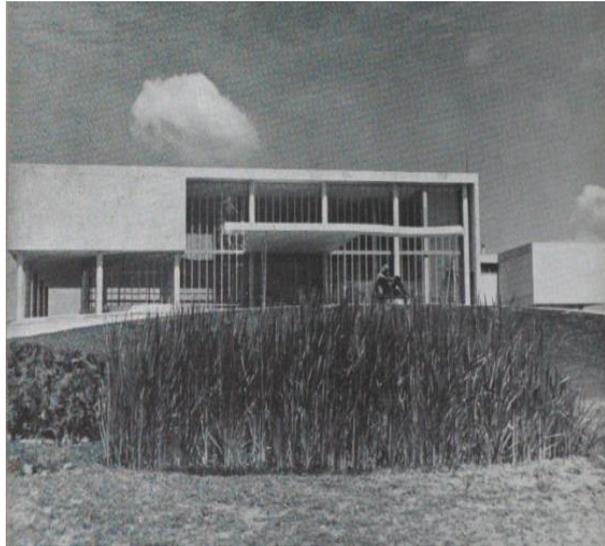
³⁰ KIEFER, Flávio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QDEAbfAQ-xU> acesso em 05.09.2020.

Figura35 - Capa do livro Brazil Builds; Cassino (projetado por Niemeyer).



Fonte: assets.moma.org.

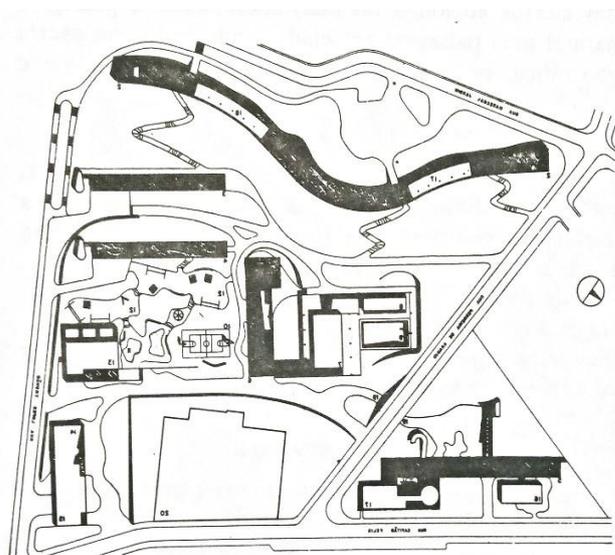
Figura 36 - Capa do livro Brazil Builds; Cassino (projetado por Niemeyer).



Fonte: assets.moma.org.

Sobre esta fase da arquitetura moderna, Walter Gropius (apud BENÉVOLO, 2014, p. 714) analisa positivamente a arquitetura brasileira, destacando a originalidade do movimento brasileiro, pela adaptação das contribuições internacionais ao clima e aos hábitos do meio, valorizando, sobretudo as obras cujo projeto arquitetônico se relaciona equilibradamente com o entorno urbano, tal como Pedregulho, de Reidy.

Figura 37 - Conjunto residencial Pedregulho, Niemeyer.



Fonte: Benévolo, p. 715.

Figura 38 - Legenda

959, 960. Rio de Janeiro, o conjunto residencial Pedregulho (A. E. Reidy, 1950-52).

1. reservatório de água
- 2, 3, 4 e 5 blocos de apartamentos
6. escola primária
7. ginásio
8. vestiário
9. piscina
- 10, 11, 12. *play-ground*
13. ambulatório
14. lavanderia
15. cooperativa de consumo
16. creche
17. escola maternal
18. jardim de infância
19. passagem subterrânea para pedestres
20. oficina existente

Fonte: Benévolo, p. 715.

Neste período havia uma necessidade de se construir uma nova imagem do Brasil, as pessoas queriam modernizar o país, e isto foi feito no sentido de produzir uma arquitetura que fosse além das fronteiras brasileiras, que tocasse o coração da intelectualidade no mundo inteiro. Posteriormente, essa questão foi deixada em segundo plano e atualmente a arquitetura produzida no Brasil é muito mais imobiliária, de objetivos imediatistas do que uma arquitetura que constrói o espírito de uma nação (PENNA, 2014). A arquitetura moderna parece ter cumprido o seu papel na modernização do país, no entanto é percebido pela maioria dos críticos que apesar de ter levado o Brasil ao patamar internacional, a arquitetura moderna negligenciou o contexto urbano das cidades, no sentido de produzir edifícios monumentais, mas que pouco tinham relação com seus entornos, salvo algumas exceções, o que gerou algumas revisões críticas nos períodos posteriores.

Logo após este período, conhecido como os anos dourados da arquitetura brasileira, o país entrou na ditadura militar, em 1964, quando a arquitetura voltou-se para a produção de edifícios estatais, novos edifícios foram criados, marcados por monumentalidade e concreto armado aparente. A arquitetura deste período foi influenciada pelo moderno brutalista com grandes superfícies aparentes de concreto em edifícios públicos (FERNANDES, 2015, p. 24). Arquitetos como Lelé, Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha e Lina Bo Bardi se destacaram neste momento. Hugo Segawa afirma que este momento pode ser definido como o momento no qual não importava o programa de uso (...) era moda (ou ditadura) das grandes estruturas de concreto (SEGAWA, apud FERNANDES, 2015). Neste contexto o arquiteto perdeu pouco a pouco o seu protagonismo para as construtoras que desde então ditavam as regras.

Também em 1964 foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH), com o objetivo de financiar habitações para as classes mais baixas, que liderou o sistema de produção na construção civil brasileira. No entanto, foi a classe alta e média que se beneficiou deste financiamento, pois segundo Fernandes (2015) o retorno financeiro atribuído aos investimentos imobiliários atraiu os agentes do mercado imobiliário que começaram a investir na produção de edifícios habitacionais, uma vez que o BNH apenas financiava as moradias e não as construía. A autora afirma que o resultado deste *boom* imobiliário acarretou na produção de uma arquitetura padronizada que visava a quantidade de produção em detrimento da qualidade, objetivando a economia na produção.

O final da década de 1960 e início da década de 1970 foi o período mais intenso da construção civil brasileira, marcado por uma repetição projetual com mínima relação do edifício com o lote e seu entorno. De acordo com Isabella (ALVES, 2017) neste período o edifício perde sua imponência e parece não saber lidar com o local onde está inserido. Ela

afirma que o início da década de 1970 foi marcado pelo processo de verticalização definitiva das grandes cidades brasileiras, com destaque para as capitais, em São Paulo, por exemplo, houve um considerável crescimento de edifícios altos residenciais, principalmente, no bairro da Vila Madalena, onde atualmente os arquitetos da *Triptyque* possuem várias obras. Neste contexto, o edifício em altura se consolidou como uma das formas principais de moradia no Brasil a partir dos anos 1970, tornando-se o edifício residencial em altura o símbolo do progresso e da modernização, consolidando-se principalmente por “resolver” o problema da demanda habitacional e possibilitar o aproveitamento de espaços. Neste ínterim a arquitetura residencial passou a ser produzida em maior parte, como especulação imobiliária. O edifício passa a coexistir em uma cidade que se desvincula do seu contexto urbano (ALVES, 2017).

Os arquitetos brasileiros procuraram intermediar entre a forma moderna de habitar, as pressões do mercado as novas técnicas de construção, as restrições estabelecidas pelos contextos urbanos e as tradições arraigadas de uma sociedade ainda patriarcal (MOREIRA, FREIRE; 2011, apud ALVES, 2017, p. 15).

No fim dos anos 1970 houve a abertura do país e o fim do milagre econômico, que causou a crise de 1980, acarretando a desaceleração da construção dos edifícios públicos e uma revisão crítica da arquitetura brasileira. De acordo com Fernandes (2015), esta revisão foi marcada por três tendências: a primeira com uma crítica ao modernismo, conhecida como pós-modernismo; a segunda com um debate sobre urbanidade, questionando os preceitos de Brasília, refletindo sobre as cidades contextualizadas e edifícios que se relacionam/dialogam com seus entornos; e a terceira com foco nos materiais, tecnologias e condições climáticas. Esta produção foi marcada por uma produção que buscava uma releitura do moderno, com foco nas técnicas e materiais das regiões. A autora afirma que à primeira metade de 1980, se seguiu um período de revisão, uma busca por novos rumos no qual o modernismo foi o foco das críticas, quando se produziu uma arquitetura comprometida com a realidade e comum maior diálogo do edifício com o entorno.

Bruand afirma que a concentração populacional e econômica em três grandes cidades do Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte), fez com que se localizasse nessa região a maior parte das obras importantes no país, embora outros centros se destacassem – Porto Alegre e Curitiba, no Sul, Salvador e Recife, no Nordeste, e naturalmente, Brasília, a nova Capital (BRUAND, 1968). Sobre a arquitetura produzida em São Paulo nas décadas de 1970 e 1980, Fernando Serapião afirma:

(...) O afastamento da vanguarda abriu espaço à especialização. (Nos anos 70 e 80) uma nova categoria profissional, os chamados ‘arquitetos de mercado’, é responsável por uma parceria perversa para a cidade e a profissão: aprovando dezenas de projetos num mesmo ano, pasteurizam a massa urbana com trabalhos sem qualidade arquitetônica. (SERAPIÃO, 2000, p. 65 apud ALVES, 2017, p. 32)

Após a arquitetura brasileira perder muito da sua qualidade no período do *boom* imobiliário e do milagre econômico, os arquitetos da década de 1990 fizeram uma releitura do moderno, buscando alcançar coerência construtiva, adequando os edifícios ao clima, às novas tecnologias e materiais e ao contexto urbano. O período entre os anos de 1995 a 2010 foi marcado pelo avanço tecnológico dos materiais e técnicas construtivas e das ferramentas de desenho, em que as atenções eram voltadas para o meio ambiente e o futuro das cidades. Nesta época dois temas vieram a tona: o avanço tecnológico e as preocupações com o meio ambiente. O primeiro vem adicionar qualidade ao projeto arquitetônico, já o segundo a degradação do meio ambiente e as preocupações com o futuro das cidades, traz a tona o tema da chamada “sustentabilidade” (FERNANDES, 2015, p. 40). Com isto, a produção da arquitetura contemporânea brasileira busca alinhar os ideais do moderno, através de uma releitura, com adequação aos temas da sustentabilidade, das novas tecnologias e materiais disponíveis e ao contexto urbano.

O novo moderno não se resume apenas a esta retomada da arquitetura moderna de raiz paulistana, mas é mais conciliador e plural. Ele consegue se nutrir das principais conquistas da arquitetura brasileira moderna, sem recair em formalismos ou sentimentos nostálgicos. Essa retomada procura na arquitetura moderna, não apenas brasileira, mas também na internacional, exemplos de uma relação mais harmoniosa do edifício com o lugar, de adequação climática e de coerência construtiva (MOREIRA, 2011, p. 03, apud FERNANDES, 2015, p. 41).

Percebe-se, portanto, que a atuação do arquiteto contemporâneo no Brasil está vinculada a uma produção que busca atender as exigências do mercado imobiliário, sem, no entanto, perder o seu protagonismo. O arquiteto brasileiro hoje, busca retomar seu papel de condutor das decisões projetuais, baseado nos princípios de um urbanismo contextualizado que busca criar um diálogo do edifício com a cidade, reavaliando o processo construtivo de forma a ter edifícios que impactem cada vez menos no meio ambiente e consumam menos energia, através do uso de tecnologias e materiais cada vez mais inovadores. Percebe-se também o surgimento de um novo “tipo” de arquiteto, o empreendedor, que se junta com outros sócios e produzem sua própria arquitetura para vender, o que pressupõe também a ideia do arquiteto estar presente no canteiro de obras, construir, se responsabilizar pelas vendas, por toda a parte do processo, estando mais inserido no cotidiano do mercado imobiliário.

3.2 INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA BRASILEIRA NAS OBRAS DA *TRIPTYQUE ARCHITECTURE*

Contribuindo ativamente no cenário nacional a *Triptyque* mostrou-se fortemente influenciada pela arquitetura brasileira de Lina Bo Bardi. As obras de Lina, marcadas pelo concreto, aço e vidro, também destacaram-se pelo diálogo com a natureza e cultura locais. Em seus projetos Lina buscava inserir elementos da natureza como vegetação e pedras que por vezes marcaram as fachadas das casas que produzia.

O escritório apresenta obras conceituais que se destacam pela relação dos projetos com seus entornos mais próximos e pela busca de uma identidade visual através do uso dos materiais. Nos projetos dos edifícios *Harmonia 57*, e *Arapiraca*, na Vila Madalena, por exemplo, Bousquet cita as influências de Lina, com a introdução da vegetação no edifício – *Harmonia 57* -, e a elevação do prédio através do pilotis – *Arapiraca* - referenciando à *Casa de Vidro*, que liberou os blocos do piso, possibilitando a utilização do espaço térreo para integrar o espaço ao programa do projeto.

Figura39 e 40 - *Harmonia 57*; Figura 40



Fonte: Triptyquearchitecture.com.

Casa Circular, elevação, Lina Bo Bardi, 1962.



Fonte: <http://cremme.com.br>. Acesso em: janeiro de 2019.

Figura 41 - Edf. *Arapiraca*.



Fonte: Triptyquearchitecture.com.

Figura 42 - *Casa de Vidro*.



Fonte: archdaily.com.br.

Assim como os arquitetos franco-brasileiros Lina viu no Brasil mais oportunidades de criação e expressão do que as que existiam na Europa. Para Lina, por ser um país novo não tinha as marcas da história que “ditavam” os caminhos, logo as possibilidades criativas eram maiores. Ela buscava uma arquitetura que se apropriava da cultura local, buscando entender a realidade de cada lugar para onde ia projetar e inserindo esta cultura nos seus projetos permeados de sensibilidade. De acordo com Fernando Diniz (MOREIRA, 2018),³¹ Lina buscava mostrar como o uso consciente do material e da estrutura permite uma estrutura rica e complexa.

É com a sensibilidade para a percepção dos elementos das culturas regionais, suas relações com o passado e conseqüentemente a capacidade de reinvenção fazendo uma releitura da história, que ela transcende o projeto de arquitetura, fazendo dele um projeto político, social, e artístico, buscando uma paisagem humana e social e conseguindo com isso marcar a individualidade e sua arquitetura (MOREIRA, 2018).³²

Sua obra tem sido exaustivamente estudada nos últimos 20 anos, e podemos lembrar três casas que se relacionam de alguma forma com a prática projetual da *Tryptique*. A primeira, a Casa de Vidro, projetada por Lina em 1950, tem em sua concepção uma forte relação com a natureza, abrindo-se para o entorno, com lajes suspensas, sustentadas por delicados pilares, a casa toca levemente o chão. De acordo com a própria arquiteta, o objetivo da casa é a aproximação com a natureza causando a menor interferência possível no ambiente inserido. “O problema era criar um ambiente ‘fisicamente’ abrigado, isto é, onde viver defendido da chuva e do vento, participando, ao mesmo tempo daquilo que há de poético e ético, mesmo numa tempestade (Bo Bardi, 1953, p. 31-40).” A casa, com a laje levemente inclinada para permitir o escoamento da água, apresenta modulação de 5x4, com um jardim interno que dá continuidade à relação dos ambientes internos com a natureza, tem a sala como ambiente principal, enquanto os quartos ficam reservados, salientando o espaço da convivência social.

Figura 43 – Casa de Vidro.



Fonte: <https://laparola.com.br/lina-bo-bardi>.

Figura 44 - Casa de Vidro.



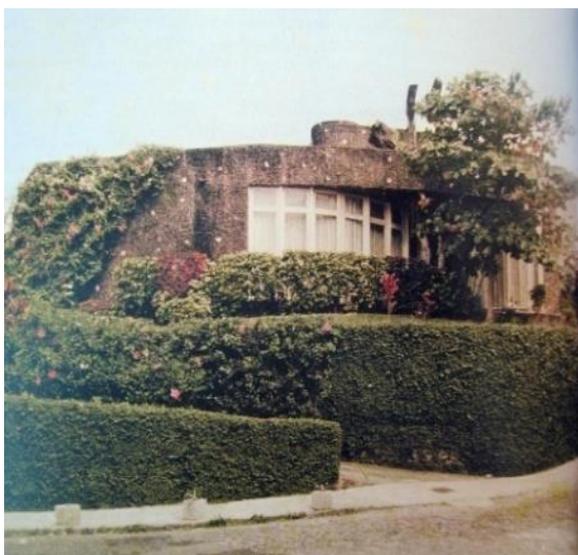
Fonte: <https://laparola.com.br/lina-bo-bardi>.

³¹Notas de aula, disciplina História 8, UFPE.

³² Op. Cit.

A segunda, a Casa do Chame Chame, 1964, foi construída ao redor de uma jaqueira presente no terreno. Neste projeto, ao invés de adequar o terreno à arquitetura, Lina fez o projeto se adaptar às condições do sítio. Com terreno em declive, situado em uma esquina, a casa solta dos muros e afastada da rua, tem suas paredes externas ornamentadas por seixos rolados e vegetações variadas que vão crescendo de maneira natural por entre elas, parecendo surgir daquilo que estava disponível ao alcance das mãos. Formada, basicamente, por paredes curvas que lhe conferem um formato orgânico, a casa abraça a jaqueira através de um pátio interno. A influência de Antoni Gaudí é citada fortemente nesta obra. Infelizmente, a obra foi demolida nos anos 1980.

Figura 45 - Casa Chame-Chame.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br>.

Figura 46 - Casa Chame-Chame.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br>.

A terceira casa é um projeto datado de 1964, a Casa Cirell tem o formato de um cubo cortado internamente. Implantada em um terreno amplo com declive, nas proximidades da Casa de Vidro, da casa tem seu projeto marcado pelo diálogo da arquitetura com a natureza, e isto está presente também no emprego dos materiais que Lina utilizou na construção das paredes. A vegetação de bromélias, musgos e parasitas se funde com as argamassas de muitas pedras, conchas e nichos de terra.³³ De acordo com Carranza (2014), neste projeto Lina associou técnicas construtivas e vernaculares, utilizando alvenaria autoportante de tijolo de barro, madeiras, pedras e sapé ao lado de pilares e vigas de concreto, com laje mista de vigotas de concreto e blocos cerâmicos. A Casa Cirell, composta por dois blocos simétricos justapostos e interligada por um alpendre que a circundava, apresenta uma relação intensa

³³Descrição da casa. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/800798/classicos-da-arquitetura-casa-valeria-cirell-lina-bo-bardi>. Acesso em 21.02.2020

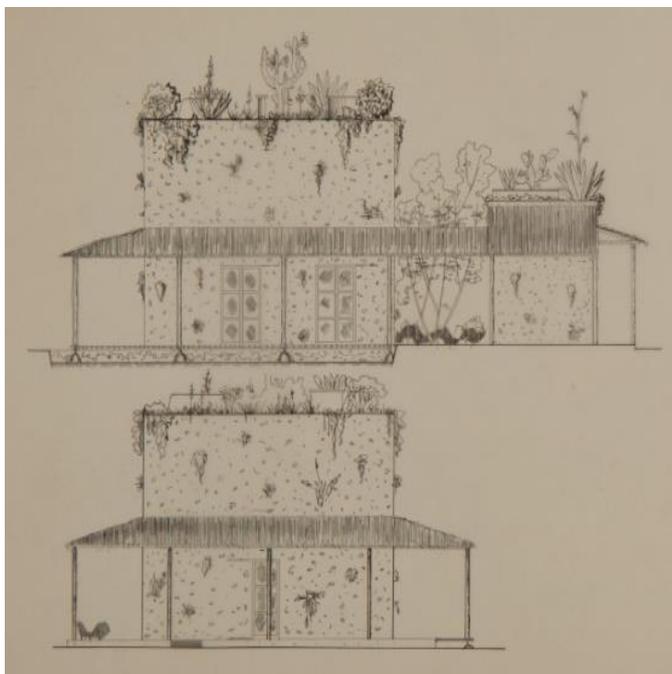
com as características das casas brasileiras. Lemos descreve a casa da seguinte maneira: casa cabocla, amazônica, caipira do interior paulista, ou mocambos nordestinos(2012, apud Carranza, 2014, p. 127).

Figura 47 - Casa Cirell.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br>.

Figura 47 - Casa Cirell.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br>.

“Eu disse que o Brasil é o meu país de escolha e por isso meu país duas vezes. Eu não nasci aqui, escolhi esse lugar para viver. Quando a gente nasce não escolhe nada, nasce por acaso. Eu escolhi o meu país.”³⁴

Através destes três exemplos, percebe-se a intensa relação da arquiteta ítalo-brasileira com a natureza brasileira e sua cultura. A exuberância da flora e fauna brasileiras permeava as obras da arquiteta assim como permeiam as obras dos arquitetos franco-brasileiros.

Sobre a sensibilidade projetual de relacionar a arquitetura à natureza e de pensar na utilização dos materiais não apenas como forma de acabamento e sim de despertar os sentidos e as sensações do usuário presentes nas obras da *Triptyque*, podemos lembrar Peter Zumthor, que em seu livro “*Atmosferas*”, defende a ideia de que o edifício deve gerar uma troca de sensações e informações, o que ele chama de “jogo de dar e receber”. Para Zumthor, o edifício deve ter uma relação com o espaço que interfira diretamente em quem o contempla, visita ou habita. Ele defende uma arquitetura que possa nos transportar psicológica e emocionalmente à atmosferas agradáveis (ZUMTHOR, 2006).O escritório concebe uma

³⁴Bo Bardi, Lina. Notas de aula, Moreira, 2018. Disciplina História 8.

arquitetura que integra o mundo ao seu redor a um sentido cultural e poético, em interação com a arte, sociologia e semântica (TRIPTYQUE, 2017, p. 2 apud Cremme). Os arquitetos franco-brasileiros defendem que buscam produzir edifícios que se integram à realidade das cidades, trabalhando cada projeto “como um ser vivo”, partindo das condições da natureza, sua forma de projetar busca gerar harmonia entre os elementos construídos e naturais.

Uma nova forma de ver as construções, arte, arquitetura e objetos materiais. **Uma nova condição urbana. Esse modo de pensar e sentir toma a realidade como ponto de partida e prossegue para inventar uma nova paisagem: A metrópole tropical.** (...) É decidido abraçar o calor da vida tropical e de seu ethos social. É um antídoto para a palidez do pós-modernismo. Sua intensidade é o despertar da vida (TRIPTYQUE, 2017, p. 14 apud Cremme)

Figura 49 e 50 - trânsito e enchente em São Paulo.



Figura 50 - trânsito e enchente em São Paulo.



Fonte: <http://cremme.com.br>.

Fonte: <http://cremme.com.br>

Figura 51 - Árvore crescendo entre cercas.



Figura 52 - Árvore crescendo entre cercas.



Fonte: <http://cremme.com.br>

Fonte: <http://cremme.com.br>

As imagens acima retiradas da publicação do escritório para a exposição ‘*Experimentando Le Corbusier*’, do Instituto Cremme, mostram as realidades das cidades brasileiras que despertaram a atenção e a sensibilidade dos arquitetos. Segundo Bousquet, o grupo chegou ao Brasil com uma arquitetura muito européia e aos poucos foram sendo influenciados pela arquitetura brasileira.

Esta realidade das cidades brasileiras, mostradas nas fotos acima (figs. 49 e 50), são enfrentamentos frequentes nas obras da *Triptyque*, visto que a maior parte de sua produção concentra-se nas áreas urbanas.

Outra consequência das intensas chuvas é o emprego frequente de marquises, que protegem os pedestres ao descerem dos veículos ou ao se deslocarem de um ponto para outro. É evidente que os arquitetos brasileiros souberam tirar partido dessa situação, empregando, muitas vezes com objetivos estéticos, aquilo que inicialmente, aquilo que inicialmente decorria de uma necessidade prática (BRUAND, 1981, p. 14).

Com isto, é possível perceber que os arquitetos da *Triptyque*, buscaram adaptar-se à arquitetura brasileira através de influências emblemáticas da produção local, que deixaram raízes e influenciam a arquitetura brasileira até os dias atuais através da releitura de seus trabalhos e conceitos. Percebeu-se também que os arquitetos franco-brasileiros buscaram compreender a realidade local e através da sensibilidade projetual e das técnicas construtivas disponíveis, buscaram realizar projetos que estejam de acordo com a realidade dos locais para onde projetam.

3.3 MÉTODO PROJETUAL

Após sua consolidação, com sedes no Brasil e na França, a *Triptyque* conta hoje com uma equipe de aproximadamente 110 pessoas. A *Triptyque Architecture* está organizada em um grande grupo denominado *Triptyque Group*, que é formado por quatro braços de trabalho: a *Triptyque Architecture*, II *Interior Design*, III *Hospitality*, e IV Incorporadora. Esta pesquisa está focada na *Triptyque Architecture* Brasil.

No Brasil, o escritório conta com uma equipe de aproximadamente 90 pessoas, entre arquitetos e funcionários. Por ser maior do que o escritório da França, a sede de São Paulo tem uma equipe que trabalha especificamente com os projetos da França, estando para tal, em constante intercâmbio com o escritório francês. Por ter uma equipe extensa o escritório precisa manter uma rotatividade grande de projetos, o que poderia afetar a qualidade dos trabalhos, no entanto, os arquitetos buscaram equilibrar qualidade e número de projetos por meio da setorização do escritório, com a definição de departamentos específicos para cada

atividade. Há arquitetos determinados para trabalhar em cada área da produção, alguns arquitetos trabalham com o estudo preliminar, outros apenas com a concepção e outros com detalhamento e desenvolvimento. De acordo com Bousquet, esta setorização favorece a produção, visto que cada tipo de projeto entre interior design e arquitetura, por exemplo, exigem tempo, materiais, fornecedores e habilidades diferentes, e cada arquiteto é destinado para a área que melhor se identifica, otimizando a produção e valorizando as potencialidades de cada um (BOUSQUET, 2019).

Ao desenvolver os trabalhos, os sócios buscam cuidar de todos os detalhes, desde a concepção até o detalhamento do mobiliário, buscando uma aproximação com todas as equipes que participam da execução da obra até a entrega do produto final, evitando que o projeto seja simplificado por questões de custos ou facilidades técnicas. Quando o projeto é aprovado pelo cliente é realizada uma reunião com os responsáveis pelos projetos complementares e depois com a construtora, visando alinhar todos os pormenores.

A gente faz uma apresentação completa, grande de conceitos do projeto, como a gente apresentou para Otávio Zarvos, por exemplo, então a gente vai para eles entenderem como foi pensado esse projeto para eles se interessarem e depois tentar executar esse pensamento. Então foge um pouco da explicação técnica para ter o conceito que vai ser emocional e todo mundo vai entender e vai participar dessa construção mesmo do projeto. (BOUSQUET, 2019).

As questões naturais e urbanas se configuram como premissas para os projetos do escritório. Portanto, entre seus princípios projetuais está a relação dos edifícios com a cidade, a relação entre interior e exterior através da utilização de planos, a valorização dos percursos, o cuidado com emprego dos materiais e o uso de tecnologias avançadas, além da preocupação com a sustentabilidade no sentido da harmonia entre a produção humana e a natureza. Sobre a arquitetura do escritório, Bousquet afirma que não tem como teorizá-la, mas com o tempo eles adquiriram ou desenvolveram uma linha de pensamento que se aproxima mais da prática do que da teoria.

Para poder lidar com o mercado imobiliário, os arquitetos buscam mostrar para o investidor primeiramente os ganhos econômicos que terão com o projeto, como o aproveitamento de áreas, por exemplo, para então depois falar sobre os conceitos arquitetônicos que o envolvem, pois desta maneira, conseguem mostrar ao cliente a viabilidade dos conceitos que foram pensados para o empreendimento. Sobre a prática comercial Bousquet afirma que o arquiteto tem que se vender para conseguir realmente ter um escritório, mas não quer dizer que a arquitetura passa em segundo lugar, isso é uma maneira de apresentar e ter certeza que se atingiu os objetivos financeiros (BOUSQUET, 2019). Para a *Triptyque* a relação do edifício com a cidade é um fator importante, pois na maioria dos seus

projetos o edifício é aberto o máximo possível para a rua, mantendo a privacidade e a segurança dos moradores por meio da demarcação da fronteira entre o público e o privado que geralmente é feita de maneira sutil e harmoniosa através do uso de vegetações, recuos maiores e materiais permeáveis.

Os nossos projetos aqui não visam apenas a estética, sempre tem alguma coisa que vai trazer algo a mais. Estamos fazendo um projeto para a parte debaixo do minhocão, então além a transformação espacial, existe a transformação do entorno. A gente acredita que uma cidade eficiente, que acolhe as pessoas de maneira eficiente e de forma mais compacta possível para os deslocamentos, para as conexões entre os diferentes subgrupos (BUENO, 2020).

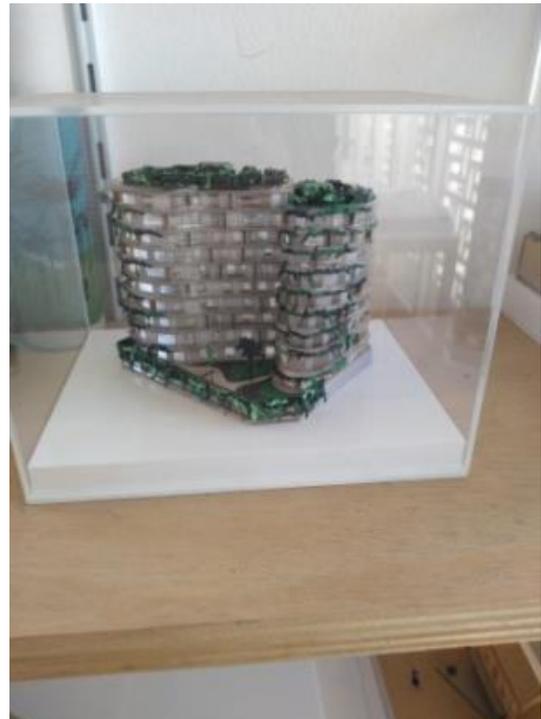
O escritório se utiliza também de maquetes, tanto físicas quanto eletrônicas para apresentar suas obras e conceitos. Para eles a representação gráfica em 3D já não é mais suficiente para ilustrar seus pensamentos e a dimensão de suas ideias. A necessidade de outra forma que não seja apenas a digital, levou-os a possuir um atelier de maquetes, onde são modelados em uma máquina de cortes a laser, seus projetos. Segundo Bousquet, a utilização das maquetes serve para elucidar os clientes sobre a proposta, minimizando as dúvidas que eles possam vir a ter e facilitando o desenvolvimento da proposta.

Figura 53–Maquete do projeto Colômbia.



Fonte: Triptyque.com.

Figura 54 –Maquete exibida no escritório.



Fonte: a autora, Julho de 2019.

Além das maquetes, o escritório está implantando o sistema BIM (Building Information Modeling)³⁵ na sua produção. Para implantar este sistema a *Triptyque* contratou uma pessoa específica chamada de BIM manager que trabalha apenas nesta função e auxilia os arquitetos colaboradores a trabalharem com esta ferramenta. Sobre a implantação deste sistema Bousquet afirmou o seguinte:

É ainda é delicado e complexo, então a gente tem que entender também, então demorou aqui entender que precisa de alguém no escritório que se chama o BIM manager, que tem esse conhecimento da ferramenta. É tão complexo que tem que ter alguém que cuida do ‘bicho’, que não desenha, que não faz projetos, que entende o processamento da máquina para extração em CAD, etc., e que ajuda os arquitetos a entender o raciocínio da modelagem, do que precisa (BOUSQUET, 2019).

O escritório apresenta como base projetual o tripé da colaboração, inovação e sustentabilidade. No seu processo projetual está contida a ideia de pós-modernismo, não no sentido de ser contra os princípios modernos, mas no sentido de uma releitura do que foi produzido e pensado neste período. Carolina Bueno afirma em entrevista, que a França viveu um modernismo muito traumático caracterizado por uma superconstrução em massa de conjuntos habitacionais e novas cidades, de arquitetura clonada e multiplicada, mas que não deu certo por que não levou em consideração as características e necessidades de cada local. Então eles buscam olhar para esse momento e fazer uma arquitetura que seja diferente disso, no sentido de trazer o cuidado e a sensibilidade ao projetar, levando em consideração as peculiaridades de cada sítio e de cada cultura para onde projetam.

No quesito da colaboração, os arquitetos buscam trabalhar em conjunto com outros profissionais que complementam e são fundamentais para o desenvolvimento dos seus projetos. O projeto para a Cidade Matarazzo, em São Paulo, por exemplo, é composto de várias torres, no qual a torre principal tem o conceito do escritório de Jean Nouvel,³⁶ e a *Triptyque* foi responsável pela adaptação do projeto, além da modernização de vários outros blocos, como maternidade, e escritórios.

³⁵O BIM é um instrumento projetual computacional complexo que permite criar maquetes digitais e coordenar todas as etapas de um projeto de arquitetura, desde a concepção até a operação e manutenção da obra. No momento quem exerce esta função é o Augusto Magno, formado pela Universidade Federal de Pernambuco em 2005.

³⁶ Jean Nouvel é um arquiteto francês, que se destaca na arquitetura contemporânea por obras conceituais e que se integram ao contexto, com a utilização de luzes e sombras. Vencedor de vários prêmios de arquitetura, *Nouvel* é responsável pelo projeto do Instituto do Mundo Árabe, Paris, 1987; ganhou o *Pritzker* de arquitetura em 2008, pelo conjunto das suas obras.

Figura 55 - Jean Nouvel em visita á obra da Cidade Matarazzo.



Fonte: Triptyque.com.

Figura 56 – Instituto Mundo Árabe



Fonte: plataformaarquitectura.cl.

Em relação ao conceito de inovação os arquitetos buscam utilizar materiais e técnicas inovadoras que atribuam novas possibilidades aos projetos agregando ao máximo, qualidade aos seus trabalhos, conforme afirmam:

O método de trabalho da *Triptyque* opera num balanço simultâneo entre tradição artesanal e tecnologia digital de ponta. Nosso perfil inovador foca na capacidade de testar e ultrapassar qualquer barreira projetual, a despeito da escala, do programa ou da localização. Em cada projeto nos questionamos sobre como podemos oferecer o melhor uso, o melhor contexto, a melhor referência. Qualidade na inovação representa uma evolução natural do nosso processo de trabalho (TRIPTYQUE, 2019).³⁷

A arquitetura da *Triptyque* pode ser descrita como sensorial por explorar a verdade dos materiais de modo que a natureza de cada um apareça na composição, estimulando a percepção sensorial das pessoas. Algo que se torna característico na obra o escritório, a presença da vegetação como forma de tornar a obra mais sensível ao contexto brasileiro, como explica Carolina Bueno:

A gente sempre traz uma camada de natural por cima das nossas arquiteturas para deixá-las mais sensoriais. Esse é um movimento que de fato existe aqui no Brasil, o uso dos materiais, mas a gente tenta trazer além da verdade dos materiais a verdade da natureza do material (BUENO, 2020).³⁸

³⁷Fonte: acervo do escritório. PDF de apresentação do escritório, São Paulo, Julho de 2019.

³⁸Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqY9-fqfeCE>. Acesso em janeiro de 2020.

Sobre a condição da arquitetura brasileira, Bueno afirma:

O Brasil é um país imaturo, o que hoje a gente produz como arquitetura ainda é muito preliminar comparando com o que se produz na Europa e em outros lugares do mundo. Então ainda estamos engatinhando em relação às questões urbanas, de sustentabilidade, às questões projetuais (BUENO, 2020).³⁹

Percebe-se, portanto, que a base do método projetual do escritório está formada por três pilares: o da inovação, o da colaboração e o da sustentabilidade. O conceito da arquitetura do escritório, de acordo com os arquitetos, é o de unir o meio natural ao construído, buscando alcançar uma harmonia entre os dois. No entanto, não se pode garantir que isto é alcançado em todos os seus projetos, já que há fatores externos que podem mudar o rumo de determinadas soluções, alterando a intenção inicial dos arquitetos, assim como acontece em diversos projetos de arquitetura.

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-IrlpNApTCM>. Acesso em janeiro de 2020.

4 UM OLHAR SOBRE AS OBRAS

4.1 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Conforme visto no capítulo anterior, o método projetual da *Triptyque* está baseado nos conceitos de inovação no sentido do emprego dos materiais, de colaboração, referente ao trabalho em parceria com outros arquitetos e empresas, e de sustentabilidade, em relação ao emprego de métodos que buscam maior eficiência e menor impacto do edifício no meio ambiente. Esta pesquisa lança um olhar sobre as obras do escritório buscando analisar o emprego dos materiais, a relação das obras destes arquitetos com o entorno urbano e os aspectos da sustentabilidade voltados para a produção de edifícios mais eficientes e menos comprometedores do meio ambiente.

Neste capítulo serão abordadas as principais obras do escritório que tiveram destaque em publicações de arquitetura como revistas, sites e artigos, e que foram possíveis de visita pela autora, sendo elas os edifícios Harmonia 57, Arapiraca, Colômbia, Fidalga, Leitão e RB12. Estas obras foram escolhidas pela representatividade dos conceitos projetuais do escritório, além dos destaques que ganharam em revistas, artigos e concursos.

Autores como David Leatherbarrow, Fernando Moreira e Renata Caldas ajudaram a embasar a análise destas obras. Leatherbarrow, através da tectônica, analisa o emprego dos materiais e seus efeitos nas edificações; Moreira mostra uma visão das condições naturais e geográficas do Brasil e as adequações que os arquitetos modernos e contemporâneos buscaram para produzir uma arquitetura que se adaptasse ao clima dos trópicos; Caldas embasa os conceitos da sustentabilidade aplicados na arquitetura contemporânea. Sobre estas questões é coerente citar Moreira, quando sobre a arquitetura brasileira afirma:

(...) assumiu expressões individuais e desenvolveu uma série de particularidades influenciadas pelas condições dos diferentes locais. Essa diversidade de expressões da arquitetura moderna foi também resultado dos esforços de arquitetos de adaptarem suas criações aos diferentes climas dos lugares onde construíam (...) mostraram que a arquitetura moderna foi capaz de encontrar formas mais adequadas de se relacionar com o meio ambiente, por meio de artifícios de adaptação climática, que quase sempre encontravam raízes na tradição construtiva de cada região. (...) com o surgimento da arquitetura moderna no início do século XX, os meios para compreender essa relação do edifício com o clima passaram por uma transformação significativa, por meio do conhecimento científico e dos novos materiais disponíveis (MOREIRA, 2020, p.1).

Sobre a utilização dos materiais na arquitetura Gregotti (apud NESBITT, 2008) afirma que “o detalhamento revela as propriedades dos materiais pela aplicação das leis da construção e torna inteligíveis as decisões do projeto; o detalhe também coloca em questão o

problema da hierarquia, porque sugere uma possível relação entre a parte e o todo”. Deve-se, portanto observar a aplicação dos materiais no sentido de conferir aos edifícios suas características e peculiaridades, revelando não apenas os seus valores estéticos, mas contextualizando-os em seus contextos próprios e em suas relações com os sítios.

O cuidado destes arquitetos com o emprego dos materiais no sentido de conferir significado a cada parte e ao todo dos edifícios, além da busca por uso de técnicas e métodos inovadores que expressam a busca por fazer uma arquitetura que seja diferente da ‘convencional’ que se vinha fazendo no Brasil desde o *boom* imobiliário.

O termo inovação, de acordo com o Houaiss, remete à ação, e ação significa o resultado do fato de agir, influência ou efeito que algo ou alguém exerce sobre outra coisa ou pessoa: ação do tempo; inovação significa ação ou efeito de inovar, novidade, aquilo que é novo, o que apareceu recentemente.⁴⁰Neste contexto, a *Triptyque Architecture* mostrou-se inovadora na utilização de técnicas construtivas, a exemplo do uso da madeira para a construção de edifícios em altura, sendo pioneiros na introdução desta metodologia para esta tipologia no país.

Segundo os arquitetos franco-brasileiros, a madeira, quando extraída do meio ambiente, já tem uma quantidade de carbono que foi retirada da natureza durante o desenvolvimento da árvore, o que garante o acúmulo de uma quantidade considerável do gás no material que não será liberada para o meio ambiente novamente. Para ser utilizada, esta madeira deve passar por um processo técnico que a protege contra as intempéries da natureza, possibilitando seu uso na construção. Em 2012, a *Triptyque* utilizou-se desta matriz para projetar o prédio do Instituto Nacional de Patentes Industriais Francês (INPI), na cidade de Corbevoie, Paris, com 12.100 metros quadrados e 5 pavimentos. O edifício apresenta uma relação entre interior e exterior através da sua fachada com grandes janelas que possibilitam o aproveitamento da luz natural, abrigando no pátio interno um jardim que dialoga com a arquitetura do prédio. A utilização da madeira neste edifício confere qualidade acústica e sensorial à obra, já que o cheiro e a textura da madeira tornam-se parte da atmosfera do lugar, conferindo aos usuários maior conforto e qualidade durante suas atividades.

⁴⁰Disponível em <https://www.dicio.com.br/inovacao/>. Acesso em 15.09.2020.

Figura 57 – Fachada Prédio do INPI.



Fonte: triptyque.com.

Figura 58 - Construção Prédio do INPI.



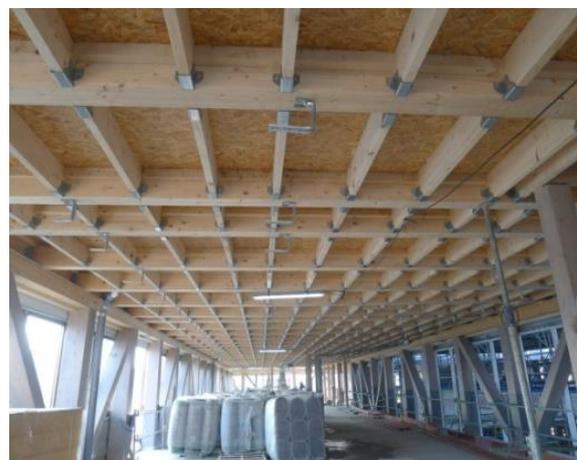
Fonte: triptyque.com.

Figura 59 - Construção Prédio do INPI.



Fonte: triptyque.com.

Figura 60 - Construção Prédio do INPI.



Fonte: triptyque.com.

No Brasil, pode-se destacar o Edifício Floresta Urbana projetado pelo escritório juntamente com a empresa AMATA, que afirma que as madeiras utilizadas são Madeira Lamelada Colada (Glulam) e Madeira Lamelada Colada Cruzada (CLT).⁴¹ Esta é produzida através da colagem de camadas de longas lâminas de madeira lado a lado, empilhadas umas sobre as outras, organizadas em sentidos opostos, submetida à grande pressão através de prensas hidráulicas formando grandes painéis com alta capacidade estrutural. O cruzamento das lâminas proporciona a distribuição de cargas de maneira bidimensional, apresentando-se desta maneira como um produto leve e estável.⁴² O edifício foi projetado para abrigar um sistema de *co-working*, *co-living*, lojas e restaurantes, com 13 pavimentos e uma área total

⁴¹ Disponível em <https://amatabrasil.com.br/sobre/>. Acesso em 17.09.2020.

⁴² Op. Cit. Em relação à segurança contra incêndio, os arquitetos afirmam que este material é bem mais seguro e eficiente, uma vez que a madeira consome o fogo muito mais lentamente do que os materiais convencionais utilizados nas construções em geral, assegurando o tempo para a desocupação do edifício em caso de emergência.

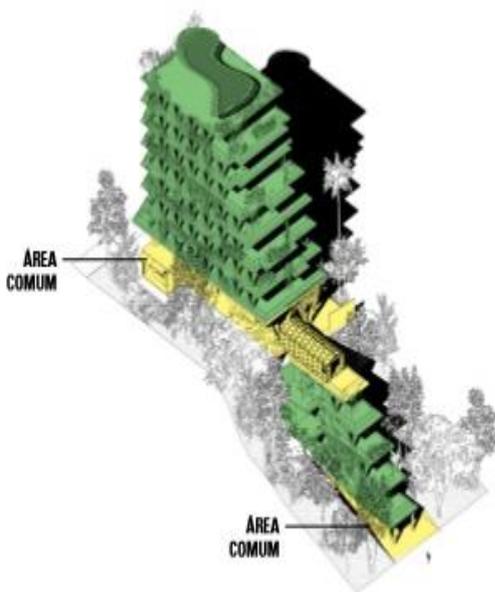
construída de 4.700 metros quadrados, com uma forma escalonada, tanto para seguir as diretrizes de construção, quanto para dialogar com a malha urbana da Vila Madalena, onde será situado. A proposta dos arquitetos para este projeto é de criar uma ‘floresta urbana’, onde se possa trabalhar, viver e sentir a natureza através dessa integração com a arquitetura. O projeto foi exposto na Bienal de Arquitetura de Veneza de 2018.

Figura 61 - Ed. Amata/Floresta Urbana.



Fonte: triptyque.com.

Figura 63 - Ed. Amata/Floresta Urbana.



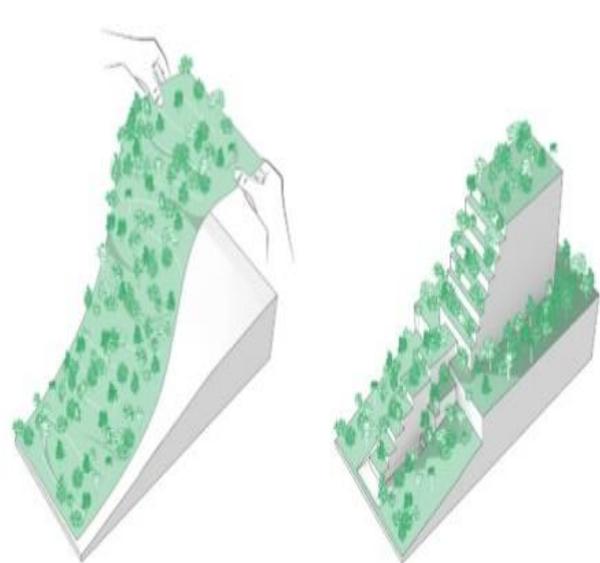
Fonte: acervo do escritório, Julho de 2019.

Figura 62 - Ed. Amata/Floresta Urbana.



Fonte: triptyque.com.

Figura 64 - Ed. Amata/Floresta Urbana.



Fonte: acervo do escritório, Julho de 2019

O clima, segundo Bruand (1981) foi o fator físico que mais interferiu na arquitetura brasileira, com temperaturas bastante elevadas no verão, o calor e a luminosidade se colocam como fatores primordiais para os arquitetos solucionarem. O emprego dos materiais, portanto, deve se apresentar como uma maneira de resolver ou amenizar estes problemas. Além disto, os materiais cumprem a função de representar nas fachadas, as funções ou o status do edifício. Isabella (ALVES, 2017) afirma que o julgamento do edifício muitas vezes deriva do que se é visto do lado de fora, e que houve na arquitetura paulista a continuação do uso do concreto, em conformidade com os preceitos da arquitetura moderna, no entanto foram introduzidos novos elementos industriais tais como o ferro, tubulações aparentes, painéis de vidro, incorporando a estes elementos materiais naturais como madeira e pedras. No caso da *Triptyque*, além destes elementos, a vegetação também é incluída em seus projetos.

Pode-se perceber, portanto, que há no método projetual do escritório uma forma de projetar que busca não apenas um sentido na sua arquitetura, mas a produção de uma arquitetura “integral” que pensa uma produção voltada para os aspectos tectônicos, urbanos e também sustentáveis, à medida que buscam a utilizações de técnicas que reduzem os impactos ambientais dos edifícios.

A palavra sustentabilidade vem sendo empregada de várias maneiras e por várias áreas no mundo, no entanto o seu significado é amplo e complexo. Há uma disputa pela legitimação da palavra e de acordo com Henri Acserald (1999) a que mais se aproxima do real significado do termo é a afirmação seguinte: é sustentável hoje aquele conjunto de práticas portadoras de sustentabilidade no futuro. De acordo com Caldas(2019), desde a crise do petróleo, em 1973, a arquitetura passou por grandes mudanças conceituais, nas quais se passou a valorizar mais a economia e a arquitetura que garantisse um modelo de vida com qualidade, e o equilíbrio natural e energético do planeta, o que impulsionou os arquitetos a buscarem materiais diferenciados e a utilizar métodos construtivos mais limpos e eficientes. O dicionário Houaiss define sustentabilidade como algo relacionado aos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, que busca suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. Ou seja, sustentabilidade pode ser definida como um conjunto de ações que vai garantir a possibilidade das gerações futuras permanecerem na terra.

Foi percebido que boa parte dos discursos sobre o termo vem se atendo à proposição da ecoeficiência ou tecnologias verdes, e é neste sentido que vamos analisar as obras da *Triptyque*. A intenção é perceber quais as técnicas buscadas pelos arquitetos a fim de diminuir os impactos das construções no meio ambiente, criando edifícios mais eficientes. Sobre a aplicação da sustentabilidade na construção das cidades Acserald afirma:

Na perspectiva da eficiência especificamente material, a cidade sustentável será aquela que, para uma mesma oferta de serviços, minimiza o consumo de energia fóssil e de outros recursos materiais, explorando ao máximo os fluxos locais e satisfazendo o critério de conservação de estoques e de redução do volume de rejeitos (ACSERALD, 1999, p. 82).

A maior ameaça à conservação do meio ambiente e conseqüentemente à vida na terra não vem de meios externos ou de fenômenos naturais, mas sim das atividades do próprio ser humano. Portanto é imperativo a todos repensar o modo de vida e de produção antes que a situação não possa ser revertida. Nossos sistemas atuais de planejamento criaram um mundo que cresce muito além da capacidade do ambiente de sustentar a vida no futuro (MCDONOUGH, apud NESBITT, 2008). Gregotti (apud NESBITT, 2008) afirma que “o novo papel dos arquitetos é o de assumir a liderança do desenvolvimento de novas definições e medidas de prosperidade, produtividade e qualidade de vida (...) temos de ‘fazer as pazes com o nosso lugar na natureza’”. Neste ínterim, os arquitetos contemporâneos têm o dever de trabalhar os edifícios de maneira a causarem o menor impacto possível no meio ambiente, de forma que seus rejeitos sejam mínimos, se houver, porque não deveria haver e sejam reincorporados à natureza de maneira natural e não tóxica.

Os franco-brasileiros da *Triptyque* afirmam que aproximadamente 40% da emissão de gases poluentes são produzidos pela construção civil, e encaram isto como um desafio a ser vencido. “A consciência é o grande mote da vida. É consciência do nosso lugar, consciência do mundo. É abrir o olho para o mundo, sair do nosso umbigo. A gente precisa atuar e levantar nossa bandeira”, afirma Carolina Bueno em uma de suas entrevistas.

De acordo com os arquitetos franco-brasileiros, o mundo está passando por uma mudança de matriz na construção civil, isto porque a conscientização com o meio ambiente está aumentando significativamente. Além disso, a construção em madeira é uma atividade limpa, que reduz exponencialmente a emissão de gás carbônico, um dos grandes vilões da poluição atmosférica.

Se você pensar que dois por cento da Terra, é feita por cidade. 53% desses 2% são cidades e são favelas dentro dessas cidades. Olha o tanto que a gente tem que construir e o tanto que a gente tem que receber e acolher como pessoas, habitação, equipamentos escolas, etc. Essas cidades são responsáveis por 75% da emissão de gás efeito estufa, desses 75%, 40% vem da construção civil. Olha que responsabilidade, a responsabilidade do arquiteto, a responsabilidade de toda a cadeia da construção civil, é enorme (BUENO, 2017).⁴³

A experiência na França, país que tem um foco muito grande voltado para esta área, fez com estes arquitetos naturalmente incorporassem a sustentabilidade do edifício ao método

⁴³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqY9-fqfeCE>. Palestra *Triptyque* - Sobre edificar com Madeira na Casa Natura em 31/08/2017

projetual do escritório. De acordo com Carolina Bueno, nos grandes países da Europa, sobretudo na França, só é possível obter a aprovação de um projeto se na equipe também houver um engenheiro de sustentabilidade.

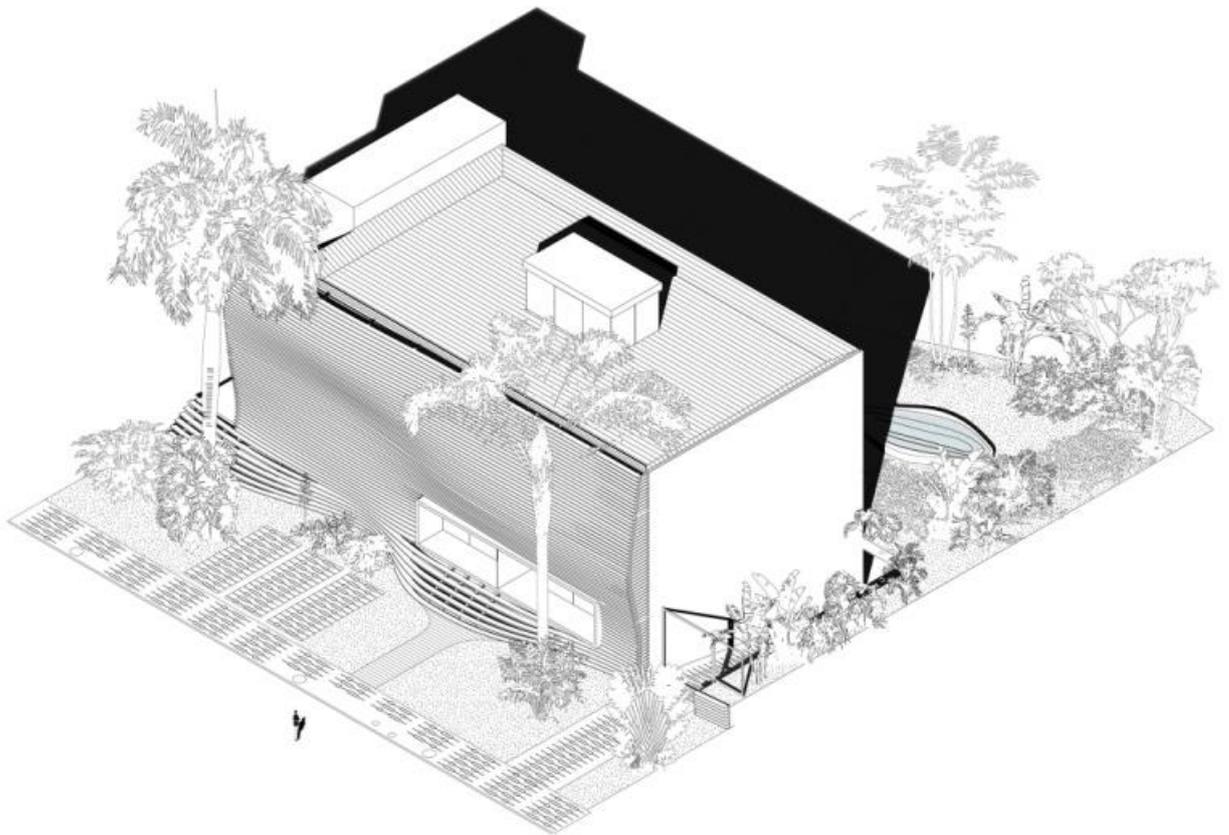
Visto isto, foi lançado um olhar sobre a produção da *Triptyque* no Brasil a fim de compreender de que maneira o escritório se utiliza dos princípios abordados acima na definição dos seus projetos. Cada obra foi descrita e analisada à luz destes aspectos e a partir disto pode-se concluir de que forma estes arquitetos estão contribuindo com a produção da arquitetura contemporânea brasileira.

4.2 OBRAS

COLÔMBIA 325 (2005-2007)

São Paulo

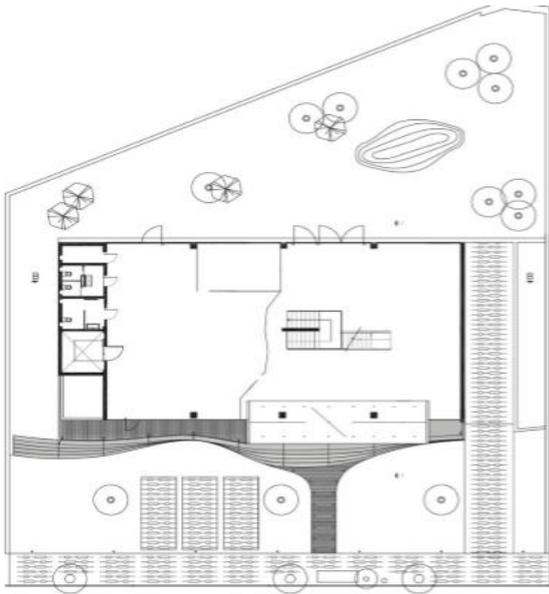
Figura 65 – Edif. Colômbia, maquete 3D.



Fonte: triptyque.com.

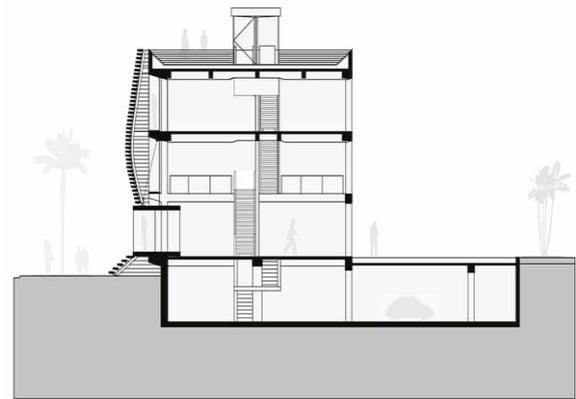
Projetado para a sede da agência publicitária Loducca, em São Paulo, nos Jardins, na Rua Colômbia, o edifício possui 1.200 metros quadrados de área construída, sendo subdividido em cinco pavimentos: garagem subterrânea, três pisos destinados a escritórios e solário. O espaço interno é organizado por dois elementos: a escada em concreto aparente, que atua como eixo estruturador, e o núcleo de serviços onde estão os sanitários, a copa e o elevador.⁴⁴

Figura 66- Edf. Colômbia, planta baixa térreo.



Fonte: triptyque.com.

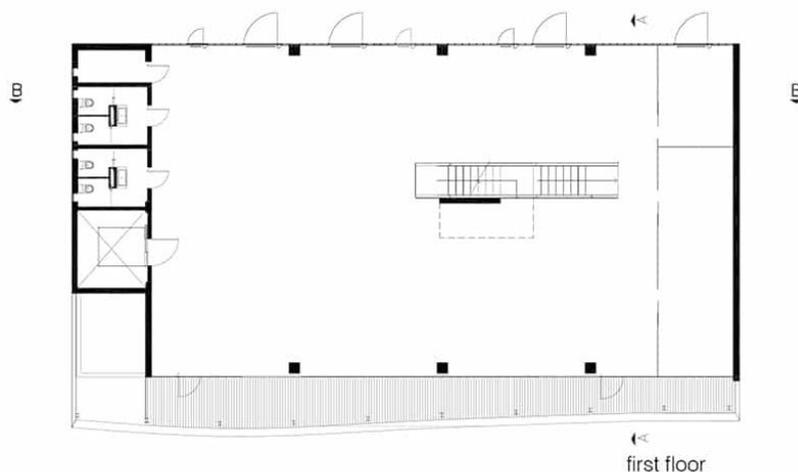
Figura 67- Edf. Colômbia, corte.



section aa

Fonte: triptyque.com.

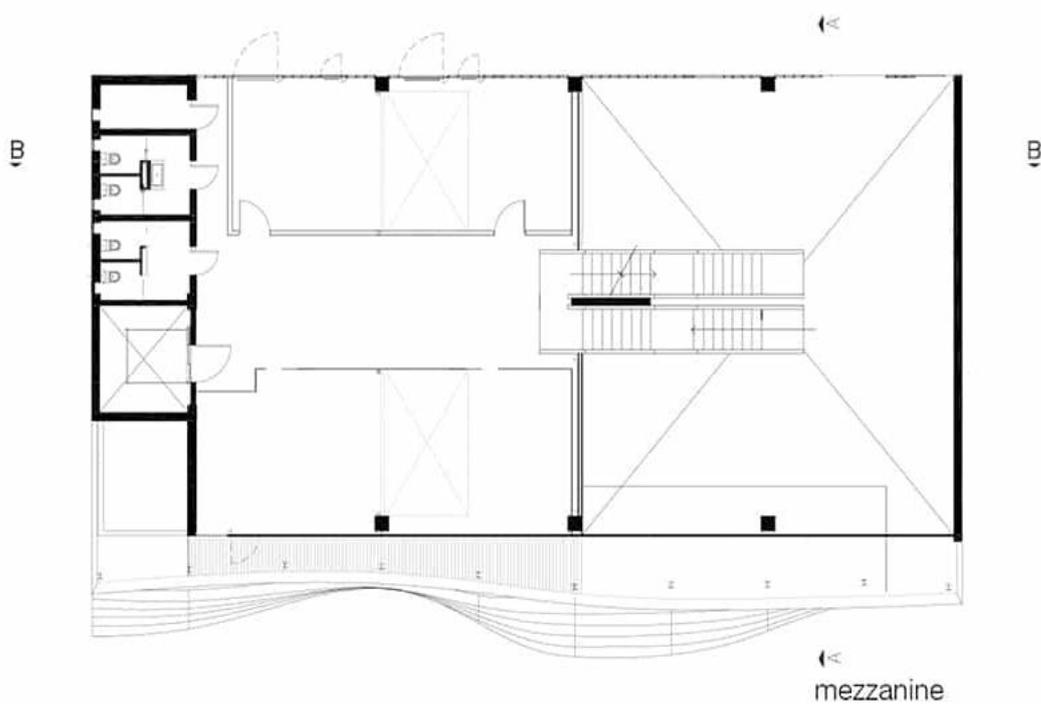
Figura 68- Edf. Colômbia, planta baixa primeiro pavimento.



Fonte: triptyque.com.

⁴⁴ Monolito, 2015, p. 39.

Figura 68– Edf. Colômbia, planta baixa mezanino.



Fonte: triptyque.com.

Devido ao terreno estar localizado em uma avenida movimentada, com alto tráfego de veículos e pedestres e à grande incidência solar, a utilização de *brises* de madeira ao longo da fachada foi a solução encontrada pelos arquitetos para diminuir os impactos destes fatores naturais e externos. Com um desenho sinuoso o *brise* confere identidade visual à fachada principal. Por ser destinado à uma agência de publicidade, que deveria ser marcante, em uma rua de lojas para um público de poder aquisitivo alto, o edifício precisava mostrar um refinamento e inovação. Seu desenho ondulado nos dá a impressão de ondas sonoras que absorvem o barulho da rua e se deformam irregularmente. Serapião (2015) afirma que esta fachada é o elemento mais marcante deste edifício, formada por estes elementos que funcionam como uma segunda pele, que além de cumprirem seu papel de proteção conferem privacidade ao interior do edifício. Esta fachada é composta pelas lâminas de madeira com o fechamento em painéis de vidro que garante uma sutil relação do edifício com a rua, como afirmam os arquitetos: “O prédio olha para a cidade, sutilmente revelando seu interior através de camadas sobrepostas”.⁴⁵ Elevado em relação ao nível da rua, o edifício apresenta sua entrada principal marcada por uma caixa em concreto aparente, onde os *brises* se transformam em degraus que dão acesso à entrada do edifício.

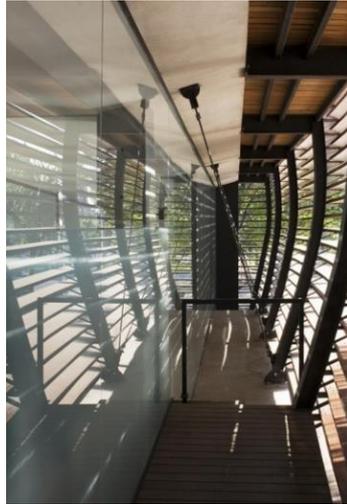
⁴⁵Descrição dos arquitetos. Disponível em: <https://www.anualdesign.com.br/saopaulo/projetos/1193/loducca-colombia-325/>

Figura 70 – Edf. Colômbia, fachada frontal



Fonte: triptyque.com.

Figura 71 – Edf. Colômbia, Detalhe fachada frontal.



Fonte: triptyque.com.

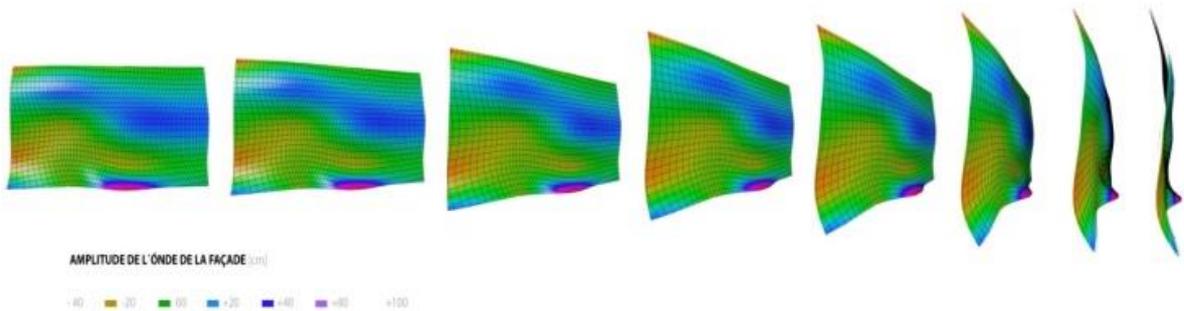
Figura 72 – Edf. Colômbia, Construção fachada frontal



Fonte: Monolito 2015

Para a aplicação dos *brises* os arquitetos realizaram um estudo de composição a fim de garantir a eficiência da aplicação do material, conforme a figura seguinte:

Figura73 - Edf. Colômbia, estudo de composição dos brises.



Legenda: Amplitude de onda da fachada (cm)

-40 -20 00 +20 +40 +80 +100

Fonte: triptyque.com.

O emprego do *brises* neste projeto remete a grandes exemplos da arquitetura moderna brasileira, sendo coerente citar Bruand, quando, há cinquenta anos, afirmava:

Seria, contudo, errôneo admitir que o emprego do *brise-soleil* provocou o desaparecimento dos meios tradicionais; as varandas e os corredores externos de outrora foram substituídos pelos amplas espaços livres cobertos, possíveis graças às novas técnicas construtivas: térreo total ou parcialmente livre, graças ao emprego do pilotis e grandes terraços ou sacadas protegidas pela projeção de uma laje em balanço. Embora os procedimentos tenham mudado o princípio de proteção não se modificou. O mesmo se aplica às venezianas, persianas e outros tipos de postigo, cujo uso, mantido em certos edifícios, possibilitou às fachadas um toque particular (BRUAND, 1981, p. 12).

Com planta livre e marcado pelo concreto armado o edifício apresenta a fachada de fundo marcada por grandes painéis em vidro, ora duplos, ora foscos, que se abrem para um jardim onde há pequeno espelho d'água.

Figura74. Interior do edf. Colômbia. Figura75. Interior do edf. Colômbia. Figura76. Fachada de fundo.



Fonte: triptyque.com.



Fonte: triptyque.com.



Fonte: triptyque.com.

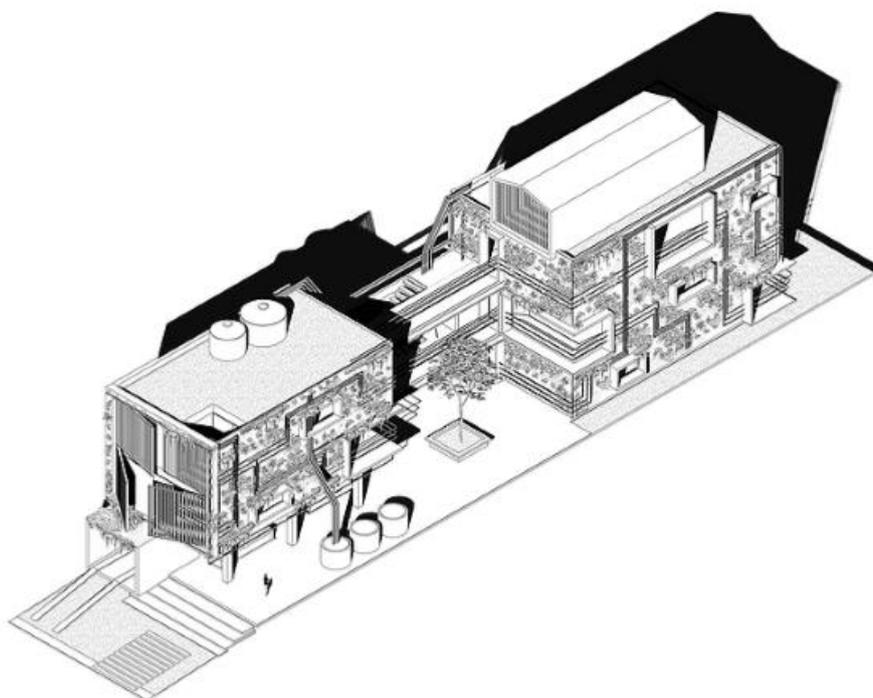
O projeto foi apresentado na Bienal de Arquitetura de Veneza em 2008, trazendo soluções inovadoras para problemas urbanos comuns em cidades do porte de São Paulo. Desde 2014, a maquete e os desenhos do edifício integram a coleção permanente de obras de arquitetura do Centro Georges Pompidou, em Paris.⁴⁶Os materiais utilizados neste projeto são madeira, vidro e concreto, onde percebe-se a intenção de utilizá-los de maneira a conferir irreverência e sofisticação ao edifício.

⁴⁶ Monolito, 2015, p. 39.

HARMONIA 57 (2007 – 2008)

São Paulo

Figura77 – Edf. Harmonia 57, maquete 3D.



Fonte: triptyque.com.

Inicialmente projetado para uma residência artística, atualmente utilizado para fins comerciais, o Harmonia 57 possui 1.100 metros quadrados de área construída e está situado na Vila Madalena, em São Paulo. A Vila Madalena era um bairro de classe média, predominantemente residencial, que tem passado por um processo de gentrificação, portanto uma loja deveria ter este caráter inovador. Destacando-se pela sua fachada o edifício estabelece uma relação direta com a rua como que convidando os pedestres a entrarem.

Dividido em dois blocos interligados por uma escada de concreto, com uma praça central de piso em madeira e um banco do mesmo material marcado por uma árvore, o edifício foi projetado de maneira que parece estar estruturado às avessas, com suas tubulações expostas na fachada composta de concreto orgânico e vegetações variadas, funcionando como um “organismo vivo”. Seu interior mostra-se muito bem acabado, com superfícies claras e iluminadas por grandes painéis de vidro, que nas fachadas principais são protegidas por grandes venezianas de madeira, “como olhos olhando a cidade de vários pontos de vista”.⁴⁷

⁴⁷ Disponível em https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/triptyque-architecture_/harmonia-57/258. acesso em 02.11.2019.

Figura 78 – Pátio do Harmonia 57



Fonte: nelsonkon.

Figura 79 – Lateral do Harmonia 57



Fonte: nelsonkon.

Figura 80 - Fachada frontal do Harmonia 57



Fonte: nelsonkon.

Figura 80 – Fachada do Harmonia 57



Fonte: a autora. Julho de 2019.

Figura 81 – Pátio do Harmonia 57



Fonte: a autora. Julho de 2019.

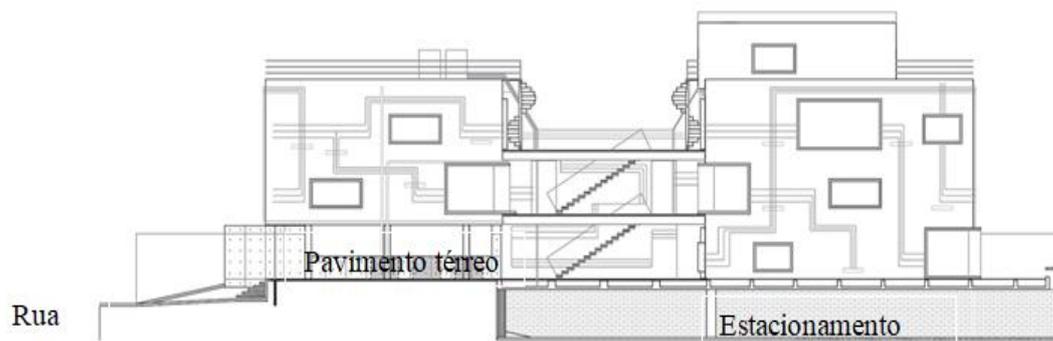
Figura 82 – Interior de loja do Harmonia 57



Fonte: a autora. Julho de 2019.

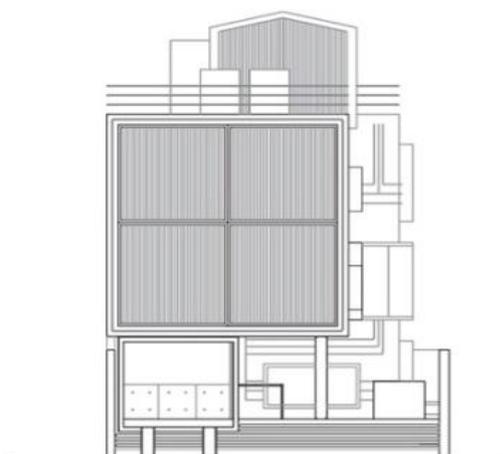
O edifício está localizado em uma área que apresenta fortes inundações em períodos de chuva, e para amenizar as consequências destes problemas os arquitetos buscaram elevar o edifício do piso, concedendo acesso através de rampa, para os carros, e escadas, para os pedestres, de forma que ao elevar-se o nível das águas o edifício estaria protegido de inundações, conforme visto nas fotos seguintes.

Figura 84 –Harmonia 57, corte longitudinal.



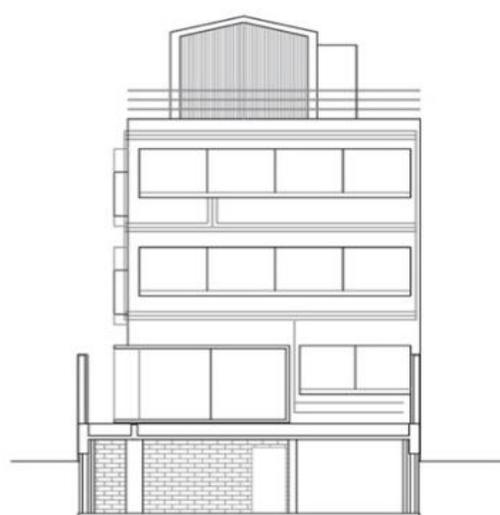
Fonte: triptyque.com.

Figura85 – Harmonia 57, corte transversal.



Fonte: triptyque.com

Figura85 – Harmonia 57, corte transversal.



Fonte: triptyque.com

Ao transitar pelo interior do edifício é possível perceber que ele consegue transportar as pessoas para uma atmosfera que as liga à natureza e revela um lugar que abriga e acolhe. Transitar por este edifício faz esquecer por vezes do burburinho das ruas agitadas da grande São Paulo. Para os arquitetos franco-brasileiros, este projeto foi um exemplo de liberdade de criação. Carolina Bueno cita que a fachada vegetal já era feita na Europa, no entanto, era muito complexo, e no Brasil por apresentar clima mais propício e terras mais férteis, o processo se mostrou mais fácil. Foi através de vários testes com cimento que eles conseguiram atingir o efeito desejado. Os dutos que servem ao edifício e os tubos das bombas e tratamento de água foram colocados propositalmente visíveis nas fachadas “abraçando-as como veias e artérias de um corpo.”⁴⁸

⁴⁸ Op. Cit.

Figura 87 - Harmonia 57, fachada interna.



Fonte: Nelson Kon.

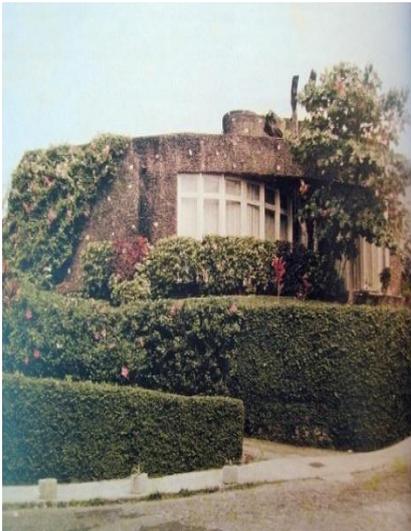
Figura 88 - Harmonia 57, detalhe fachada.



Fonte: Nelson Kon.

Pode-se fazer uma ligação deste projeto com as obras de Lina Bo Bardi, citadas no capítulo 2 deste trabalho, onde a arquiteta utiliza-se fortemente da vegetação nas fachadas das residências Chame-Chame e Cirell.

Figura89 - Casa Chame-Chame.



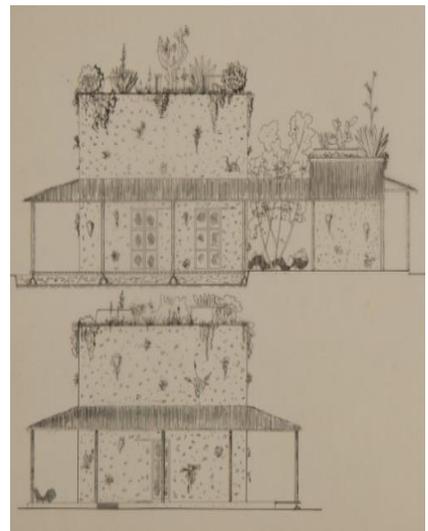
Fontes: <https://www.archdaily.com.br>.

Figura90 - Harmonia 57.



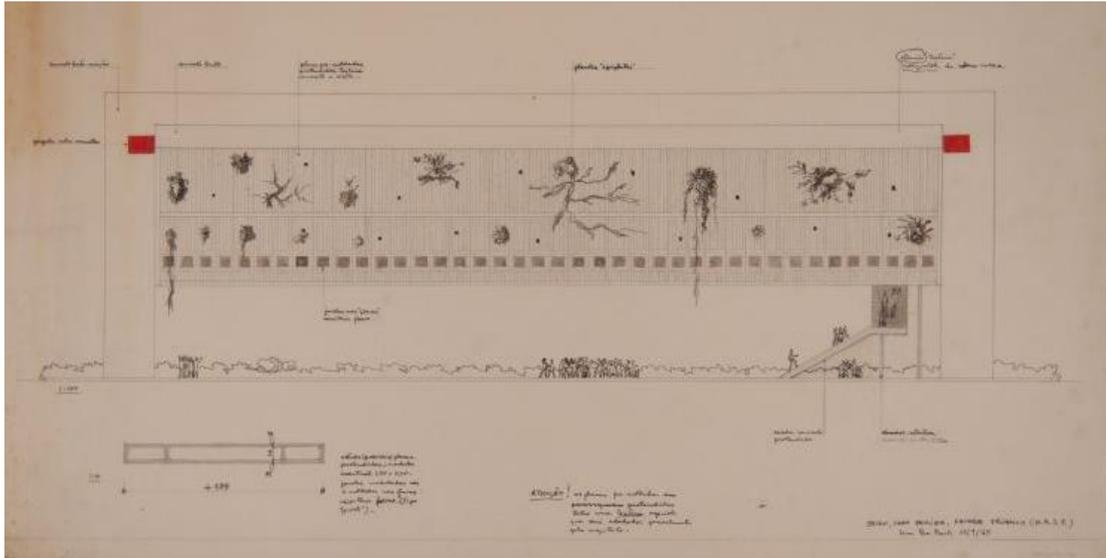
Fonte: triptyque.com.

Figura901- Casa Cirell



Fonte: triptyque.com.

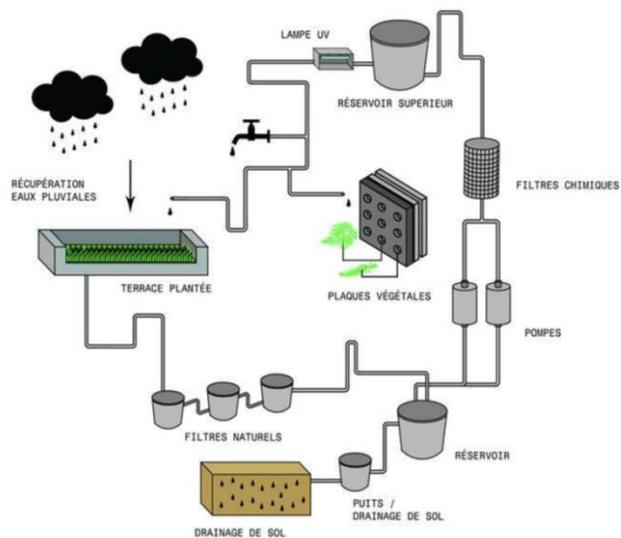
Figura 92- Elevação frontal com painéis pré-moldados e vegetação/ Planta do painel pré-moldado.



Fonte: http://www.institutobardi.com.br/ficha_desenho.asp?Desenho_Codigo=2600.

Com fachadas híbridas que mescla arquitetura e natureza, o edifício apresenta um sistema de reaproveitamento da água, que armazena a água da chuva e do próprio subsolo do terreno em compartimentos que tratam essa água para abastecê-lo, reutilizando-a para uso do prédio e irrigação das fachadas, economizando cerca de 90% do consumo de água do edifício, criando um microclima dentro do terreno.

Figura 93- sistema de hídrico do Harmonia 57.



Fonte: triptyque.com.

Figura 94 - sistema de hídrico do Harmonia 57.



Fonte: triptyque.com.

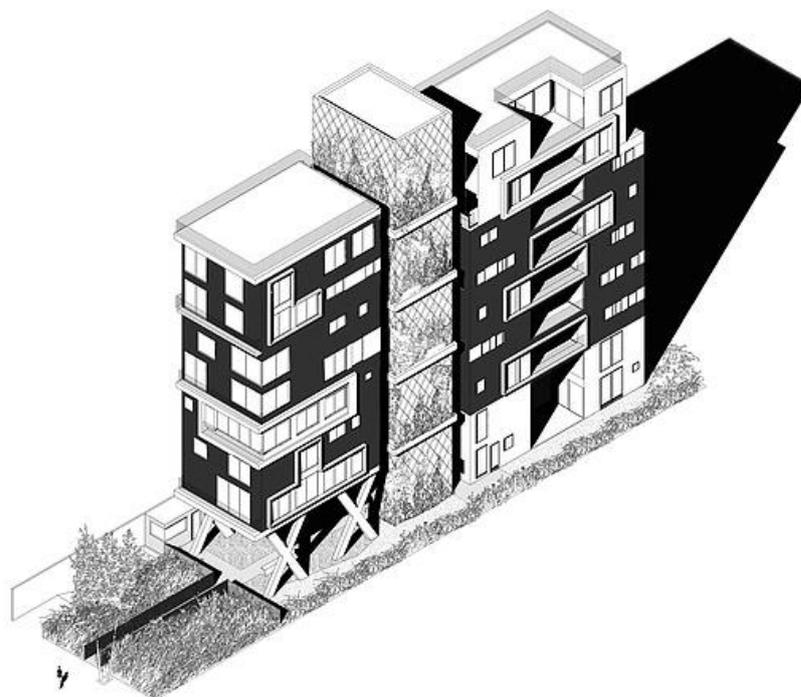
De acordo com o Vitruvius⁴⁹ a escolha de materiais biológicos dimensiona uma nova maneira de viver com mais consciência, questiona as formas de pensar e fazer arquitetura. Neste aspecto o Harmonia 57 destaca-se como sustentável por utilizar técnicas, métodos e materiais que buscam minimizar os impactos da obra no meio ambiente e se inserir no meio urbano através da apropriação de elementos naturais e tecnológicos.

Bueno define o edifício “como um organismo vivo, o prédio respira, sua e se modifica, transcendendo sua inércia.”⁵⁰Construído com parede dupla, fachadas cobertas por vegetações e sistema de irrigação que garantem conforto e qualidade aos seus usuários. Suas grandes janelas que permitem a comunicação com a rua proporcionam também o aproveitamento da luz natural garantindo maior economia de energia, incluindo iluminação artificial e refrigeração.O projeto foi capa da revista Monolito em edição especial sobre o escritório, no ano de 2015. Também conferiu aos arquitetos o prêmio 'Ambiente Construído' de 2010 do Grupo Zumtobel.

FIDALGA 727 (2007-2010)

São Paulo

Figura 95 – Fidalga 727, maquete 3D.



Fonte: triptyque.com.

⁴⁹ Revista que publica artigos sobre arquitetura e urbanismo.

⁵⁰ Disponível em: https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/triptyque-architecture_/harmonia-57/258. Acesso em 02.11.2019.

Localizado na Rua Fidalga, Vila Madalena, em São Paulo, o Fidalga 727 é um edifício residencial multifamiliar de 2.778 metros quadrados de construção, com 11 unidades habitacionais sobrepostas de acordo com uma variação de tipologias, que variam de oitenta a duzentos e quarenta metros quadrados.

Figura96 – Fidalga 727, planta baixa térreo.



Fonte: triptyque.com.

Figura97 – Fidalga 727, planta baixa pavimento tipo.



Fonte: triptyque.com.

Figura98 – Fidalga 727, planta baixa pavimento tipo.



Fonte: triptyque.com.

Os apartamentos foram dispostos de tal forma que proporcionam aos moradores uma vista em 360° para a Vila Madalena, com janelas amplas que favorecem a ventilação natural. De acordo com os arquitetos, a ideia da descontinuidade das aberturas nas fachadas faz uma relação com a irregularidade do tecido urbano em volta do edifício. Recuando o limite frontal do terreno e criando um jardim neste acesso principal os arquitetos buscaram estabelecer uma relação do edifício com a rua.

Figura 99 – Fidalga 727, fachada frontal



Fonte: triptyque.com.

Figura 100 – Fidalga 727, fachada lateral



Fonte: triptyque.com.

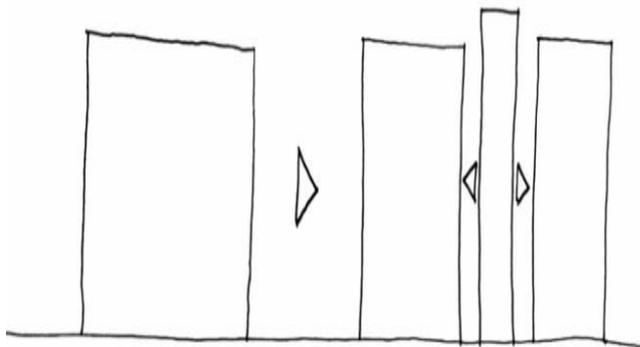
Figura 101 – Fidalga 727, acesso pedestres



Fonte: triptyque.com.

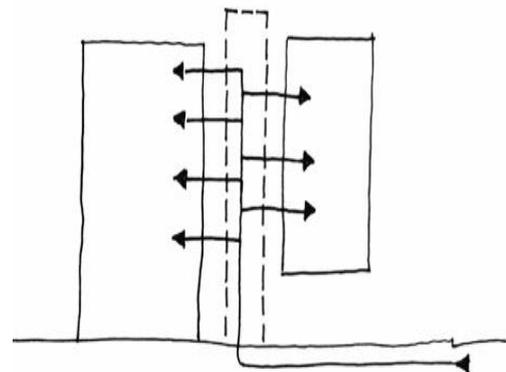
O partido arquitetônico deste projeto foi a divisão de um bloco único em três, sendo o central destinado à circulação vertical, onde os dois blocos restantes são ligados por uma passarela que é parcialmente fechada para que, segundo os arquitetos, as pessoas possam ter contato com o ambiente externo, além dos elementos naturais tais como a chuva, o vento e o sol. O bloco que compõe a fachada frontal foi elevado do piso sob pilares de concreto, compondo um espaço interno que afirma a relação do edifício com a rua, e onde o jardim mantém uma continuidade, elevando-se pela torre central. O terceiro bloco, localizado logo após a torre de circulação vertical surge diretamente do solo.

Figura 102 – Fidalga 727, esquemas do partido arquitetônico.



Fonte: triptyque.com.

Figura 103 – Fidalga 727, esquemas do partido arquitetônico.



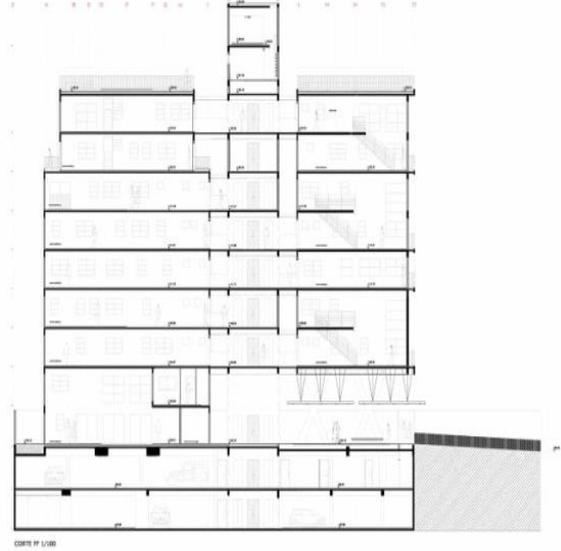
Fonte: triptyque.com.

Figura 104 - Fidalga 727, fachada lateral



Fonte: triptyque.com.

Figura 105 - Fidalga 727, corte longitudinal



Fonte: triptyque.com.

Suas fachadas são compostas por concreto, vidro e texturas nas cores brancas e pretas, com tubulações aparentes, marcadas por grandes janelas em diferentes formatos que garantem uma conexão com a vila.

Figura 106 - Fidalga 727, fachada lateral



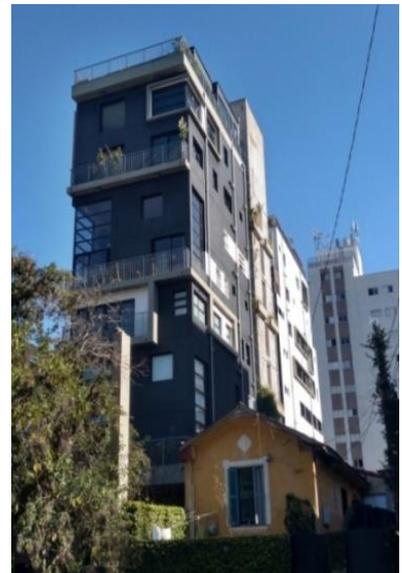
Fonte: triptyque.com.

Figura 107 - Fidalga 727, fachada lateral



Fonte: triptyque.com.

Figura 108 - Fidalga 727, fachada frontal

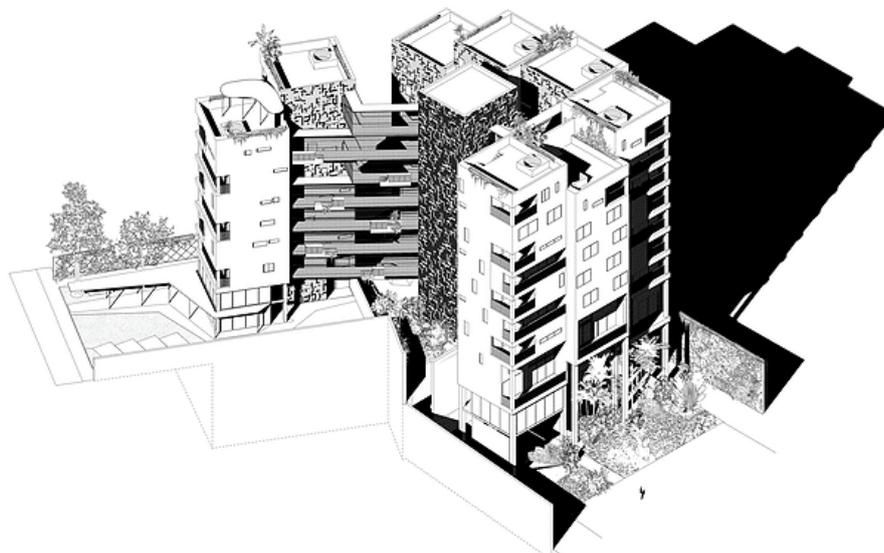


Fonte: a autora.

ARAPIRACA / POPXYZ (2012 - 2017)

São Paulo

Figura 109 - Arapiraca / POXYZ, maquete 3D.



Fonte: triptyque.com.

O edifício Arapiraca / POPXYZ - projetado pela *Triptyque* sob encomenda da Idea Zarvos é um dos projetos que apresenta um nível de soluções mais complexas realizados pela escritório, de acordo com os próprios arquitetos. Isto porque há uma grande variedade na configuração das unidades habitacionais, o que levou a um nível de detalhamento e acompanhamento de obra maior do que o convencional. O prédio está localizado na Vila Madalena, situado entre as ruas Arapiraca e Delfina e apresenta uma fachada ativa⁵¹ - lei presente no Plano Diretor de São Paulo que prevê a destinação de uma parcela do lote destinada ao comércio e aberta para a rua, com o intuito de promover a vitalidade urbana em determinadas áreas. Nesta fachada é possível visualizar o edifício com suas texturas e cerâmicas que homenageiam Athos Bulcão.⁵²

⁵¹Fachada ativa corresponde à ocupação da fachada localizada no alinhamento de passeios públicos por uso não residencial com acesso aberto à população e abertura para logradouro, com o objetivo de promover usos mais dinâmicos dos passeios públicos em interação com atividades instaladas nos térreos das edificações, a fim de fortalecer a vida urbana nos espaços públicos. Fonte: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/novo-pde-fachada-ativa/>. Acesso em 28.04.2020

⁵²Athos Bulcão foi um renomado artista carioca que participou ativamente com suas obras na construção de Brasília. Foi amigo de alguns dos mais importantes artistas brasileiros modernos. Sua trajetória artística é consagrada ao público em geral por fazer parte da cidade, permitindo que as pessoas as contemplem no seu dia a dia. Faleceu aos 90 anos deixando um grande legado. Fonte: <https://fundathos.org.br/athos-bulcao>. Acesso em 28.04.2020.

Figura 110- Arapiraca, fachada ativa.



Fonte: a autora, julho de 2019.

Figura 111 - Arapiraca, fachada ativa.



Fonte: a autora, julho de 2019.

A fachada voltada para a Rua Arapiraca é de acesso restrito aos moradores, apresentando-se mais tranquila e bucólica; a rua de paralelepípedos tem o seu final no edifício, onde nos deparamos com vasta vegetação, uma portaria e o edifício propriamente dito, separado da rua por um muro de gabião.⁵³ Este último, segundo Bousquet, foi escolhido pelos arquitetos como meio de explorar a sensibilidade dos materiais que lembra a natureza através das pedras e como forma de possibilitar a permeabilidade da luz e do vento. Ainda nesta fachada, pode-se destacar o jardim tropical que marca a transição da rua para o edifício. O jardim foi pensado com o intuito de incorporar a atmosfera da natureza a este espaço, e como forma de ‘gentileza urbana’, de acordo com os arquitetos.

Figura 112 - POPXYZ, acesso privado, R. Arapiraca.



Fonte: triptyque.com.

Figura 113 - POPXYZ, acesso privado, R. Arapiraca.

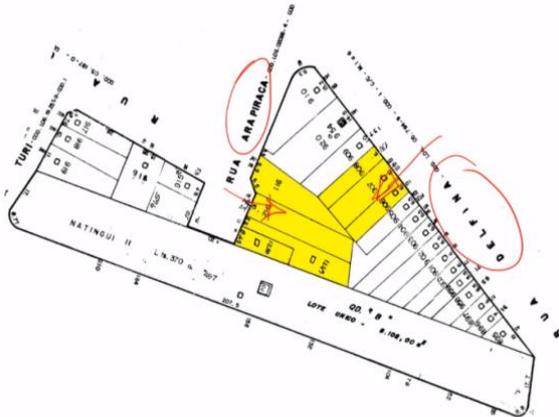


Fonte: triptyque.com.

⁵³Gabião: os muros de gabião são constituídos por gaiolas metálicas conformadas por malhas hexagonais de fios de aço galvanizados, de modo que resistam às intempéries por um extenso período de tempo, livres de oxidação. Internamente são preenchidos por pedras de diferentes tamanhos, tornando-se uma estrutura permeável. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/903164/a-versatilidade-dos-muros-de-gabiao-de-obras-de-infraestrutura-a-mobiliarios-urbanos>. Acesso em 28.04.2020.

O terreno do edifício, resultante do remembramento de 7 lotes, é acidentado, apresentando um desnível de 12 metros entre as duas ruas e possui uma área de 3.500 metros quadrados. Este desnível foi resolvido elevando-se algumas torres do solo de maneira que elas pudessem se igualar às torres que surgiam do nível zero, localizadas na rua Delfina.

Figura 114 - POPXYZ, situação do terreno. Figura 115 - POPXYZ, terreno.



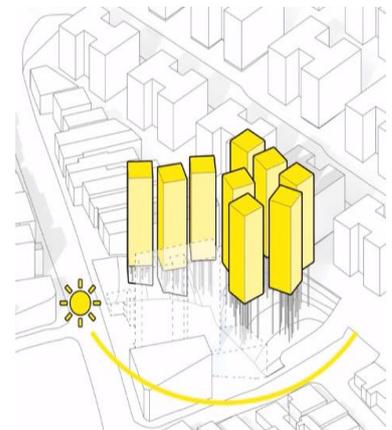
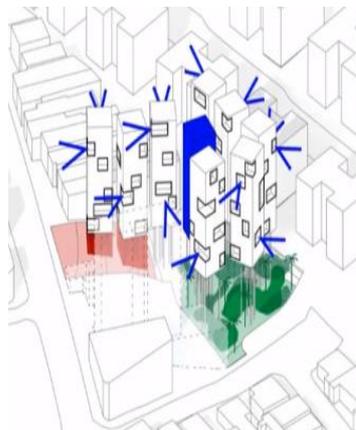
Fonte: <https://www.e-pavilion.com> Fonte: <https://www.e-pavilion.com>

Assim como no Fidalga, neste projeto, os arquitetos também dividiram o bloco único que seria resultante dos afastamentos legais, em nove torres, sendo a central destinada para a circulação vertical. Esta solução foi buscada a fim de possibilitar a todos os apartamentos a vista da malha urbana ao redor do terreno, além de conferir um melhor aproveitamento da ventilação e da insolação para cada unidade habitacional.

Figura 116- Croqui ventilação.

Figura 117- Croqui vistas.

Figura 118- Croqui insolação.



Fonte: <https://www.e-pavilion.com> Fonte: <https://www.e-pavilion.com> Fonte: <https://www.e-pavilion.com>

Os blocos são interligados por uma torre central de circulação onde foram instaladas passarelas metálicas, fechadas com placas de aço perfuradas que permitem a interação dos moradores com a Vila Madalena. Essas passarelas foram utilizadas como forma de viabilizar as instalações prediais, é por elas que passam os cabamentos das infraestruturas e onde foram posicionadas as condensadoras de ar-condicionado; como forma de minimizar os impactos visuais destes equipamentos os arquitetos implementaram jardineiras ao longo destas estruturas. Bousquet as descreve da seguinte maneira: “As passarelas são usadas como áreas técnicas, como espaço de suporte; tudo passa por elas, elas são *shafts*, que foi um exercício de convencimento para fazer acontecer a ideia.”

Figura 119 - Arapiraca, passarelas. Figura 120 - Arapiraca, passarelas Figura 121 - Arapiraca, circulação



Fonte: triptyque.com.



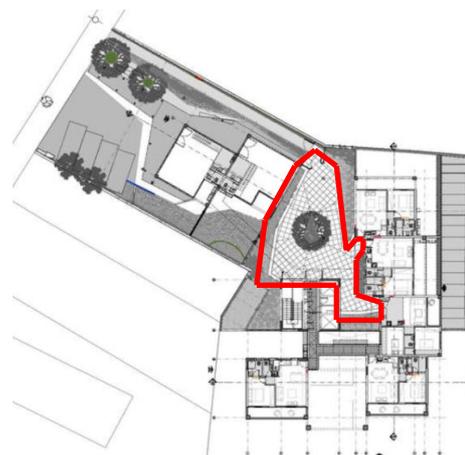
Fonte: triptyque.com.



Fonte: triptyque.com.

Na planta baixa do pavimento térreo pode-se observar a existência de um vão central que permite a permeabilidade da luz natural e da ventilação entre os patamares, auxiliando na economia de recursos artificiais de iluminação e refrigeração.

Figura 122 - Planta baixa térreo, vão central.

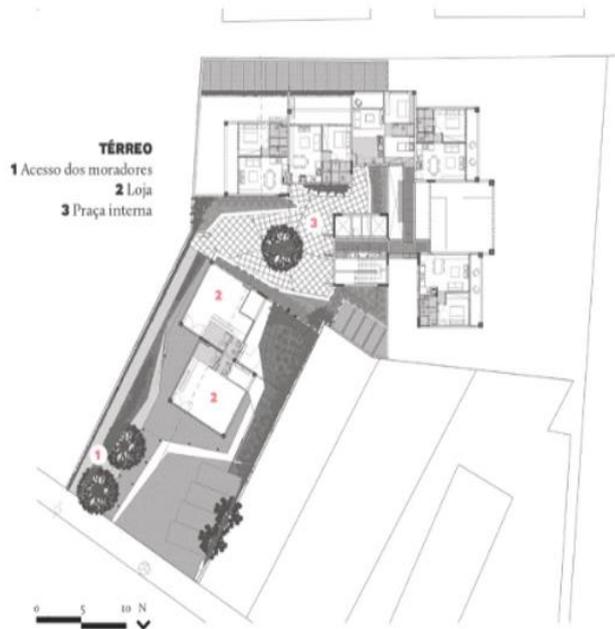


— Vão central.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/871590/pop-xyz-triptyque>.

A complexidade projetual deste edifício pode ser percebida também nas plantas das unidades habitacionais, com tipologias diferentes, resultantes do programa do projeto e da quebra do volume original.

Figura 123 - Planta baixa térreo.



Fonte: triptyque.com.

Figura 124- Planta baixa primeiro pavimento



Fonte: triptyque.com.

Figura 125 - Planta baixa pavimentos 5.



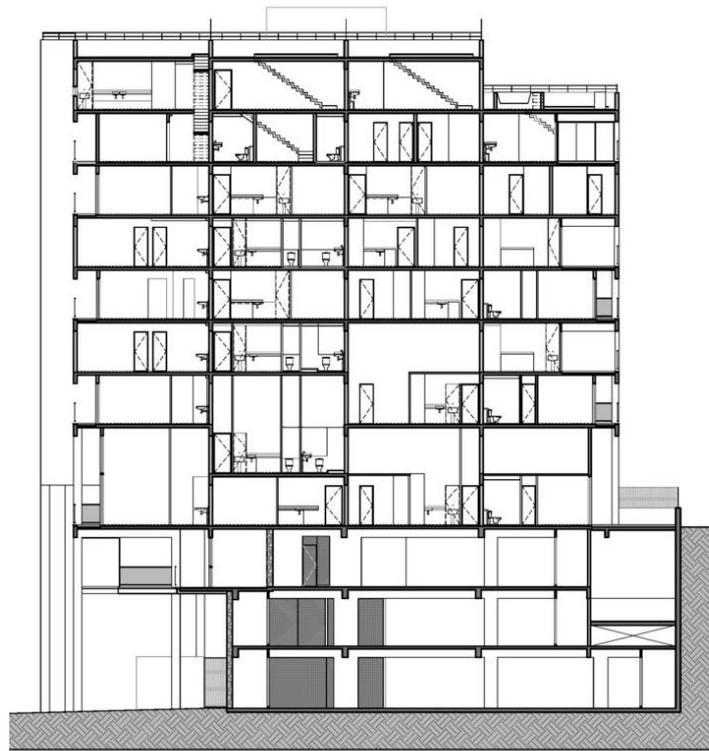
Fonte: triptyque.com.

Figura 126 - Planta baixa pavimentos 6.



Fonte: triptyque.com.

Figura 127 - Corte esquemático.



Fonte: triptyque.com.

Suas fachadas são resultantes da aplicação de basicamente dois materiais, o cimento chapiscado aparente, e azulejos. A aplicação do cimento chapiscado é uma referência às fachadas das casas da Vila Madalena, que em sua maioria apresentavam seus muros revestidos por este material. Foi feito um estudo minucioso para que a aplicação dos padrões dos azulejos não apresentasse uma escala desproporcional, de modo a manter uma harmonia na sua composição.

Figura 128 - Materiais utilizados no Arapiraca.



Fonte: e-pavillion.com.

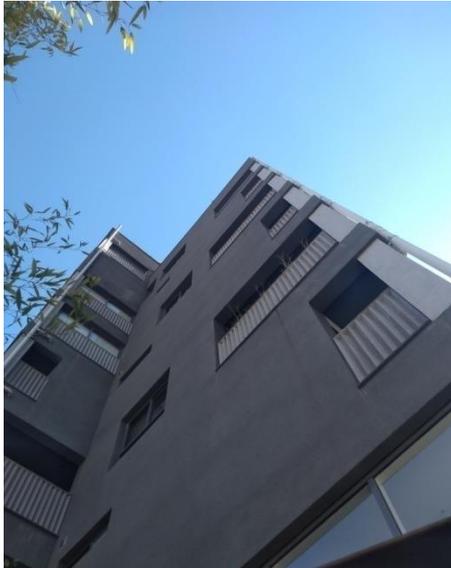
Figura 129 - casa típica da Vila Madalena e seus materiais.



Fonte: e-pavillion.com

As fachadas externas são marcadas pelo cimento, material mais rugoso, e as fachadas internas são trabalhadas internas em azulejos, de modo a conferir unidade ao conjunto. Bousquet afirma que neste projeto houve uma profusão intensa de ideias e conceitos trabalhados durante muito tempo que foi empregado desde os pequenos detalhes aos maiores, desde a composição dos azulejos até a explosão dos blocos.

Figura130 - Arapiraca, fachada.



Fonte: a autora, julho de 2019.

Figura131 - Arapiraca, fachada.

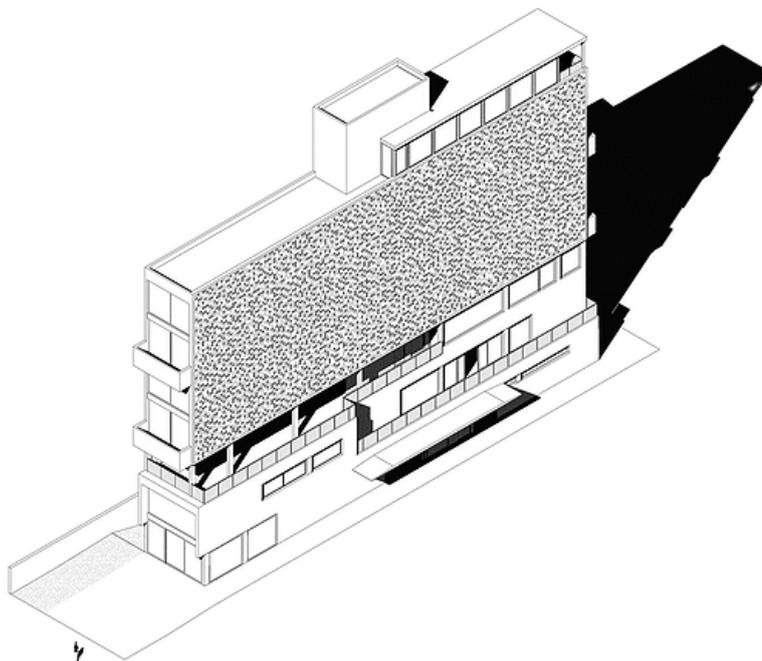


Fonte: a autora, julho de 2019.

LEITÃO 653 (2007-2012)

São Paulo

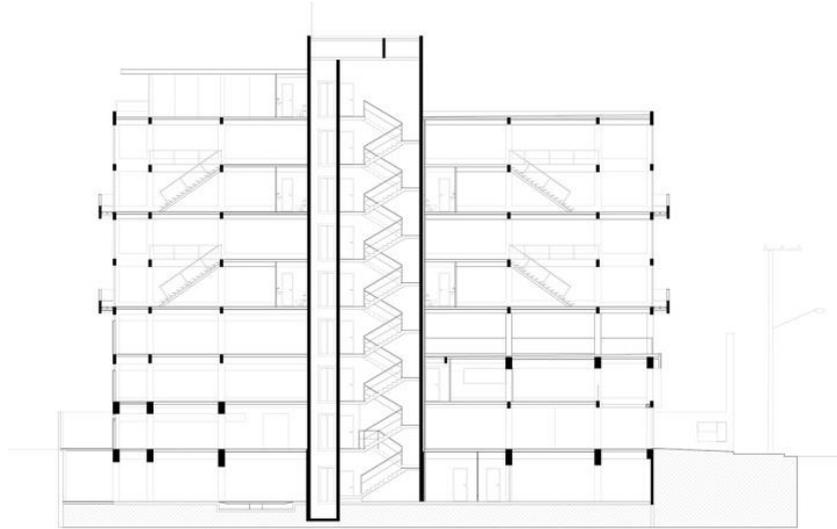
Fig. 132 –Leitão 653, maquete 3D.



Fonte: triptyque.com.

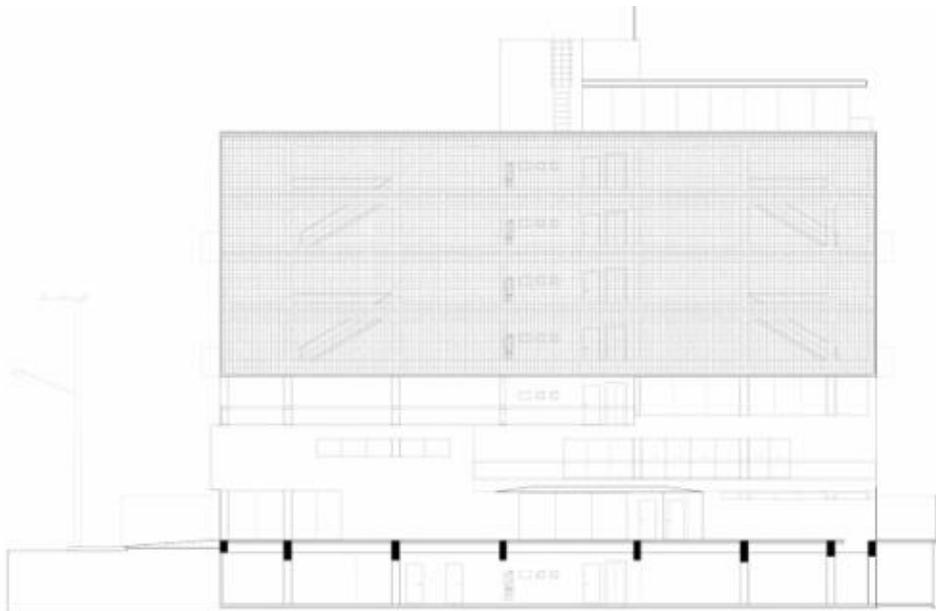
Situado no bairro de Pinheiros em São Paulo, com área de 1.280 metros quadrados, o Leitão 653 é um edifício empresarial pensado para estar em constante relação com a cidade. A construção ocupa um terreno com apenas 10 metros de largura e 45 de profundidade e o volume alcança 25 metros de altura com seis pavimentos mais o térreo, cobertura e subsolo (SERAPIÃO, 2015).

Fig.133 –Leitão 653.



Fonte: archdaily.com.br; triptyque.com.

Fig.134 –Leitão 653.



Fonte: archdaily.com.br; triptyque.com.

Nele, os arquitetos trabalharam um grande painel de tijolos de vidro translúcidos e opacos, em uma composição que lembra os *muxarabis*. Durante o dia a luz penetra por este painel iluminando o interior dos escritórios, enquanto à noite a luz interna das salas dialoga com a cidade comunicando que há vida ativa naquele local, além de auxiliar na diminuição impacto da incidência solar.

Figura 135 –Leitão 653.



Fonte: triptyque.com.

Figura 136 –Leitão 653.



Fonte: a autora, julho de 2019.

Este edifício tem em sua cobertura um espaço de estar que configura um *lounge*, onde é possível descansar nos intervalos do trabalho ou ainda realizar eventos. Sua arquitetura estabelece comunicação entre o meio urbano e o interior do edifício e, de acordo com os arquitetos foi inspirado na *Maison de Verre*, de Pierre Chareau, localizada em Paris. Sobre a utilização dos materiais e esta conexão com a vida humana, Leatherbarrow (2002) afirma que uma vez que o edifício e seus materiais se transcendem na atmosfera, a antiga permanência mortal da arquitetura é abandonada, e o edifício se une ao rito da vida contemporânea.

Figura 137 –Leitão 653.



Fonte: triptyque.com.

Figura 138 - *Maison de Verre*

Fonte: archdaily.com.br

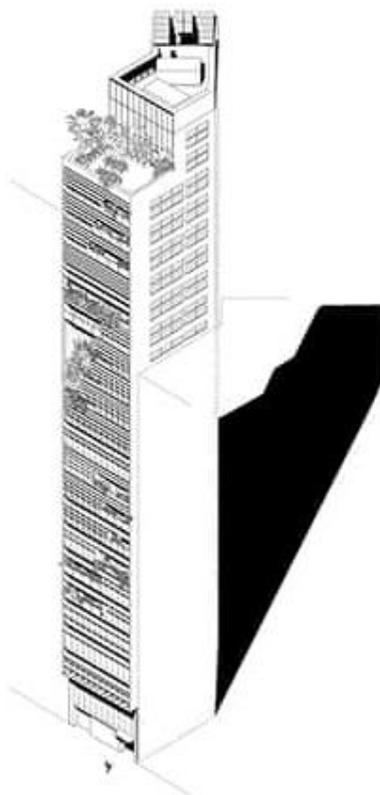
De acordo com Gabrielle Victoriano,⁵⁴ o bloco de vidro, material que caracteriza esta obra, é um elemento industrializado, autoportante, disponível em qualquer loja de construção, traz uma luz difusa e uniforme para o espaço estreito; outra vantagem do uso do material é a questão térmica, os tijolos, escolhidos em três tipos – vidro transparente, jateado e branco – têm um padrão com estética aleatória, mas desempenham também a função de proteção solar e térmica. Os arquitetos da *Triptyque* afirmam que o que mais os agrada é poder explorar de maneira estética e técnica um material simples e muitas vezes subestimado.

⁵⁴ Jornalista do site galeria da arquitetura.

RB12 (2014 – 2015)

Rio de Janeiro

Figura 139 - RB12, maquete 3D.



Fonte: triptyque.com.

Situado no Rio de Janeiro, na Av. Rio Branco, o RB12 é um projeto de requalificação, datado de 2015, com 4.700 metros quadrados, que representa bem o braço sustentável do escritório. O projeto pode ser definido como “*green-retrofit* que consiste na adaptação e melhoria dos edifícios antigos para que eles atinjam um padrão sustentável”⁵⁵. De acordo com alguns sites de arquitetura este edifício configura-se como um dos novos edifícios mais sustentáveis do Rio de Janeiro. O projeto visa requalificar uma torre de escritórios em uma área denominada como Porto Maravilha, onde está havendo grande investimento por parte do poder público para o desenvolvimento responsável.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/16.185/6021>. acesso em 02.11.2019.

Figura 140 –RB12, detalhe fachada



Fonte: triptyque.com.

Figura 141 –RB12, fachada



Fonte: triptyque.com.

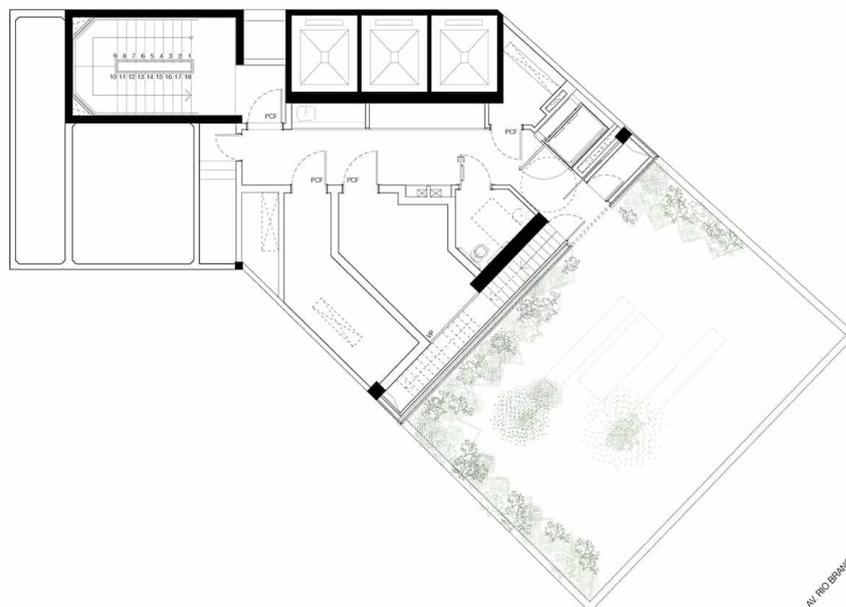
Figura 142 –RB12, interior



Fonte: triptyque.com.

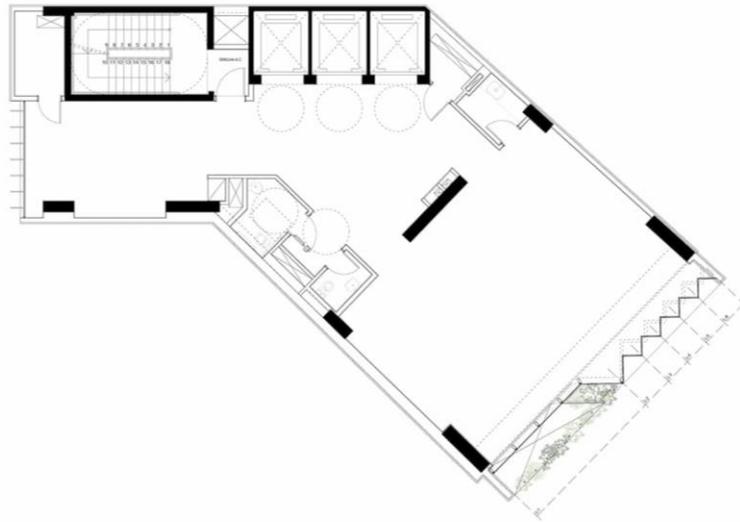
O edifício apresenta soluções que contam com um a fachada bioclimática, placas de energia solar e tecnologias que permitirão ao prédio ser autossuficiente em uso de energia, conhecida como energia positiva, onde o edifício produz mais energia do que consome. Suas paredes internas foram demolidas ao máximo possível, restando apenas a estrutura básica do prédio. De acordo com os arquitetos o prédio prevê a localização de células de combustível cujas células de hidrogênio transformarão o gás da rua em eletricidade.

Figura 143 - RB12, planta baixa térreo



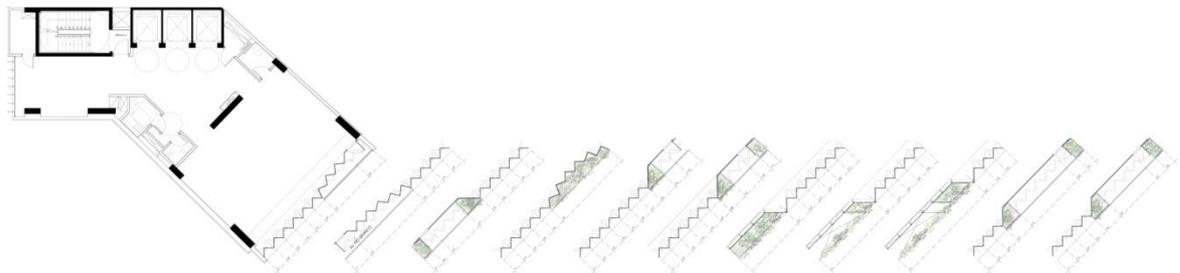
Fonte: triptyque.com.

Fig. 144– RB12, planta baixa



Fonte: triptyque.com.

Figura 145 –RB12, planta baixa detalhes fachada

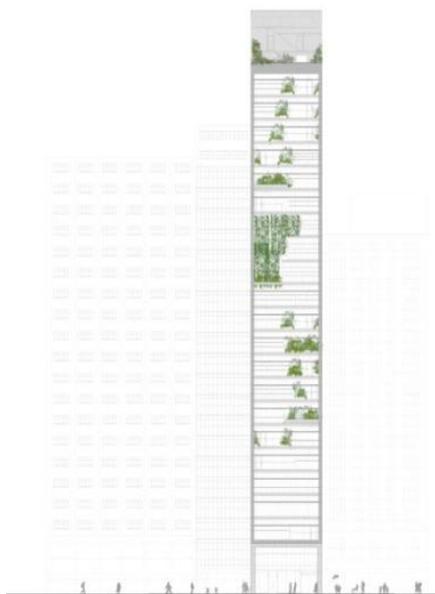


Fonte: triptyque.com.

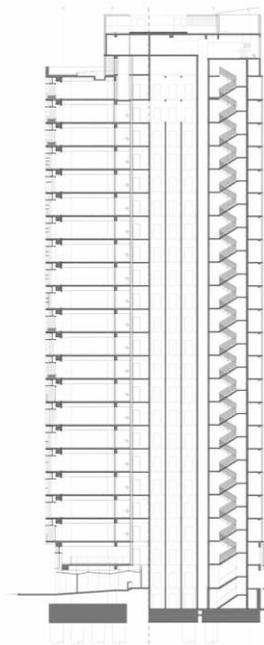
Figura 146 – RB12, fachada

Figura 147 – RB12, corte

Figura 148– RB12, fachada render



Fonte: triptyque.com.



Fonte: triptyque.com.



Fonte: triptyque.com

Sua fachada com vidros compostos em diagonais apresenta jardins suspensos que contribuem para o controle térmico do interior do edifício. Bueno afirma que o projeto adotou um modelo básico para todos os fechamentos dos andares, que consiste em sequência de vidros duplos verticais dispostos em forma de zigue-zague, interceptados no trecho superior pelo *brise* horizontal de aço inoxidável. O sistema de resfriamento interno do edifício será realizado através do uso de vigas refrigeradas e ventilação natural. Todas as instalações do edifício foram implementadas pelos arquitetos, e o sistema de ar-condicionado, com vigas frias, anteriormente citadas, funciona através do frio que emana e não pelo sopro do ar, mostrando-se um sistema mais eficiente e saudável. Além disso, a água consumida será reaproveitada para a irrigação dos jardins. No topo do edifício foi projetado um terraço com jardim de onde se pode dialogar com a cidade.

Figura 149 –RB12, rooftop.



Fonte: triptyque.com.

Figura 150 –RB12, rooftop render.



Fonte: triptyque.com.

As obras selecionadas para análise neste capítulo visam demonstrar a aplicação dos conceitos que se apresentam no método projetual do escritório em estudo. Buscou-se analisar os edifícios pela ótica da arquitetura, destacando suas peculiaridades quanto à aplicação dos materiais, a relação com o entorno, além dos aspectos da sustentabilidade em relação às técnicas utilizadas para garantir edifícios mais sustentáveis.

Percebeu-se nos projetos analisados uma busca pela produção de uma arquitetura que visa minimizar os efeitos negativos das cidades contemporâneas na produção dos edifícios multifamiliares e comerciais. Além disto, percebeu-se a produção de obras que transcendem a estética e visam criar uma relação com os sítios e seus entornos.

5 CONCLUSÃO

Analisando a trajetória do escritório, os conceitos projetuais e sua produção, a *Triptyque Architecture* demonstrou relevância e lugar de destaque no panorama da arquitetura contemporânea brasileira.

Sua formação baseada no estilo *Beaux-Arts*, focada na produção intensa de projetos conceituais conferiu aos arquitetos um olhar mais sensível às questões projetuais no sentido de tratar cada projeto como único, e a partir daí trabalhar as características peculiares de cada um, o que conferiu ao grupo uma sensibilidade em buscar soluções mais diversas para cada problema apresentado, buscando o adequado emprego de materiais e de métodos construtivos que garantam a funcionalidade dos projetos aliada à estética.

A trajetória profissional dos arquitetos franco-brasileiros foi marcada por adequações a uma forma de projetar, sistemas construtivos e de regulação edilícias e urbanísticas diferentes das que eles vivenciaram na universidade. Apesar das dificuldades de adequação a uma nova realidade, a equipe conseguiu se adaptar e conquistou um lugar de destaque no cenário nacional e internacional. Um parâmetro para esta afirmação é a forma como suas produções são divulgadas, com citações em diversos meios – digitais e impressos – que ressaltam seus projetos, seja pelo aspecto da inovação ou da sustentabilidade. Esta pesquisa contabilizou mais de trezentas citações em publicações de diversas especialidades e nacionalidades que ressaltam a produção destes arquitetos.

No contexto da arquitetura contemporânea brasileira, percebe-se que ela se mostra como uma releitura da arquitetura moderna, sem, no entanto, buscar repetir seus padrões, mas aprimorá-los a uma realidade que se mostra cada vez mais delicada em relação ao emprego dos materiais e adequação ao meio ambiente. Atualmente a arquitetura enfrenta um grande problema, o de conciliar a produção de novos edifícios com os aspectos da sustentabilidade, visto que a degradação do meio ambiente atingiu percentuais extremos e se faz premente a necessidade de repensar as atividades humanas como um todo.

Ainda em relação à arquitetura brasileira, podem ser citados dois grandes momentos que influenciaram a participação dos arquitetos em seu contexto. O primeiro que marca o período da arquitetura moderna, em que os arquitetos gozavam de grande prestígio e destaque com a construção de Brasília e com o período da ditadura militar onde, apesar de várias restrições, os arquitetos se notabilizaram pela produção de edifícios estatais, como é o caso de Paulo Mendes da Rocha, por exemplo. E o segundo que é marcado pelo *boom* imobiliário favorecido pela criação do BNH (Banco Nacional de Habitação), em que os arquitetos

perderam força para as grandes incorporadoras que surgiram fortemente no cenário da construção civil. Isto levou os arquitetos contemporâneos a enfrentarem o desafio da retomada da sua posição no campo da produção dos edifícios, em especial, os residenciais.

A partir da análise da arquitetura moderna e contemporânea brasileira e das narrativas dos arquitetos da *Triptyque* foi possível identificar influências da arquitetura brasileira em suas obras, como por exemplo, a arquiteta Lina Bo Bardi tanto no sentido da aplicação de materiais e soluções arquitetônicas, quanto na incorporação de elementos naturais aos seus projetos. Além disso, três aspectos se destacaram na forma como esses arquitetos trabalham: a inovação, a colaboração e o emprego da sustentabilidade, ou seja, foi percebida busca por um método projetual que enxerga a arquitetura de uma forma transversal, trabalhada em todos os aspectos do seu campo.

Partindo da análise de suas obras, a pesquisa buscou compreender a relação dos edifícios com o lugar, o emprego dos materiais na composição dos edifícios e as técnicas de inovação empregadas a fim de garantir edifícios mais eficientes nos aspectos ambientais. Percebeu-se que o cuidado com os materiais, com o impacto que as escalas de suas obras podem causar nos seus entornos e buscando sempre estabelecer uma relação do meio externo com o interno, mostra que as aspirações da *Triptyque* vão além do ato de projetar, eles pensam para além das pranchetas e se mostraram até o momento, inovadores e incentivadores de uma arquitetura com qualidade.

Nesse sentido, acredita-se que o escritório em questão busca, através do papel do arquiteto, ser um indicador, não o único, do caminho que os arquitetos contemporâneos devem seguir para a construção de cidades com mais qualidade e com o menor impacto ambiental possível.

Sendo assim, espera-se, com esta pesquisa, estar contribuindo na ampliação do estudo da arquitetura contemporânea brasileira e na divulgação da produção deste grupo de arquitetos, visto que ainda são pouco estudados apesar da relevância que vêm conquistando.

REFERÊNCIAS

ACSERALD, H. Discurso da sustentabilidade urbana. In **R. B. Estudos Urbanos e regionais**, n1, maio de 1999.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Tradução: Ana M. Goldberger. São Paulo: Perspectiva, 1986.

CARRANZA, Edite Galote. Casa Valéria Cirell e o Nacional-popular. In **revista Pós**. V. 21, N. 35, São Paulo, junho de 2014.

CALDAS, Renata Maria Vieira. **O alcance das noções de sustentabilidade no processo de projeto de arquitetos brasileiros contemporâneos**. Recife: a autora. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Desenvolvimento urbano, 2019.

LAGES, Selena Duarte Lages e. Utopias urbanas ao longo da história: as elucubrações utópicas ainda têm lugar na pós-modernidade?. In **Pós**. São Paulo: USP. V. 26, n. 48, p. 1-12, 02 de julho de 2019.

LEATHERBARROW, David. **Surface Architecture**. Cambridge: The MIT Press, 2002.

MALACRIDA, Sérgio Augusto. **O Sistema de Ensino Belas-Artes no Curso de Arquitetura da École des Beaux-Arts de Paris em sua tradição e ruptura: legado de saber e de poder**. São Carlos: o autor. Tese (doutorado). Universidade Federal de São Carlos, 2010.

MONOLITO. São Paulo. Ed. 28: **Triptyque**. Agosto/setembro de 2015.

MOREIRA, Fernando Diniz. **Fachadas que respiram**. Recife.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. Organização: Kate Nesbitt. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2a ed. Rev. 2008.

PALLASMAA, Juhani. **The Eyes of the Skin. Architecture and the Senses**. New York: John Wiley, 2005.

SAMOYAUULT-MILLER, Christophe. In: **L'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, les écoles d'architecture: Genèse et évolution de l'enseignement et des lieux d'enseignement**. Paris, junho de 2015.

SERAPIÃO, Fernando. Triptyque. In **Monolito**, São Paulo, ed.28, agosto/setembro de 2015.

SOARES, Isabella Fernanda Alves. **Habitação multifamiliar como prática crítica; 2005-2016**. Recife: a autora. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Desenvolvimento Urbano, 2017.

SOARES, Joana Carla; GONÇALVES, Klaus Bode (orgs.). **Edifício Ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

TABET, Marco. Triptyque. In **Monolito**, São Paulo, ed.28, agosto/setembro de 2015.

TENÓRIO, Bianca. **Arquitetura contemporânea em Pernambuco, 1990-2015**. Recife: a autora, 2015. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Desenvolvimento Urbano, 2015.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. 1a Ed. Gustavo Gili, 2009.

Entrevistas:**Fernando Serapião (Monolito)**

Entrevistadora: Silvana Sampaio

São Paulo, julho de 2019.

Carolina Bueno (Triptyque)

Entrevistadora: Silvana Sampaio

São Paulo, julho de 2019.

Guillaume Sibaud (Triptyque)

Entrevistadora: Silvana Sampaio

Recife/São Paulo (e-mail), 2020.

Marco Tabet (Professor)

Entrevistadores: Silvana Sampaio e Fernando Diniz.

Recife/Paris (Skype), 2020.

Sites acessados

<https://www.paris-valdeseine.archi.fr/ecole-nationale-superieure-darchitecture-paris-val-de-seine/lecole-darchitecture-en-quelques-mots.html#anch-259>

<https://triptyque.com/en/media/>

<https://triptyque.com/en/awards/>

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/16.185/6021>

https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/triptyque-architecture_/harmonia-57/258

<https://amatabrasil.com.br/sobre/>

<https://www.youtube.com/watch?v=yqY9-fqfeCE>

<https://www.e-pavilion.com/>

<https://www.archdaily.com.br/br/871590/pop-xyz-triptyque>

<https://www.archdaily.com.br/br/903164/a-versatilidade-dos-muros-de-gabiao-de-obras-de-infraestrutura-a-mobiliarios-urbanos>

<https://fundathos.org.br/athos-bulcao>

<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/novo-pde-fachada-ativa/>

https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/triptyque-architecture_/harmonia-57/258

<https://www.dicio.com.br/inovacao/>
<https://www.anualdesign.com.br/saopaulo/projetos/1193/loducca-colombia-325/>
<https://www.youtube.com/watch?v=-IrlpNApTCM>
<https://www.youtube.com/watch?v=yqY9-fqfeCE>
<http://cremme.com.br>
<http://www.copansp.com.br/>
<https://www.archdaily.com.br>
<https://www.archdaily.com.br/br/800798/classicos-da-arquitetura-casa-valeria-cirell-lina-bo-bardi>
<https://laparola.com.br/lina-bo-bardi-a-italiana-que-ajudou-os-brasileiros-a-enxergarem-a-si-mesmos>
<https://www.youtube.com/watch?v=uCMnzEmILjQ>
<assets.moma.org>
<https://www.youtube.com/watch?v=QDEAbfAQ-xU>
<https://pt.slideshare.net/arqprojetoV/vi-concurso-cdhu-e-tetris>
https://concursosdeprojeto.files.wordpress.com/2010/09/ata_cdhu.pdf
<http://triptyque.com/fr/conference/>
<sustentarqui.com.br/ecotone-projeto-premiado-da-triptyque/>
<metropolegrandparis.fr/fr/inventions-la-metropole-du-grand-paris-53>
<https://www.youtube.com/watch?v=Kok9T5n2Dcs>
<https://www.andrademoretin.com.br/projetos/edificio-rua-aimbere/>
<arqpb.blogspot.com>
<https://myziemann.com/blog/2020/03/29/formacao-de-arquitetura-na-franca/#:~:text=Ent%C3%A3o%2C%20esses%20pontos%20esclarecidos%2C%20voc%C3%AA,que%20ela%20pode%20assinar%20projeto>
<https://www.bresil.campusfrance.org/diplomas-creditos-equivalencias>
<https://www.travauxlib.com/architecture/architecte/dplg-de-hmonp>
<http://www.cedes.unicamp.br>
<https://www.education.gouv.fr/le-baccalaureat-premier-grade-universitaire-12020>
<https://www.paris-valdeseine.archi.fr/ecole-nationale-superieure-darchitecture-paris-val-de-seine/lecole-darchitecture-en-quelques-mots.html>
https://www.grandemasse.org/?c=actu&p=ENSBA-ENSA_genese_evolution_enseignement_et_lieux_enseignement

<http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http%3A%2F%2Fwww.archi.fr%2FECOLES%2FValdeSeine.html>

<https://www.paris-valdeseine.archi.fr/ecole-nationale-superieure-darchitecture-paris-val-de-seine/notre-ecole-darchitecture-aujourd'hui.html#anch-259>

https://www.grandemasse.org/?c=actu&p=ENSBA-ENSA_genese_evolution_enseignement_et_lieux_enseignement

http://paris1900.lartnouveau.com/paris06/ecole_des_bx_arts.htm

<http://tema.archi/articles/retour-sur-l-origine-des-beaux-arts-a-paris-1>

<https://www.youtube.com/watch?v=oQhYp9xJ6yk>

<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/conheca-muti-randolph-que-comecou-como-designer-grafico-hoje-referencia-na-criacao-de-ambientes-interativos-251582.html>. Acesso em: 08.05.2020.

Disponível em <https://www.chalabi.arq.br/about>. Acesso em: 08.05.2020.

<https://www.galeriadaarquitectura.com.br/escritorio-de-arquitetura/a-p/zemel-arquitetos/110402/>. Acesso em 08.05.2020.

<https://www.imed.edu.br/Comunicacao/ImedNaMidia/renomado-arquiteto-marcelo-pontes-estara-em-pass>. Acesso em: 08.05.2020.

<http://cremme.com.br>.

https://www.metropolegrandparis.fr/sites/default/files/2019-03/Dossier%20de%20presse%20IMGP%201_0.pdf. Acesso em 28.07.2020

https://concursosdeprojeto.files.wordpress.com/2010/09/ata_cdhu.pdf. Acesso em janeiro de 2020.

<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/134307>.

APÊNDICE A - FICHAMENTO DAS OBRA

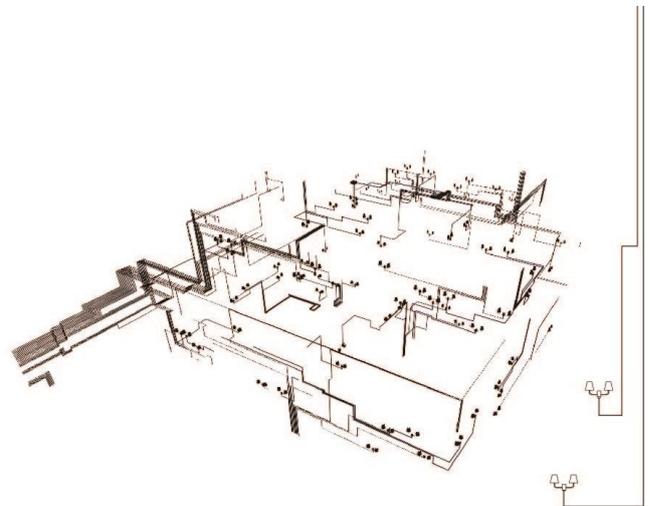
Pipelight

01

Triptyque Architecture

São Paulo, SP (2008)

Foi criada a partir da concepção de um produto que fosse morficamente semelhante a um organismo vivo que invade e toma as partes de uma casa, como uma trepadeira; fazendo assim papel de uma ponte entre arte e design. Mas ao contrário de seu objeto de inspiração - que fazem o processo da fotossíntese -, a pipe light se "alimenta" da escuridão para iluminar. Não apenas isso, as luminárias também escancaram o desenho arquitetônico que fica oculto entre as paredes. Por meio do uso de conduítes e outros componentes industriais existentes, não modificados, ela propõe uma discussão entre funcionalidade, estética e valor artístico.



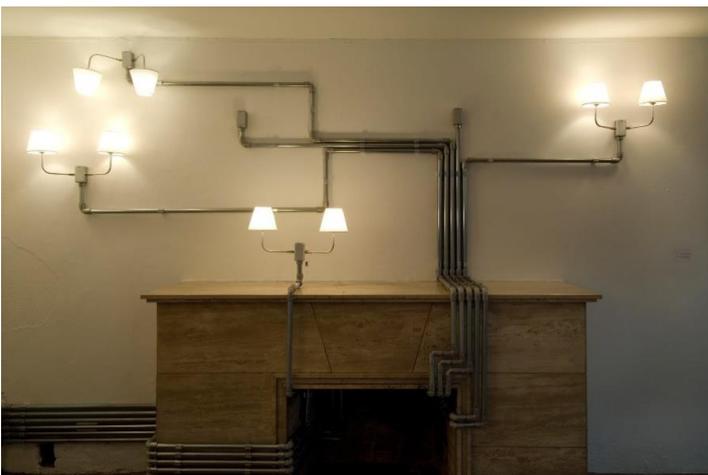
Ficha técnica:

Local: São Paulo

Área: 450 m²

Uso: Privado | Institucional

Situação atual: construído | instalação



Oscar Freire

03

Triptyque Architecture

São Paulo, SP (2010 – 2012)

O complexo foi concebido como uma estrutura metálica “binária”: um nível “solo” que acolhe as boutiques e um nível “espacial” chamado “O observatório” que acolhe o restaurante onde o grupo de restauração franco-brasileiro, Groupe Chez criou seu novo local de encontro: Chez Oscar. Situado em uma rua onde as casas seguem uma implantação densa, o Observatório não se trata simplesmente de um andar a mais, é um prédio sobreposto a outro prédio, a cidade sobre a cidade. Ele abre uma nova dimensão de crescimento passando por cima de um complexo comercial e mergulhando no quarteirão Oscar Freire de São Paulo. usa a arquitetura como uma forma dinâmica, entre materialidade e potencialidade, aberta à inserção dos usuários e também às questões ambientais.

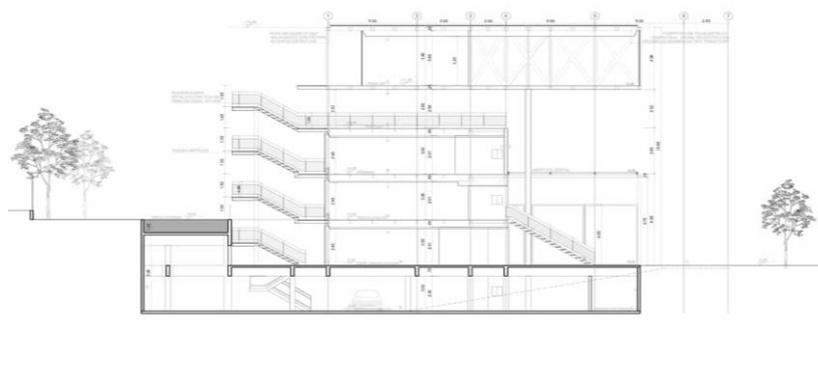
Ficha técnica:

Local: São Paulo

Área: 1.400 m² (superfície) | 675 m² (terreno)

Uso: Misto

Situação atual: construído



Red Bull Station

04

Triptyque Architecture

São Paulo, SP (2010 – 2013)

O prédio foi inteiramente restaurado, seguindo os principais conceitos de preservação do patrimônio arquitetônico, assim como recebeu uma intervenção contemporânea arquitetônica afim de se adaptar às suas novas funções de espaço de fomento à cultura. Sua essência foi mantida e a beleza de seus elementos potencializada.



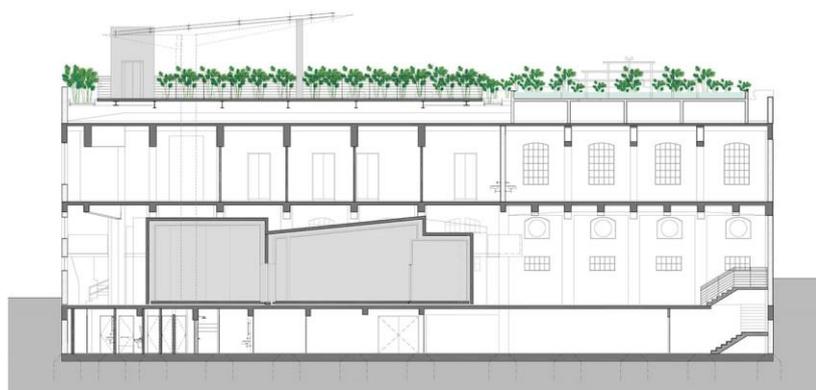
Ficha técnica:

Local: São Paulo

Área: 2.210 m²

Uso: Privado | Institucional

Situação atual: construído



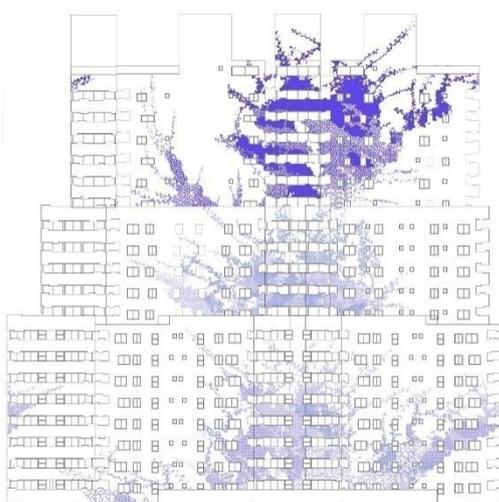
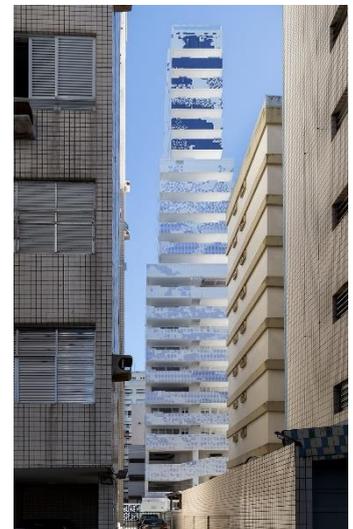
Santos

05

Triptyque Architecture

Santos, SP (2010 – 2016)

A linguagem contemporânea, que aparece na inconstância de formas e aberturas, cria um diálogo com a tradição e a história da cidade de Santos através da aplicação de azulejos portugueses em todas as fachadas. Cidade portuária, lar do maior porto da América Latina, Santos traz em sua história a colonização portuguesa da capitania de São Vicente e atualmente está passando por um período de significativo crescimento socioeconômico. A principal preocupação do design do projeto sempre foi criar as condições para a nova arquitetura para suportar a memória local.

Ficha técnica:**Local:**Santos**Área:** 7.100 m²**Uso:**Privado | Residencial**Situação atual:**

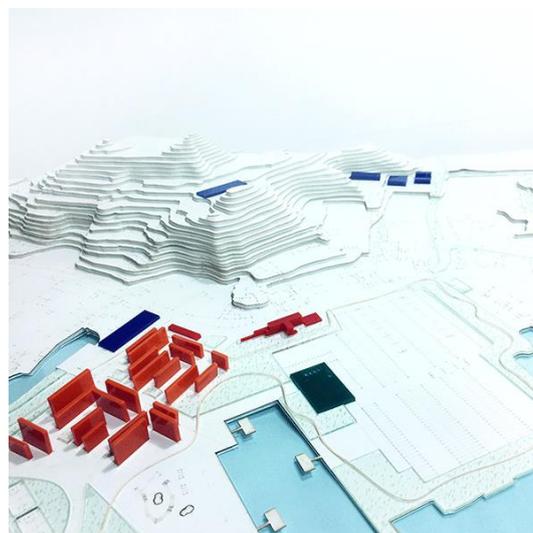
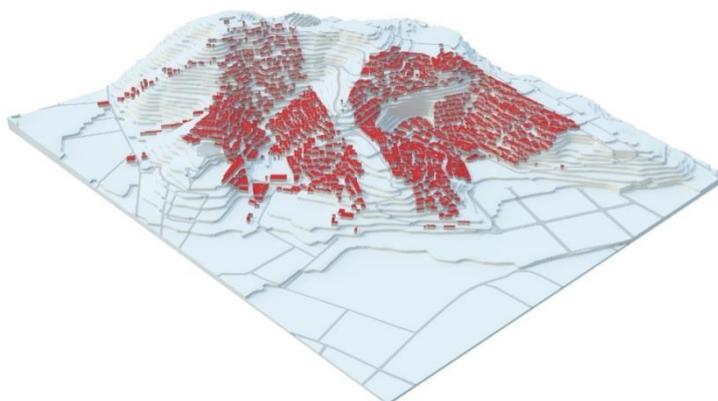
Morar Carioca

06

Triptyque Architecture

Rio de Janeiro, RJ (2011)

O projeto visa intervir e mudar o destino das favelas e indiretamente responder a outro grande desafio da cidade contemporânea: a integração de populações de baixa renda nas áreas centrais das grandes cidades. A proposta é de um método dinâmico baseado em interação e parametrização, deixando as especificidades contextuais para influenciar o resultado final. A ideia é regenerar a favela, não substituí-la, não negligenciando as melhorias necessárias para implementar na habitação.

**Ficha técnica:****Local:** Rio de Janeiro**Área:** mais de 500 casas**Uso:**Residencial | Planejamento Urbano**Situação atual:** não concluído

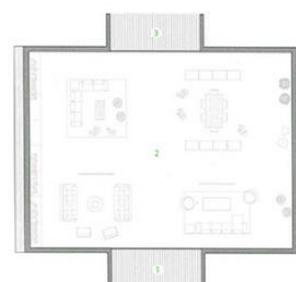
Ouvidor

07

Triptyque Architecture

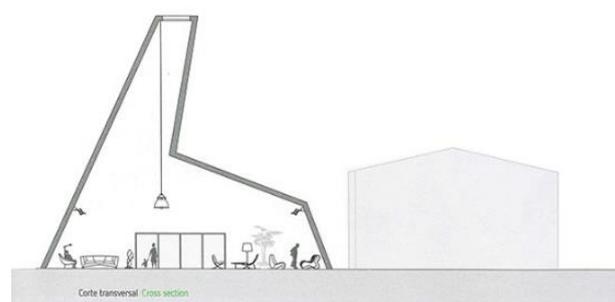
Fortaleza, CE (2011 – 2013)

Concebido como um dispositivo de apresentação para móveis e iluminação, é uma grande nave de exibição com escuridão controlada. A loja captura a deslumbrante luz natural do norte pelo teto do funil e a aba nas paredes de fibrocimento, para que as exposições sejam encenadas dramaticamente. O Ouvidor é uma extensão de uma pequena galeria comercial típica do modernismo na década de 1950. Sua forma oblíqua ecoa as formas oblíquas da fachada desta galeria. A loja é pensada como um pavilhão de exposições: efêmero, temporário e com as práticas “curatoriais” de destacar os elementos móveis.



Terreo Ground floor

1. Acesso Access
2. Galeria Gallery
3. Conexão com outra loja Connect to another store

**Ficha técnica:****Local:** Fortaleza**Área:** Total: 220 m²**Uso:** Privado | Institucional**Situação atual:** concluído

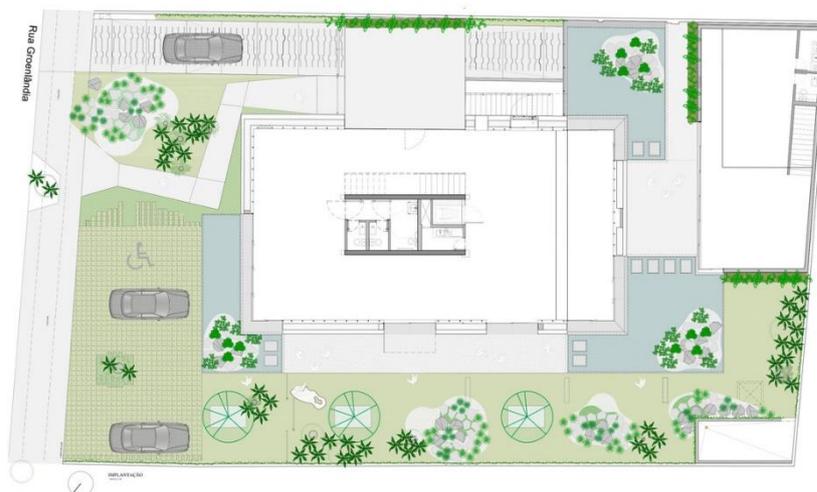
Groenlândia

08

Triptyque Architecture

São Paulo, SP (2012 – 2014)

Por trás das trepadeiras do Jacarandá e dos troncos de 9m das palmeiras, aparece um bloco de mármore branco em um jardim mineral. Com ênfase nos mais rígidos materiais: o mármore e o concreto, o edifício parece desafiar a gravidade. Groenlândia conecta a pedra e o vidro, a rigidez e a transparência, a dureza e a leveza. Apesar do aspecto fechado deste bairro de São Paulo, o edifício sem muro, fica em contato direto com a rua. Mais uma vez, os arquitetos da Triptyque criam uma relação entre o espaço privado, a arquitetura e o espaço público, a cidade.

**Ficha técnica:****Local:** São Paulo**Área:** 1.240 m² (superfície) | 993m² (terreno)**Uso:** Privado | Institucional**Situação atual:** construído

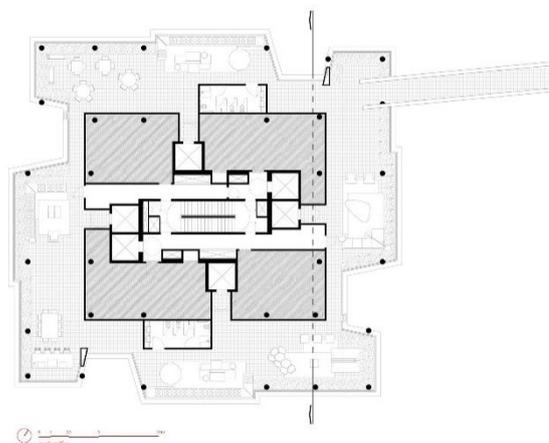
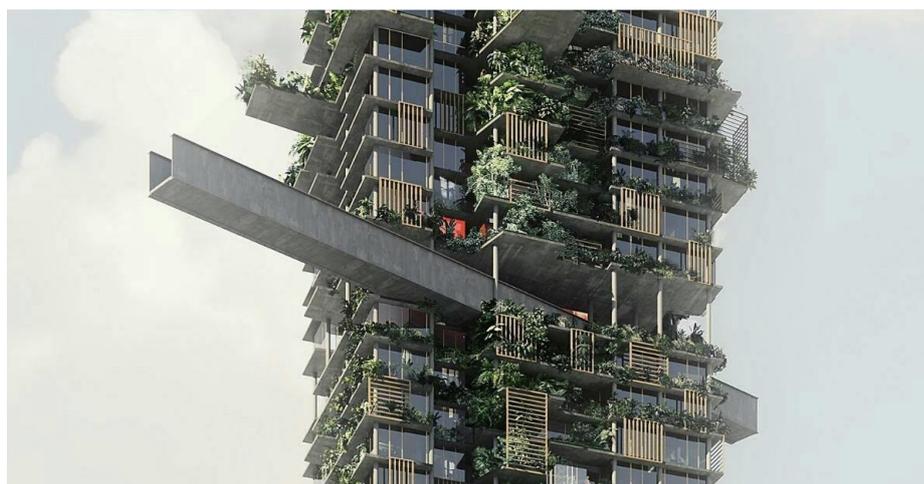
Tropical Tower

09

Triptyque Architecture

São Paulo, SP (2015 – 2019)

Uma das duas torres gêmeas de um empreendimento de 150 mil m² no bairro do Morumbi, em São Paulo, a proposta estética é sua não linearidade, se opondo à racionalidade do entorno. O corpo arquitetônico é torcido, e habitado por uma vegetação que chega a 150 metros de altura. Dessa forma, cada um dos seus 45 andares tem acesso a um pouco de verde. Os terraços são apoios a árvores ou até a pequenas estufas, algumas futuramente utilizadas, inclusive, para o cultivo de hortas. A torre, de uso misto (lofts e hotéis), será ligada ao edifício gêmeo por uma passarela no 23º andar. Ao todo, serão 200 apartamentos.

**Ficha técnica:****Local:** São Paulo**Área:** 35.000 m²**Uso:** Misto**Situação atual:** em obras

Amata/ Floresta Urbana

10

Triptyque Architecture

São Paulo, SP (2017 – 2020)

A proposta é uma iniciativa da empresa florestal brasileira AMATA e prevê a construção de uma torre escalonada de 13 pavimentos que totalizará 4.700 m² de área construída e contará com espaços de coworking, coliving e restaurante. O edifício foi batizado de AMATA e sua estrutura será construída em CLT, um material composto por várias camadas de madeira maciça coladas em duas diferentes direções. O material resultante é capaz de suportar grandes esforços e pode ser empregado na estrutura de edificações em altura.



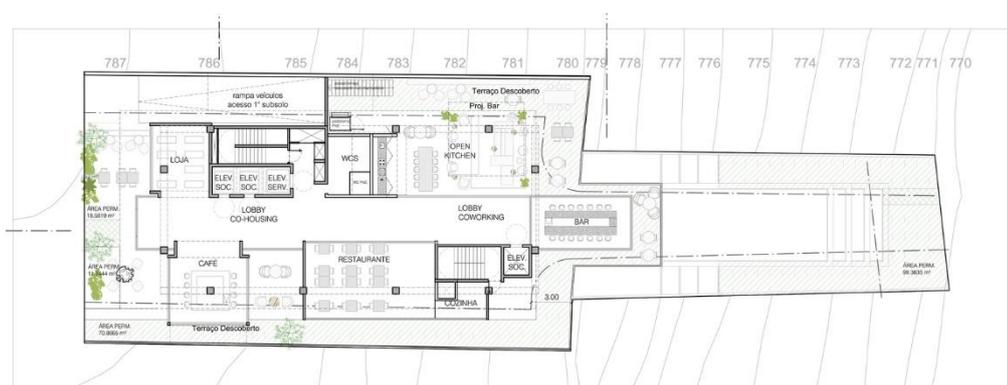
Ficha técnica:

Local: São Paulo

Área: 4.320 m² (superfície) | 1.025 m² (terreno)

Uso: Misto

Situação atual: em construção



Casa Pedra

11

Triptyque Architecture + Lar ID

São Paulo, SP (2019)

Busca trazer a simplicidade da vida no campo e a natureza para dentro de casa. Como um monolito lapidado e escavado, o projeto tomou forma retirando-se pedaços do volume inicial e dessas aberturas nasceu o coração da casa, o pátio central que organiza toda a planta, e introduz o contato com o verde, a luz e ventilação na área interna. A área social é totalmente integrada, cozinha, gourmet, salas e terraço formam um grande ambiente de convívio voltado para a vista das fazendas. A Casa Pedra conta com duas opções de planta com 05 ou 06 dormitórios e está pronta para você que preza pela boa arquitetura, pela praticidade e pelo seu tempo.



Planta 5 dormitórios

**Ficha técnica:****Local:** São Paulo**Área:** 642 m²**Uso:** Privado | Residencial**Situação atual:** em construção

Largo do Arouche

12

Triptyque Architecture
São Paulo, SP (2018)

A proposta visa a criação de um grande bulevar de uso público destinado, preferencialmente, para os pedestres, com acesso restrito aos automóveis e veículos de serviço. As intervenções visam a valorização do desenho histórico da região e o projeto busca dar uma nova opção aos frequentadores do Largo do Arouche, com um espaço requalificado, contemporâneo e que remeta à história mantendo seu traçado original, informou a prefeitura.



Ficha técnica:

Local: São Paulo

Área: 12.000m² (terreno)

Uso: Público

Situação atual: não construído



Onze 22**13**

Triptyque Architecture
São Paulo, SP (2018 - 2021)

Edifícios residenciais compostos por uma torre studio e outra home. Com acessos e áreas de lazer totalmente independentes, o prédio se conecta com o verde do entorno.

**Ficha técnica:**

Local: São Paulo

Uso: Privado | Residencial

Situação atual: não construído (início da obra em andamento)



**APÊNDICE B – TABELA DE PRÊMIOS E MENÇÕES RECEBIDAS PELO
ESCRITÓRIO56**

ANO	PAÍS	PROJETOS PREMIADOS	CATEGORIA PREMIAÇÃO	INSTITUIÇÃO EVENTO
2007	BR	-	Menção na 5ª e 6ª Bienal de Arquitetura	Bienal de Arquitetura
2008	FR	-	NAJA	Ministério da Cultura
2009	BR	-	Master Prize O que outras pessoas estão dizendo	Bienal de Arquitetura de São Paulo
2009	UK	-	"20 arquitetos fazendo o futuro"	Revista Icon UK
2009	BR	Harmonia	Mencione os melhores jovens arquitetos	IAB
2010	CH	-	Instalação na Bienal de Arquitetura - Mobilização de Cidades	-
2010	UK	Vários projetos e modelo conceitual	Menção Honrosa Prêmio Pombo de Prata	-
2010	AUT	-	"Ambiente Construído" O que outras pessoas estão dizendo	Laurumte Zumtobel
2010	FR	-	Prêmio EDF de Inovação Competição EDF Baixo Carbono França	EDF
2010,2012, 2016	FR	-	O que outras pessoas estão dizendo	Grande Prêmio Finalista AFEX
2011	EUA	-	Selecionando "O melhor do design urbano global"	Revista New York EUA
2011	EUA	-	Selecionando "O melhor do design urbano global"	Revista New York EUA
2011	FR	-	Finalista do concurso FRAC Center	FRAC Center
2012	EUA	-	Convite para o panfleto de arquitetura do prêmio	Universidade de Princeton EUA
2012	FR	-	Prêmio SIMI de Mestre	SIMI
2014	BR	Estação Red Bull	Prêmio "Murillo Marx"	Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo
2014	ITA	-	"Maiores empresas de arquitetura internacionais fora do Star System" O que outras pessoas estão dizendo	AIAC Press / Tinternational Venice
2015	-	-	Profissional e todas as categorias. O que outras pessoas estão dizendo	Saint-Gobain Inovação e Masterprize Sustentável
2016	BR	-	Finalista Tomie Ohtake Awards	Tomie Otake Awards
2018	-	-	Comercial e todas as categorias	Saint-Gobain Inovação e Masterprize Sustentável
2018	BR	Floresta Urbana	Serviços e uso misto	AsBea
2018	BR	Groelândia e RB12	Corporativo e Interior	AsBea

⁵⁶Fonte: <https://triptyque.com/en/awards/>. Acesso em 03.05.2020.

APÊNDICE C– TABELA DAS MÍDIAS EM QUE O TRIPTYQUE FOI MENCIONADO, LISTADAS NO SITE DO ESCRITÓRIO. 57FORAM LISTADAS 301 CITAÇÕES

Nº	ANO	PAÍS	MÍDIA	ASSUNTO	IMAGEM
01	2019	BRASIL	VEJA - SÃO PAULO	TRIPTYQUE	
02	2019	FRANÇA	LE PARISIEN	VILLA M	
03	2019	BRASIL	VALOR ECONÔMICO	FLORESTA URBANA/ AMATA	
04	2019	BRASIL	VEJA - SÃO PAULO	CIDADE MATARAZZO	
05	2018	BRASIL	PROJETO, 446	TRIPTYQUE	
06	2018	BRASIL	29 HORAS	TRIPTYQUE	
07	2018	BRASIL	MADE	TRIPTYQUE	
08	2018	BRASIL	AQUADRA	TRIPTYQUE	
09	2018	BRASIL	DECORAR	TRIPTYQUE	
10	2018	BRASIL	GQ BRASIL	TRIPTYQUE	

⁵⁷Fonte: <https://triptyque.com/en/media/>. Acesso em 04.05.2020

11	2018	BRASIL	REVISTA GPS LIFETIME	TRIPTYQUE	
12	2018	BRASIL	A REVISTA DA FOLHA – SÃO PAULO	CAROL BUENO	
13	2018	BRASIL	ROBB REPORT BRASIL	TRIPTYQUE	
14	2018	BRASIL	A REVISTA DA FOLHA – SÃO PAULO	TRIPTYQUE	
15	2018	BRASIL	AIT – WOHNEN LIVING	ARAPIRACA	
16	2018	BRASIL	VEJA - SÃO PAULO COLÍRIOS URBANOS	OSCAR FREIRE	
17	2018	BRASIL	VEJA - SÃO PAULO	MINHOCÃO	
18	2018	BRASIL	VEJA - SÃO PAULO ARQUITETURA PARA APRENDER	ESCOLA CONCEPT	
19	2018	BRASIL	ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO	TRIPTYQUE	
20	2018	BRASIL	CASA VOGUE – VENTOS DE LIBERDADE	TRIPTYQUE	
21	2018	BRASIL	CASA CLÁUDIA	TRIPTYQUE	
22	2018	BRASIL	FOLHA DE SÃO PAULO	CIDADE MATARAZZO	

23	2018	JAPÃO	URBANISM ARCHITECTURE	AND	TRIPTYQUE	
24	2017	BÉLGICA	GOODBYE		HARMONIA	
25	2017	BRASIL	VOGUE BRASIL		HOTEL PULLMAN	
26	2017	BRASIL	MONOLITO – ANUÁRIO 2016 https://www.editoramonolito.com.br/EDICOES/35/		ARAPIRACA	
27	2017	BRASIL	FOLHA DE SÃO PAULO		LARGO DO AROUCHE	
28	2016	BRASIL	MADE		SÃO PAULO CATARINA AEROPORTO	
29	2016	UK	CHRISTIE'S		TEMPO	
30	2016	BRASIL	CASA ESTADAO		CIDADE MATARAZZO	
31	2016	Brasil	TPM		TRITYQUE	
32	2016	BRASIL	CORRIERE FASANO		MINHOÇÃO	
33	2016	BRASIL	29 HORAS		TRITYQUE	
34	2016	BRASIL	CASAMIX		PAULISTA	

35	2016	BRASIL	VAMOS LATAM	TRIPTYQUE	
36	2016	FRANÇA	COLLECTION ARCHITECTURE	CENTRE POMPIDOU, TRIPTYQUE	
37	2016	FRANÇA	TRAITS URBAINS	MINHOCÃO	
38	2016	BRASIL	FOLHA DE SÃO PAULO	TRIPTYQUE	
39	2016	FRANÇA	L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, N° 414	HARMONIA	
40	2016	BRASIL	MONOLITO https://www.editoramonolito.com.br/edicoes/32/	RÉINVENTER PARIS	
41	2016	BRASIL	PROJETO 436	ARAPIRACA	
42	2015	Brasil	ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO	GROELÂNDIA	
43	2015	BRASIL	CASA VOGUE	PAULISTA	
44	2015	BRASIL	BAMBOO	-	
45	2015	BRASIL	CONSTRUIR	PAULISTA	

46	2015	BRASIL	MADE	TOG	
47	2015	BRASIL	AU	GROELÂNDIA	
48	2015	FRANÇA	À VIVRE	TRIPTYQUE	
49	2015	BRASIL	L+D	REDBULL STATION	
50	2015	ÁUSTRIA	SKIN	OSCAR FREIRE	
51	2015	BRASIL	CASA E JARDIM	REDBULL STATION	
52	2015	BRASIL	MONOLITO PRÉDIOS DE APARTAMENTOS https://www.editoramonolito.com.br/EDICOES/26/	AIR MADALENA	
53	2015	CÓREA DO SUL	A&C	GROELÂNDIA	
54	2015	BRASIL	VALOR ECONÔMICO	RÉINVENTER PARIS	
55	2015	FRANÇA	JDD	RÉINVENTER PARIS	
56	2015	FRANÇA	MADE	TRIPTYQUE	
57	2015	BRASIL	CONTEMPORÂNEA	REDBULL STATION	

58	2015	BRASIL	TAM NAS NUVENS	TRIPTYQUE	
59	2015	JAPÃO	ID+C	TOG LAUNCHING	
60	2015	BRASIL	MONOLITO 28 https://www.editoramonolito.com.br/EDICOES/28	TRIPTYQUE EDITION	
61	2015	GBR	ARCHITECTURE NOW, VOL. 10.	OSCAR FREIRE	
62	2015	BRASIL	GUIDE LOUIS VUITTON	MICASA	
63	2015	USA	LIVING IN STYLE CITY https://www.amazon.com/LIVING-STYLE-ANDREAS-VON-EINSIEDEL/DP/3832732438	HOUSSEN	
64	2014	FRANÇA	LE JORNAU DES ARTS	TRIPTYQUE	
65	2014	BRASIL	AVIANCA	HARMONIA, RB12	
66	2014	BRASIL	VEJA SÃO PAULO	COLÔMBIA	
67	2014	GBR	WALPAPER*	TREME TREME	
68	2014	SUÉCIA	RUM	AIR MADALENA	
69	2014	ROMÊNIA	ZEPELIN 55	OSCAR FREIRE	

70	2014	JAPÃO	DECO	REDBULL STATION	
71	2014	ISRAEL	HEZIBANK	OSCAR FREIRE	
72	2014	FRANÇA	LE NOUVEU OBSERVETEUR	TRIPTYQUE	
73	2014	FRANÇA	100% DECO	TREME TREME	
74	2014	BRASIL	AU	TRIPTYQUE	
75	2014	BRASIL	PROJETO 409	RB12	
76	2014	BRASIL	CASA VOGUE	OSCAR FREIRE	
77	2014	BRASIL	CASA CLÁUDIA LUXO	LEITÃO	
78	2014	BRASIL	REVISTA LIVE	HARMONIA	
79	2014	BRASIL	PROJETO 413	GROELÂNDIA, RB12	
80	2014	BRASIL	ARQUITETURA CONSTRUÇÃO	& CHIAFARELLI (CONCURSO)	

81	2014	BRASIL	FOLHA	CARPINTEIRO (MOBILIÁRIO)	
82	2014	BRASIL	URBANISMO ECOLÓGICO	HARMONIA	
83	2014	BRASIL	IMÓVEIS FOLHA	AIR MADALENA	
84	2013	BRASIL	AU	OSCAR FREIRE, REDBULL STATION	
85	2013	BRASIL	LES ECHOS – WEEK-END	TRIPTYQUE	
86	2013	GBR	V&A	COLÔMBIA	
87	2013	BRASIL	WISH CASA	PAULISTA	
88	2013	ALEMANHA	AD	PAULISTA	
89	2012	FRANÇA	ARCHISTORM	HARMONIA	
90	2012	EUA	THE PHAIDON ATLAS OF 21ST CENTURY WORLD ARCHITECTURE	TRIPTYQUE	

91	2012	ITÁLIA	DOMUS	FIDALGA	
92	2012	FRANÇA	AD	PAULISTA	
93	2012	FRANÇA	LE MONITEUR	INPI	
94	2012	FRANÇA	BRÉSIL EXPÉRIENCE SENSIBLES	HARMONIA	
95	2012	FRANÇA	CHAMPS VISUELS	TRIPTYQUE	
96	2012	ESPAÑA	EM BLANCO	COLÔMBIA	
97	2012	BRASIL	CASA VOGUE	TREME TREME	
98	2012	BRASIL	SUMA+ 120	FIDALGA	
99	2012	BRASIL	MONOLITO JOVENS ARQUITETOS	FIDALGA	
100	2012	BRASIL	ARQUITETURA CONSTRUÇÃO	& -	
100	2012	BRASIL	BAMBOO	ARPOADOR	

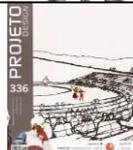
101	2012	NOVA ZELÂNDIA	ARCHITECTURE NOW EAT-SHOP-DRINK https://architecturenow.co.nz/	SONIQUE	
102	2011	PAÍSES BAIXOS	MARK – THE MONUMENT MODERN	-	
103	2011	BRASIL	SELECT	TRIPTYQUE	
104	2011	EUA	HARVARD DESIGN MAGAZINE 34	COLÔMBIA	
105	2011	JAPÃO	AU 4486	TRIPTYQUE	
106	2011	BRASIL	ARTRAVEL 41	HARMONIA, FIDALGA	
107	2011	FRANÇA	AMC	HARMONIA	
108	2011	FRANÇA	ECOLOGK 22	FIDALGA	
109	2011	BRASIL	C3 291	TRIPTYQUE	
110	2011	BRASIL	MODERNO MAM EXTRA	TRIPTYQUE EXIBITION	
200	2011	BRASIL	AU	FIDALGA	
201	2011	ARGENTINA	SUMMA+ 118	HARMONIA	

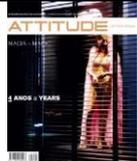
202	2011	UK	MY GREEN CITY https://www.amazon.com.br/My-Green-City-Nature-Attitude/dp/3899553349	HARMONIA	
203	2010	BRASIL	ESTADÃO CASA	FIDALGA	
204	2010	BRASIL	AU JATOBÁ BUILDINGS GREEN	BIENAL	
205	2010	BRASIL	CASA VOGUE	ARPOADOR	
206	2010	ARGENTINA	3060	HARMONIA	
207	2010	ALEMANHA	BAUWELT 37.10	ZUMTOBEL	
208	2010	-	FRAMES	HARMONIA	
209	2010	BRASIL	ÉPOCA NEGÓCIOS	TRIPTYQUE	
210	2010	ESPANHA	ATLAS ARQUITECTURA ECOLÓGICA DA	HARMONIA	
211	2010	ESPANHA	ATLAS AMÉRICA http://www.arquitecturaviva.com/en/Shop/Book/Details/9	COLÔMBIA	
212	2010	BRASIL	AU ESPECIAL 25 ANOS	OSNY	
213	2010	ITÁLIA	DOMUS 04	HARMONIA	

214	210	ALEMANHA	BAUMEISTER B6	HARMONIA	
215	210	ALEMANHA	ARCHITEKTUR	HARMONIA	
216	2009	GBR	WALLPAPER*	SONIQUE	
217	2009	GBR	ICON – THE NEW PIONERS	HARMONIA	
218	2009	RÚSSIA	CAVOH	PIPELIGHT	
219	2009	PAÍSES BAIXOS	FRAME	PIPELIGHT	
220	2009	PAÍSES BAIXOS	MARK	HARMONIA	
221	2009		DETAILS	COLÔMBIA	
222	2009	JAPÃO	ELLE DÉCO	HARMONIA	
223	2009	JAPÃO	A+A	HARMONIA	
224	2009	CHINA	HK BIENAL CATALOGUE	BIENAL	

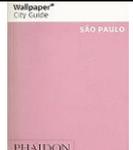
225	2009	FRANÇA	ECOLOGIK	HARMONIA	
226	2009	JAPÃO	PERSPECTIVE	HARMONIA	
227	2009	FRANÇA	AMC	SONIQUE	
228	2009	FRANÇA	ARCHISTORM	HARMONIA	
229	2010	FRANÇA	AD	COLÔMBIA	
230	2009	ALEMANHA	DETAIL	HARMONIA	
231	2009	JAPÃO	A+U 463	HARMONIA	
232	2009	JAPÃO	ID+C	COLÔMBIA	
233	2009	CHINA	SOUTH OF SOUTHERN – SPACE, GEOGRAPHY, HISTORY & THE BIENNALE	BIENAL	
234	2009	-	ARCHISTORM	NAJA	
235	2009	ESPAÑA	DETAIL	HARMONIA	
236	2009	GRÉCIA	AOMES	HARMONIA	

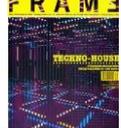
237	2009	GRÉCIA	SOUL	HARMONIA	
238	2009	JAPÃO	A+A	FIDALGA	
239	2008	USA	THIRTY FOUR	HOUSSEIN	
240	2009	ESPAÑA	ARQUITECTURA SINGULAR – TIPOS DE OFICINAS WORK SPACES: OFFICES https://www.facebook.com/pg/EditorialPencil/photos/?ref=page_internal	HARMONIA	
241	2008	ITÁLIA	ABITARE	HARMONIA	
242	2008	FRANÇA	LE MONITEUR	HARMONIA	
243	2008	FRANÇA	GÉNÉROCITÉ	HARMONIA	
244	2008	FRANÇA	LE MONITEUR	COLÔMBIA	
245	2008	ESPAÑA	REVISTA AD	HOUSSEIN	
246	2008	FRANÇA	AMC	HARMONIA	
247	2008	JAPÃO	PEN https://www.permanentstyle.com/2011/09/permanent-style-in-pen-magazine.html	HARMONIA	

248	2008	BRASIL	FOLHA	TRIPTYQUE	
249	2008	BRASIL	ÉPOCA	TRIPTYQUE	
250	2008	BRASIL	ARC DESIGN	TRIPTYQUE	
251	2008	BRASIL	REVISTA V	HARMONIA, COLÔMBIA	
252	2008	BRASIL	AU	HARMONIA	
253	2008	BRASIL	ARC DESIGN	HARMONIA	
254	2008	BRASIL	PROJETO DESIGN	FIDALGA	
255	2008	BRASIL	VOGUE	COLÔMBIA	
256	2008	BRASIL	HOMEM VOGUE	COLÔMBIA	
257	2008	GBR	DOCOL MAGAZINE	COLÔMBIA	
258	2008	ALEMANHA	DBZ	COLÔMBIA	

259	2008	PORTUGAL	ATTITUDE	COLÔMBIA	
260	2008	GBR	ELLE DECORATION	HOUSSEIN	
261	2007	GBR	WALLPAPER*	TREME TREME	
262	2007	BRASIL	ESTADÃO CASA	HOUSSEIN	
263	2007	BRASIL	PROJETO DESIGN 333	COLÔMBIA	
264	2007	BRASIL	REVISTA 123	COLÔMBIA	
265	2007	BRASIL	WALLPAPER GUIDE - SP	D-EDGE	
266	2007	ITÁLIA	INTERNI	HOUSSEN	
267	2007	BRASIL	CASA VOGUE	MICASA	
268	2007	BRASIL	ARC DESIGN	HARMONIA	
269	2007	BRASIL	CASA E JARDIM	COZINHA JULIANA	
270	2007	BRASIL	VEJA SÃO PAULO	COLÔMBIA	

271	2007	BRASIL	CASA VOGUE	COLÔMBIA	
272	2007	BRASIL	AU	AIMBERE	
273	2007	BRASIL	CASA CLAUDIA	HOUSSEIN	
274	2007	BRASIL	CASA VOGUE	HARMONIA	
275	2007	BRASIL	A	HARMONIA	
276	2007	BRASIL	AU	AGÊNCIA BULLET	
277	2007	BRASIL	TPM	TREME TREME	
278	2007	GBR	ELLE DECORATION	-	
279	2007	BRASIL	LOUNGE	MICASA	
280	2007	BRASIL	CASA VOGUE	HOUSSEIN	
281	2007	GBR	ELLE DECORATION	TREME TREME	

282	2007	GBR	WALLPAPER – CITY GUIDE	D-EDGE	
283	2006	CANADÁ	D WELL	TREME TREME	
284	2006	BRASIL	CASA COR	TREME TREME	
285	2006	SUÉCIA	ELLE - INTERIOR	TREME TREME	
286	2006	SUÉCIA	LIVING DESIGN	-	
287	2006	ITÁLIA	DOMUS 895	TREME TREME	
288	2006	BRASIL	CASA CLAUDIA	TREME TREME	
289	2006	ALEMANHA	MADAME	-	
290	2006	BRASIL	ELLE	TREME TREME	
291	2006	USA	DEPARTURES https://models.com/client/departures-magazine	TREME TREME	
292	2006	ÍNDIA	IA & B https://www.facebook.com/indian.architect.and.builder/	TREME TREME	

293	2005	FRANÇA	IDEAT https://ideat.thegoodhub.com/	TRIPTYQUE	
294	2005	BRASIL	CASA E JARDIM	TRIPTYQUE	
295	2005	FRANÇA	MA JEUNESSE	TRIPTYQUE	
296	2005	BRASIL	CASA VOGUE	TRIPTYQUE	
297	2005	BRASIL	CASA CLAUDIA	TRIPTYQUE	
298	2005	BRASIL	VOGUE RG	TREME TREME	
299	2005	BRASIL	CASA VOGUE	TRIPTYQUE	
300	2004	BRASIL	PROJETO DESIGN 295	MICASA	
301	2003	PAÍSES BAIXOS	FRAME	D-EDGE	

ANEXO A - MISSÕES DAS ESCOLAS NACIONAIS SUPERIORES DE ARQUITETURA NA FRANÇA⁵⁸



Missions des Ecoles nationales supérieures d'architecture

Les missions des Ecoles nationales supérieures d'architecture sont définies par l'article L752-2 du code de l'Éducation, créé par la loi n°2016-925 du 7 juillet 2016 - art. 54.

Les écoles nationales supérieures d'architecture concourent à la réalisation des objectifs et des missions du service public de l'enseignement supérieur pour ce qui concerne l'architecture et participent aux stratégies nationales de l'enseignement supérieur et de la recherche ainsi qu'aux regroupements d'établissements d'enseignement supérieur. Elles veillent au respect de la diversité architecturale et culturelle et ont pour mission d'assurer la formation initiale et continue tout au long de la vie des professionnels de l'architecture, de la ville, des territoires et du paysage.

« Dans l'exercice de leur mission, les écoles mentionnées au premier alinéa du présent article :

« 1° Conduisent des activités de recherche en architecture, en assurent la valorisation et participent aux écoles doctorales ;

« 2° Forment à la transmission en matière d'éducation architecturale et culturelle ;

« 3° Participent à la veille artistique, scientifique et technique et à l'innovation dans ses différentes dimensions, notamment pédagogique ;

« 4° Délivrent des enseignements permettant de s'adapter aux exigences professionnelles internationales ;

« 5° Assurent, par des cours obligatoires au sein des écoles d'architecture, la maîtrise d'au moins une langue étrangère au niveau professionnel ;

« 6° Organisent une meilleure communication, recourant à des méthodes innovantes, autour de réalisations et de concours d'architecture pour les étudiants ;

« 7° Contribuent à la vie culturelle, économique, sociale et environnementale du territoire en développant des partenariats, notamment avec les institutions culturelles, les collectivités territoriales, les associations, les entreprises, les autres établissements d'enseignement supérieur et l'ensemble des établissements d'enseignement, notamment dans le cadre du parcours d'éducation artistique et culturelle ;

« 8° Concourent au développement de la coopération architecturale, culturelle, scientifique, technique et pédagogique internationale.

[Consulter Legifrance](#)


PARIS VAL DE SEINE
 ÉCOLE NATIONALE SUPÉRIEURE D'ARCHITECTURE PARIS - VAL DE SEINE
 3 QUAI PANHARD ET LEVASSOR 75013 PARIS
 TÉL : +33 (0)1 72 69 63 00 – FAX : +33 (0)1 72 69 63 81
 WWW.PARIS-VALDESEINE.ARCHI.FR


US-PC
 Université Sorbonne
 Paris Cité


PARIS LODRON


 MINISTÈRE
 DE LA CULTURE

⁵⁸Fonte: <https://www.paris-valde-seine.archi.fr/ecole-nationale-superieure-darchitecture-paris-val-de-seine/lecole-darchitecture-en-quelques-mots.html#anch-259>. Acesso em 03.05.2020.

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS ACESSADAS ATRAVÉS DA INTERNET

POP XYZ/ARAPIRACA

<https://www.youtube.com/watch?v=oQhYp9xJ6yk> 06.01.2020

“A gente vem da Escola de Belas Artes. A Escola de Belas Artes é uma escola do conceito, então a gente não tinha necessariamente um mestre, porque não é a maneira como eles entendem o ensino, a formação, etc., então a gente nunca teve mestre, a gente teve mestres – pessoas que circularam, grandes arquitetos, que circularam, que produziam na Europa- e essas referências iam entrando nas nossas cabeças. Então, a nossa chegada aqui, a gente sempre foi muito outsider né, porque até a gente chegar, se instalar, conseguir entender o que está acontecendo por aqui, quem são os atores do mercado, o que se faz e como se faz, a gente demorou alguns anos. Eu acho que até hoje, eu tenho a impressão que a gente segue um pouco os outsiders da história. Esse projeto aqui a gente começou a trabalhar com incorporadoras, mas muito pouquinho, porque a gente não tinha experiência etc., mas apareceu o concurso aqui da Idea Zarvos, o primeiro deles, quando eles montaram a empresa. Eles lançaram o concurso e chamaram a gente como os outsiders, o Andrade Moretin e o UNA, e a gente fez o concurso para o primeiro projeto da Idea Zarvos, e daí a gente ganhou o concurso. O prédio seria na Rua Imberê, em Sumaré. A gente começou trabalhar o projeto, daí um mês e meio depois, apareceu uma convocação e fomos lá conversar com o pessoal da Idea Zarvos, que nem se chamava Idea Zarvos ainda, eles começaram com um outro nome, foi Movimento Um. Eu estou contando para vocês a maior frustração profissional que a gente teve na vida. E aí a conversa foi: “olha, a gente adorou o projeto de vocês, a gente amou, mas vocês são muito jovens, a gente se encontra daqui há alguns anos, ta bom?” E a gente se reencontrou uns anos depois para um outro projeto, o Fidalga, já entregue, que é um projeto um pouquinho menor, residencial também, na Rua Fidalga 727. E foi um exercício legal, os anos se passaram e fomos pegando um pouco mais de ‘canja’ do assunto. Porque daí então ‘jovens arquitetos’, num contexto que era um contexto muito novo pra gente no sentido de que a gente tinha acabado de chegar no Brasil, a gente não conhecia material, não conhecia maneira de fazer, a gente tava descobrindo, e essa é um pouco a história da nossa vida, a gente tá sempre nessa descoberta de outros caminhos. A gente fez outros exercícios com outras incorporadoras com o mercado. Que daí falando de mercado é um assunto que a gente precisa incorporar na nossa história, o arquiteto não é só o cara que projeta, arquitetura é política, arquitetura é política no sentido da negociação, do saber falar com o cliente, de saber lidar com o cliente. Então a gente produziu algumas coisas pra outros incorporadores e a Zarvos voltou pra gente com esse terreno aqui. Esse terreno é uma loucura porque ele é bastante irregular, ele é um ‘L’ mas é um ‘L’ meio aberto e com inclinação, ele realmente muito particular, e do lado do nosso BNH e a gente voltou pra onde a gente começou.

Então para este terreno a gente imaginou como a gente poderia ter uma unidade habitacional. A gente tem oito torres, mais a torre de circulação que é marcada pelos azulejos, esses azulejos que são os azulejos brilhantes e lisos são sempre esse núcleo central, tudo que dá pra esse núcleo central é com esse azulejo, com esse pixel que daí é uma homenagem que a gente faz ao que acontece aqui na Vila, a Vila tem essas casinhas todas portuguesas, tem uma comunidade portuguesa grande por aqui etc., e também a busca do liso. Então a gente tem esses dois níveis, esse terreno maluco, então como é que a gente consegue articular essa configuração topográfica, dando às unidades de habitação a maior qualidade possível. E o quê que a gente entende por qualidade. Os apartamentos não são muito grandes, eles têm o formato de 7x7, e daí eles se duplicam, hora pé direito duplo, hora um só nível. Então o quê que a gente entende por maior qualidade possível: a gente tá aqui na Vila com essa linda vista porque aqui a gente tem essa vista maravilhosa. Então a história foi: como é que a gente pode abrir o máximo essas unidades? Então a gente explodiu a imagem do BNH, a imagem das casinhas, a gente explodiu o racional, essa trama super racional paulista, a gente explodiu ela no terreno e criou esses oito blocos mais o nono bloco que é o bloco de circulação. Então cada uma das unidades tem pelo menos três lados abertos, isso quer dizer que todos os apartamentos têm uma vista pra três lados, que é muito único, então é muito iluminado, é muito ventilado; a gente criou essa qualidade espacial por esta abertura dos três lados, tem até alguns que tem quatro lados dependendo da condição.

Inicialmente o desenho era de tudo aberto, eles eram todos desconectados e com essas passarelas que ligam à torre de circulação e esse jogo de materiais e sensações – a gente tem o liso e o rugoso – então tudo que é externo é rugoso e tudo que é interno é liso como se de fato a gente tivesse um efeito de explosão de um bloco único. Esse foi o exercício. Então desse efeito de explosão do bloco único todo esse centro traz essa textura mais lisa. E daí todos os rebatimentos de conceitos. Esse prédio, pra gente, é um dos prédios que a gente tem uma profusão de idéias e de conceitos que foram muitos anos de trabalho até viabilizar o projeto até viabilizar

questões do cliente etc., então uma profusão de conceitos, essa nossa unidade, essa nossa célula, ela vai também para os azulejos. Então a gente vai do micro do azulejo, para o macro da explosão do terreno.

Essas passarelas, a gente quis criar esses espaços, óbvio que também é um jogo de ganhar metro quadrado, dos computáveis ou não computáveis, etc., mas essas passarelas são espaços de vida no final das contas, então é como se você tivesse o teu apartamento como uma unidade única, como uma casa. Então você sobe no seu elevador, sai para o externo já que essas passarelas são externas, vem vento, chuva etc., e chega na sua unidade. Então esse foi um exercício que a gente trabalhou bastante, você tem a impressão de que a tua história é única, que você está numa casa pendurada lá em cima.

A gente já fez aqui umas duas ou três rodadas de foto, com fotografos diferentes e cada um deles traz imagem nova, traz ângulo novo. Eu não me canso de encontrar novas perspectivas aqui dentro porque é tudo muito articulado, porque essa foi de fato a idéia. A gente fez um exercício com Fernando Guerra, um fotógrafo português que fotografa grandes obras pelo mundo.

As passarelas são usadas como áreas técnicas, como espaço de suporte; tudo passa por elas, elas são shafts, que foi um exercício de convencimento para fazer acontecer a idéia.

Cada apartamento tem um ponto de água para a máquina de lavar, que é o conceito do tanque – algo cultural de ter uma faxineira, que o arquiteto tem que se adequar.

Falando desse intercambio cultural, depois de oito anos no Brasil, o Triptyque ganhou um concurso na França, o que levou os sócios a abrirem um escritório lá (em 2008). Desde então eles fazem essas idas e vindas entre São Paulo e Paris. Alguns anos atrás eles ganharam um outro concurso público o que fez com que eles de fato tivessem um pouco mais de ‘corpo’ para ter uma atividade mais sólida em Paris. Em 2015, o Olivier, um dos sócios, foi para Paris para de fato gerir o escritório, pois até então eles faziam idas e vindas. Durante muitos anos eles se comunicavam através de um telefone por internet que quem ligava para número da França, tocava no Brasil. E durante anos eles fingiram que estavam lá. O esquema de trabalho do escritório na França, diferente do Brasil, tem os concursos públicos que são concursos abertos etc., e tem o mercado privado. O mercado na França é essencialmente público, os concursos são remunerados. Então você submete a tua proposta, tem o site oficial, o diário oficial para os determinados concursos, então o exercício é você mandar suas referências, você monta um book com os documentos todos técnicos e ele escolhem de três a cinco arquitetos para participar do concurso e os concursos são remunerados, então tem muita gente que vive com o escritório apenas baseado nos concursos. Quem escolhe os arquitetos é uma equipe técnica da própria prefeitura das cidades ou dos órgãos públicos que organizam os concursos. E paga-se bem por estes trabalhos. É super regradinho, você tem dois meses para produzir o projeto preliminar conceitual, já com os engenheiros envolvidos e fazer a primeira entrega. Quando você submete a tua participação você já tem a equipe formada. Tem uma particularidade que é a engenharia de sustentabilidade, isso foi uma história que a gente aprendeu lá trás na escola, que quando a gente chegou aqui no Brasil isso era absolutamente normal para nós lá, você ter um engenheiro estrutural, um engenheiro de instalações e um engenheiro de sustentabilidade. Grandes países da Europa, sobretudo na França, onde a gente tem experiência, você não consegue ter a aprovação e você não consegue trabalhar se você não tiver também um engenheiro de sustentabilidade com você. É o mesmo peso do cara da estrutura, do cara das instalações. Então já é uma coisa incorporada. Então quando a gente chegou aqui isso fazia tão parte das nossas ferramentas de trabalho. Então a questão da sustentabilidade pra gente sempre foi uma história muito próxima. E o que é triste é que dezessete anos se passaram e desde então são pouquíssimos os engenheiros que têm essa noção, um olhar um pouco mais transversal que passa pelas disciplinas todas cruzando pela sustentabilidade, são pouquíssimos. E eu acho isso tão antigo, ‘como assim no mundo de hoje, 2017, tudo que a gente ta vivendo, todas as transformações climáticas, os questionamentos em cima do meio ambiente, como é que gente não incorporou isso ainda. A gente já coloca a sustentabilidade como parte integrante da nossa proposta. E com os anos, óbvio que a gente conhece um pouco os recursos e tem alguns engenheiros que estão começando aqui no Brasil a fazer isso, e eles conseguem ajudar a gente nos projetos, porque daí a gente entra em questões de cálculos, etc., que a gente não sabe; a gente tem o bom senso daquilo que a gente imagina que é possível, e a confirmação dos engenheiros, desses alguns que são escritórios estrangeiros, a gente já trabalhou com escritório alemão (...) gente querendo vir pro Brasil.

Outra história interessante: a remuneração. Aqui no Brasil a gente ganha mais ou menos 1.8, se você negociar muito bem com o cliente, do valor total da obra em honorários. E na Europa, por exemplo, por lei, é 6%, então é mais de três vezes o valor dos honorários. A tua entrega é maior, o que você precisa de fato colocar na mesa, é maior, você paga mais encargos, o salários dos arquitetos é maior, obviamente, mas diz muito de como a nossa profissão é vista aqui no país, de ser um serviço anexo, necessário, mas anexo, não central na discussão, não central naquilo que se produz, e distância entre o valor que a gente traz pro negócio (...) mas o valor mercantil que a gente traz pra aquilo que a gente produz, o valor agregado que a gente traz para aquilo que a gente produz,

desenha e pensa, e como a gente é visto, e o quê que eles pagam pra gente é muito louca essa diferença. Então eu super levanto essa bandeira. Outro dia eu estava dando uma palestra com o Fernando Serapião, e levantamos essa discussão. Porque de fato o nosso valor, aquilo que a gente traz, as idéias que a gente traz, a nossa maneira transversal, porque eu acho que é a grande história. O arquiteto é o cara que tem essa visão complexa. Essa é a nossa história, a gente consegue olhar para as coisas, entender as coisas, trazer soluções para as questões de maneira complexa, a gente te esse olhar, esse é o nosso talento. E a gente precisa ser remunerado por isso, porque a gente traz benefícios para o cara que contrata a gente. E a relação não é direta.

P.: *“isso tem reflexo no tempo que você tem para aproveitar aqui e no tempo que você tem para aproveitar lá (em Paris)? (...) Fala-se que lá é um concurso ou até mesmo um projeto tem um tempo mais extenso e tem você pensa mais, aqui é a curto prazo.*

R.: *sim, total. Para você ganhar a mesma história entre aqui e lá (Paris) você precisa ter muito mais projeto, então isso é muito louco porque daí é a máquina né, você precisa ter muito mais projeto, então você cuida dos teus projetos com um pouco menos de atenção que eles mereceriam pra você conseguir fechar suas contas, etc., ao passo que na Europa a gente consegue ter um pouquinho mais de tempo pra olhar pros projetos, pra cuidar deles.*

A gente fala muito do nosso papel, e eu acho importante a gente ter consciência disso e se colocar (impor). A gente traz tanto benefício.

P.: *sobre a reserva técnica. Primeiro o que vocês pensam sobre a reserva técnica aqui no Brasil, e se existe alguma coisa parecida lá?*

R.: *não existe reserva técnica lá. Por que tem reserva técnica aqui? Porque é uma maneira da gente ganhar um pouquinho mais, porque os nossos honorários são tão baixos, porque a qualidade arquitetônica, o que se pede é inferior, mas isso é um outro problema No começo, a gente achou isso muito esquisito. Daí chegou uma hora que a gente entendeu o porque disso. Mas a gente não aplica e o que a gente faz é, a gente abre, é aberta a história, porque isso é uma dinâmica do mercado de existir, então a gente abre isso pros nossos clientes. ‘Você quer que a gente faça as áreas comuns do teu prédio? Isso vai dar trabalho, a gente vai ter que ir atrás das peças, a gente vai ter que pesquisar, etc. Então a gente parte do princípio de que todo tempo que a gente gasta trabalhando precisa ser remunerado. A gente faz assim, não sei o quanto as pessoas fazem dessa maneira. A gente abre, ‘olha, então a gente vai aplicar uma porcentagem em cima daquilo que a gente escolhe. É uma coisa que a gente chama de planilha aberta. É uma maneira de deixar claro. Você trabalha, então precisa ser remunerado pelo trabalho. Então tem o valor do projeto, que é o projeto e alguns detalhes. A gente até fala de alguns elementos especiais, do tipo: a gente desenha algo complexo, mas porque aquilo fez sentido dentro do projeto, nada de excessos etc., mas de alguma maneira aquilo fez sentido dentro do projeto. Eu sento com o cliente e falo olha, isso fez sentido? Você gosta disso, você não gosta? Isso vai dar um pouquinho mais de trabalho, então sugiro que a gente faça uma história específica, uma cobrança específica em cima desse elemento especial. É uma história que vai dar mais trabalho para desenvolver. E nunca aconteceu do cliente falar que não quer, mas poderia, a gente abre a discussão, ‘olha, apareceu essa idéia no meio do caminho, a gente gostou dessa idéia, o que você acha? Ela vai dar mais trabalho, então você escolhe.*

P.: *quais são as referências de lá (Paris/Europa) e as referências daqui do Brasil?*

Como eu falei na Belas Artes não é em cima de um mestre, é em cima de vários, várias histórias, várias possibilidades e sobretudo, em cima do teste e da essência individual de cada um. Então, por exemplo, (foi nos anos 2000), então era a chegada em massa dos holandeses todos botando o mundo de cabeça pra baixo. Então era Rem Koolhaas, MVRDV, esses do lado dos holandeses. Bom a gente tava na França, então o Jean Nouvel, grande arquiteto francês, era a grande história, era a grande do momento. Um cara que era (...) a história dele é magnânima, ele só se veste de preto, e ele durante muitos anos fez essa imersão dentro do preto, do escuro etc., inclusive ele trabalha, agora ele já tá mais velho, mas na época ele trabalha apenas à noite. Então essa inversão da história de ser um cara dentro de um outro universo que é completamente (...) imagina isso aqui no Brasil, isso não funcionaria. Ele é um cara que trabalhou muito bem, ele trabalhava à noite. Imagina nos anos 80 e 90 que foi quando a gente estudou na faculdade. Então as nossas referências ali da época, os holandeses estava muito presentes na nossa história, daí os franceses Jean Nouvel, tinha uma parte de uns modernistas, mas que na verdade a França viveu um momento do modernismo que foi um momento muito traumático, que foi o momento dos anos 60, 70 em que foi uma superconstrução em massa de novas cidades, de novos complexos habitacionais etc., isso foi muito traumático, que é um pouco do exercício que a gente ta vivendo hoje aqui, que é essa construção em massa de arquitetura clonada, multiplicada, ‘minha casa minha vida, sem inserção contextual, sem uma programação elaborada. Então isso aconteceu lá trás, então a questão do modernismo foi uma grande explosão. ‘Vamos sair desse modernismo, vamos pensar outra maneira de produzir arquitetura porque isso não funciona. A gente está vivendo a “deterização” que a gente criou, a gente ta vivendo na pele’. Porque com o dinheiro europeu foi possível criar várias cidades, que são as novas cidades. Então quando a gente vê imagens dos caras queimando carros na rua, ou de vandalismo são nesses subúrbios que foi a urgência de acolher as pessoas. Total como o que a gente vive aqui no Brasil. A gente está reproduzindo o que foi, só que vamos olhar para o que aconteceu e vamos aprender com os erros para a gente não reproduzir.

P.: *vocês trabalharam lá em escritórios de arquitetura antes de vir pra cá?*

R.: *A gente nunca trabalhou antes. Eu nunca trabalhei em nenhum outro escritório que na Triptyque.*

P.: *qual a origem do nome?*

R.: *É uma obra de arte em várias partes. Ela só existe pela coexistência das diversas partes. É Triptyque Architecture (em francês), porque veio de lá. Porque a gente estava montando a história toda de lá, então era na saída da escola a gente se encontrava e montava a história toda. A gente não tinha noção que o povo não ia conseguir falar Triptyque, não tinha noção que o povo não ia conseguir falar 'architecture (em francês).*

Uma coisa importante que a gente sempre tenta colocar na nossa arquitetura é a história da nossa relação com a cidade. A gente tenta em todos os nossos projetos, não gradear, não murar, ceder um pedaço dos lotes para o entorno. Por exemplo, aqui (no Arapiraca) a gente só tem o portão que é só para de fato a entrada, do controle do privado e do público, mas em outros exercícios tenho certeza que o cara teria colocado uma grade ali na frente. O cuidar com a solução. A primeira vez que a gente fez isso foi no Fidalga 727, que foi uma negociação com o cliente e ele queria o muro. Então propusemos um muro de vidro, onde trouxemos o muro para trás e colocamos ele de vidro. Mas isso é uma história que aos poucos nós vamos conquistando.

P.: *a estrutura do prédio é uma estrutura de concreto integralmente, a não as estruturas das passarelas?*

R.: *sim. O mais simples do mais simples, pilar e viga de concreto.*

P.: *e esse muro de gabião tem a função de gabião mesmo, de contenção de terra?*

R.: *ele tem função de gabião de contenção de terra, ele tem uma compensação também porque ele não consegue trabalhar sozinho. E embaixo são dois grandes e para a unidade da história um deles é apenas o material (estética).*

O vegetal, ele está dentro dos nossos projetos como um ferramenta, ele está sempre nos nossos projetos. Quando eu falo vegetal, é a questão da natureza. Então a água, o verde etc., ele tá sempre nos nossos projetos. Por mais que isso aqui possa parecer muito seco, a gente sempre tem a naturalização (a gente chama de naturalização da arquitetura), a gente sempre traz uma camada de natural por cima das nossas arquiteturas para deixá-las mais sensoriais. Esse é um movimento que de fato existe aqui no Brasil, o uso dos materiais, mas a gente tenta trazer além da verdade dos materiais a verdade da natureza do material. A gente tá muito envolvido com madeira agora, construção em madeira, mas construção em altura em madeira. A gente entende que o mundo tá vivendo uma mudança, primeiro uma mudança de consciência, e uma mudança de matriz. Essa mudança de matriz já está se instalando em outros países por aí a fora, que é a mudança que a gente teve no início do século passado a passagem da metálica para o concreto e da mesma maneira que a gente teve lá atrás da passagem da madeira pra metálica quando a gente começou a subir. Então lá atrás a gente não sabia como subir com madeira, então a gente começou a subir com metálica, depois a chegada do concreto, e agora a volta à madeira, com tecnologia, que a questão é tecnologia, só funciona através da tecnologia. Então a gente tá muito envolvido nesse movimento. A gente vai fazer um prédio aqui na Vila, de doze andares de madeira, primeira vez no Brasil que isso vai acontecer. A gente já fez um na França que foi da INPI, o Instituto Nacional de Patente Industrial, com cinco andares, e durante um tempo foi o mais alto da Europa. Tem um que está saindo no Canadá com 20 andares, por exemplo. (...) o prédio nasce neutralizado em carbono.

P.: *como neutraliza o carbono?*

R.: *porque a madeira, quando você tira ela da floresta, ela traz consigo o que chamam de seqüestro de carbono, a madeira ela já é um seqüestro de carbono, você tirando ela da floresta, ela passou anos e anos capturando o gás carbônico e solidificando esse gás que é a ceiva, que é a madeira, então é um seqüestro de carbono. Essa madeira precisa ser protegida contra as intempéries. E uma vez protegida a madeira você não tem mais manutenção. Justamente, a mudança de matriz passa também por questões culturais, de você mudar um pouco a maneira de olhar para o material, repensar os conceitos que você achou que fosse verdade e reentendê-los, porque eles não são mais como aquilo que a gente imaginava. E essa é uma das soluções que se formos pensar em 2080, (que é uma geração) a gente não tem mais acesso a minerais pra construção, por exemplo. Então a gente precisa urgente repensar em alternativas. O alumínio, daqui a muito pouco tempo a gente não terá mais acesso a alumínio novo, apenas da reciclagem. E a gente sabe que a reciclagem do alumínio vai transformando a composição do material e ele perde eficiência etc. Mas até quando? O alumínio é tipo 2030. É uma loucura. Esses dados são alarmantes e a gente não tá atento a isso. De fato é um assunto muito querido pra gente, a questão do meio ambiente e como nós enquanto arquitetos podemos atuar como responsáveis e com consciência.*

P.: *na relação com a cidade, como é essa questão da escolha dos materiais, em relação à madeira?*

R.: *a origem dos materiais, da onde eles vêm, como é que eles vêm, como é que eles chegam? Tem gente que chega, ah vamos fazer um prédio X. Você passa por mil questões ali, de tem vidro, quanto de vidro você quer, quanto da tua fachada você quer aberta, ou ventilada, ou etc., e a qualidade do material mesmo, sem falar de projeto. Tem ali um vidro que vem da China que tem tal característica, um vidro que vem daqui mais pertinho que tem uma característica que não é a mesma, que não é tão eficiente (...) a gente vai escolher o da China (na Triptyque). A gente vai escolher aquele que tem uma pegada menor de carbono, aquele que tem uma eficiência melhor. A gente prefere escolher aquilo que de fato é mais responsável. Porque se a gente não fizer isso quem vai fazer? O cliente óbvio que vai olhar para o bolso dele, vai olhar para outras questões, então é o teu papel*

como profissional de assessorá-lo e de trazer uma nova visão e sempre mostrando aquilo que ele quer ouvir, que são as compensações. É você criar os seus argumentos. Tudo a gente precisa criar argumentos. Nas apresentações, etc., aquilo que está lá não é necessariamente aquilo que ele quer ouvir, então a gente precisa achar uma maneira para ele ouvir aquilo que a gente quer falar.

“Vila Taguai”

(...) a gente teve que reaprender a nossa maneira de construir.

(...) a gente optou pelo AutoCAD revit, e daí 3d Studio, etc..

O escritório aqui é maior do escritório lá então a gente produz muito projeto de lá aqui, então a gente tem esse intercâmbio.

A gente tem uma câmera no escritório de lá e uma câmera no escritório daqui com uma televisão e a gente se vê.

P.: qual seria a função dos engenheiros de sustentabilidade na França, qual é o papel dele?

R.: o papel dele, falando muito resumidamente, é pensar no edifício mais eficiente possível. Eficiente em todos os sentidos, no sentido térmico, acústico, escolha de materiais, disposições de alguns artifícios, algumas artimanhas projetuais também de desenvolvimento, e cálculos. Por exemplo, a gente fez um prédio no Rio de Janeiro que a gente entregou em 2016, é o RB12, que é um prédio à energia positiva. Isso quer dizer: ele gasta menos energia do que aquilo que ele produz. Não necessariamente porque ele produz muito, mas porque ele é muito eficiente. Nele a gente tem duas empenas gigantes onde a gente produz. Foi um retrofit. A gente pegou esse prédio, deixou ele no esqueleto e re preencheu o esqueleto. Então as fachadas laterais do prédio são de placas fotovoltaicas. Então são esses exercícios que o engenheiro acompanha a gente a pensar e a trazer soluções. A gente fez um exercício de mapa de calor na fachada (que foi com os engenheiros ingleses) e esse mapa de calor a gente desenhou os nossos brises. Então você olha e di ‘nossa que maluco eles fizeram um exercício formal ali de desenhar com o seu pincel.’ Não. A questão não foi essa. Foi a resultante do mapa de calor da fachada e como a gente tinha que proteger aquilo. Então os brises e os sombreamentos são todos diferentes. Deu um trabalho enorme, mas a gente aprendeu um monte. A questão da tecnologia junto com o projeto.

P.: esse trabalho com a Zarvos, como o projeto é de 2010, eu acho que ele tem uma liberdade maior do que os projetos recentes da Zarvos. Eu acho que com o tempo a Zarvos começou a cair numa malha de uma incorporadora e de uma coisa mais convencional embora ainda contrate arquitetos para fazer o projeto. Os primeiros projetos da Zarvos eu sinto que eles tinham mais exploração, uma coisa de investigação muito maior e que era esse que na verdade era o chamariz pra vender e que hoje eu acho que continua mas ele deu um passinho pra traz, eu acho que até talvez no quesito econômico do país em fim. Como é esse trabalho conjunto, de tipo ah a gente... O quanto a Zarvos batalha também? Porque ela depende do desenho do arquiteto para vender, mas ao mesmo tempo tem que fechar planilha, etc.

R.: é um processo a quatro mãos. Porque de fato a arquitetura faz parte ali do DNA deles. Então é uma conversa em cima da arquitetura, da qualidade do projeto. São raros os cliente aqui no Brasil que de fato pensam dessa maneira. Mas para que isso funcione precisa entrar na economia, então a gente precisa chegar num acordo em relação às prioridades e ao que dá pra fazer ou não. Mas é um trabalho a quatro mãos.

Os nossos clientes muitas vezes são pessoas alinhadas com a nossa maneira de pensar.

WEBINAR Triptyque com Greg Bousquet

(06.08.2019) – Fernando Serapião

<https://www.youtube.com/watch?v=Kok9T5n2Dcs> 08.01.2020

P.:: Por que você escolheu fazer arquitetura?

R.: Nossa! Isso acho que foi uma sorte minha. Eu decidi ser arquiteto aos quatorze anos, mas com uma certeza absoluta. Quando eu era pequeno gostava muito das coisas científicas, de ser um pesquisador, um inventor, não sei, um professor pardal. E também adorava desenhar, toda uma parte artística. E um belo dia eu entendi que pra juntar essas duas coisas tinha **UMA** coisa que iria me atender perfeitamente, era a arquitetura. E daí decidi desde então focar os meus estudos para passar até a faculdade de arquitetura.

P.: e você morava nos arredores de Paris nesse momento?

R.: sim. Tava numa cidade a 60 km de Paris que se chamava Fontainebleau, cidade bem burguesa, bem bonitinha.

P.: E a Belas Artes? O Greg, ele estudou na Escola de Belas Artes de Paris que é a escola que durante trezentos anos foi a escola mais importante de arquitetura do mundo, que fundamentou, na verdade o ensino da arquitetura até o início do século XX. E como é que foi essa escolha? Quer dizer no fundo você escolheu estudar na Belas Artes, existiam outras opções?

R.: bom, mais ou menos é um acaso como sempre, imagino eu. Já que eu sabia que iria fazer arquitetura, a minha escola pedia um estágio. Então eu escolhi, obviamente, um estágio no setor de arquitetura. Amigos dos meus pais me ajudaram na época, que eram professores na Belas Artes, então eu fui passar uma semana lá, e foi amor à primeira vista, óbvio. Entrei no escritório dele e ele me levou na Belas Artes à tarde no primeiro dia e uma escola alucinante onde todo mundo fumava, bebia, trabalhava, conversava. Esse ambiente das Belas Artes super parisiense e super peculiar também, que esse nivelamento dos estudantes em atelier. (...) o atelier virou

uma casa, a minha casa durante sete anos. Então a gente fazia tudo lá, trabalhava sim, mas a gente bebia, a gente dormia, e formou esses espírito do atelier da Belas Artes. Mas do outro lado era uma escola muito ruim, porque perdia o esplendor que ele tinha há muitos anos, tinha nove escolas de arquitetura em Paris, então era a última que tinha esse sistema de atelier forte onde os mais velhos cuidam dos pequenos, dos “novos” se chamava porque tinha um trote imenso, que faz parte da educação artística do arquiteto da época. Mas foi muito bom desse lado e muito ruim porque não tinha muito conteúdo.

P.: como é feita a captação dos clientes hoje e no início da carreira? Como é que apareceram os primeiros clientes e hoje como e que vocês fazem isso?

R.: no início a coisa é mais complexa, imagino eu um jovem arquiteto abrindo o escritório esperando o telefone tocar e não acontece, porque ninguém conhece, etc. e acho como sempre no início de carreira conta sempre com a ajuda da família, um tio que quer fazer um móvel ou até uma extradição da casa, em fim. Tem que ver o que se tem perto. E você começa com um, que fala com outro que vai chamar e você tenta ter uma visibilidade maior da família, e os amigos da família, os amigos dos amigos e você começa assim. E depois quando você tem um escritório com o nosso a gente tenta ver aonde a gente quer ir. Foi uma escolha do escritório desde o início não ter especialidades. A gente faz de tudo casa, prédio. A gente acata qualquer demanda, o que não é bom de uma forma comercial porque você não é conhecido como especialista de tal área, mas por outro lado você tem uma sensação de liberdade muito maior, você pode fazer um pouquinho de tudo. Mas, óbvio que você vai escolher alguns “nichos comerciais”. O arquiteto tem que se vender, isso foi um grande aprendizado depois da faculdade de vestir o ‘terno’ comercial, se vender para conseguir realmente ter um escritório. Isso na Belas Artes ninguém tinha aprendido.

P.: Como é que você e seus sócios formados todos em Paris vieram pro Brasil? A gente tem a Carol que é brasileira, mas que estudou com vocês.

R.: então pra finalizar um pouquinho essa ida nos ateliês da Belas Artes que era muito ruim de conteúdo mas era tão bonito no melhor bairro de Paris. A gente se encontrou desde o primeiro dia, o primeiro trote que é bem forte lá, mas é engraçado. Do meu lado esquerdo tinha Olivier, meu sócio pelado, e o Gui pelado também do outro lado, e eu pelado também, e nos tornamos amigos para toda a vida. E depois a gente tentou compensar a falta de conteúdo indo, nós quatro nos museus, nas bibliotecas, participando de concursos internacionais. Então a gente se auto-formou com o suporte das Belas Artes. Foi super legal no final das contas. E como qualquer bela história quando se acaba a faculdade a gente pensou em fazer um ano, talvez dois no máximo, fora como percurso iniciático da vida antes de abrir em Paris. E a gente pensou, aonde a gente vai? Ah Nova York, NY vai ser muito difícil, tem muitos arquitetos, ninguém vai fazer esforços para oferecer trabalho pra gente. Então a gente começou a rodar opções, e me lembro que um dia a gente achou esse dado maluco que é ano de 2000 eu acredito, 99, no Brasil tinha apenas 50% da população com menos de 20 anos. Então era o país do futuro, país jovem, e pelas circunstâncias também a gente tava pensando no Brasil, o pai do Olivier foi mandado para o Rio de Janeiro, a Carol que a gente achava ela francesa sem sotaque nenhum, ‘eu sou brasileira’(...) e aí foi. Viemos para o Brasil.

P.: o que é um bom portfólio para vocês?

R.: acho que isso é super, mega importante para você estudante de entender o como apresentar o portfólio. Sempre volto nesse negócio ‘da faculdade era ruim então a gente fazia’. Isso vai impactar essa resposta porque a gente viu que tinha que participar de concursos internacionais para se confrontar um pouquinho com o meio do mundo. E pouco a pouco você percebe que a maneira de apresentar um painel num concurso faz toda diferença. Você pode fazer a melhor arquitetura do mundo, se você não vende ela, porque vai ter mil respostas, então você tem que aprender a apresentar bem, quer dizer que ter uma sensibilidade de grafismo é a primeira coisa. Então tem que manejar ilustrator, photoshop, designer, todas as ferramentas que lhe permitem construir uma diagramação bonita, simples e eficiente. Então tem que ser bonito e eficiente. Isso vale para um portfólio. (...) a qualidade da apresentação faz muita diferença.

P.: Como foi projetar em outro país tão diferente daquele que você se formou, com outra realidade, outra legislação, outro clima?

R.: Foi muito difícil. Porque a gente nem começou na França, a gente ficou aqui depoisdesse amor a primeira vista quando chegou no Rio. Foi uma decisão bem rápida de entender que a gente iria ficar. Mas a gente não tinha trabalhado na França antes. Trabalhou um pouquinho com estágios, com uns mestres em escritórios parisienses. E por que a gente ficou? A grande diferença foi a seguinte: foi uma história bem engraçadinha, mas a gente começou a sobreviver no Rio vendendo 3D, que na época, em 2000 não tinha e a gente sabia fazer. Então a gente ia ver os arquitetos pra vender imagens 3D, e a gente foi contratado pelo H.Stern pra fazer um mapa turístico da cidade em 3D. ‘Tá, tudo bem. A gente faz qualquer coisa’. E quando a gente recebeu o briefing do Roberto Stern, na época, ele falou para o assistente dele que tava achando que a fachada dele, da sede, já estava muito feia e queria alguma coisa também, etc. e um mês depois, portando o mapa, durante um mês, a noite inteira a gente fez projetos para a fachada da sede do H. Stern. A gente trabalhou muito, muito, muito. Então a gente chegou com o mapa e falou: escuta Roberto, desculpa a gente fugiu e além do mapa temos um projeto para a sua fachada. Então a gente colocou na mesa dele, ficou surpreso, abriu e falou ‘adorei, vamos fazer’. (...) isso

foi uma relação completamente nova para nós, que não éramos conhecidos na época, já que o arquiteto te que ter cinquenta anos para se chamar de arquiteto, se não é um bebê. E de repente tem um cara que fala que o que importa é o que se vai fazer e não o que se fez. Então isso mudou tudo e a gente resolveu ficar.

P.: Como vocês lidam com a cultura construtiva do Brasil, o concreto, e como é que vocês buscam materiais alternativos que sejam sustentáveis?

R.: A gente entrou nesse mercado da arquitetura das normas brasileiras (...) a gente aprendeu aqui e foi muito difícil, com certeza absoluta. Foi aprender com a experiência. Então, óbvio, os primeiros anos foram 'punk', porque estava muito devagar, ninguém sabia de nada, todo mundo que trabalhava com a gente era jovem também, então aprender, aprender, aprender. Mas a grande diferença que a gente está vendo entre aqui e lá, é normativa, óbvio, tem muito menos normas de desempenho, por conta também de uma temperatura mais aceitável. Não quero dizer que é mais fácil, mas tem um pouco menos de normas, ainda que permita a pesquisa de materiais de experimentação mais livre aqui. A gente conseguiu experimentar muito sobre a fachada, por exemplo, da FARM, na Vila Madalena (...) A fachada vegetal se fazia na Europa e era muito complexo, e aqui a gente sabia que era país tropical, jogando uma semente numa fachada ia brotar. E a gente experimentou com cimento, foi teste, teste, teste. E aplicamos a fachada e deu certo. Mas, 'uau que liberdade', uma experimentação que deu certo. Isso permite esse tipo de experimentação. Na Colômbia também tem uma fachada para reduzir o impacto solar. Essa liberdade que a gente gostou. Liberdade demais, que bom!

P.: o que você diria para alguém que está se formando na arquitetura?

R.: o que a gente fez de se lançar logo depois da faculdade foi uma sorte de ter conseguido. Mas a gente apanhou anos e anos para conseguir levantar a cabeça e construir mesmo. A gente passou por uma fase mais de interior design, mais de fazer lojas, boates, que era super legal na época, mas tem um momento que começa a cansar porque a gente queria fazer arquitetura. E essa falta de conhecimento das leis, no início, eu acho que conduziu um pouquinho a esse direcionamento. Tivemos que aprender, ser mais maduro, e ser visto como arquiteto mais sério depois de 10 anos. Então eu acho bom talvez pegar experiência em um escritório, aprender muito mais como rola as fases de arquitetura, lidar com o cliente, com o financeiro, com comunicação, com tudo que faz um escritório, tudo que a gente não aprende na faculdade. Acho que a gente tem uma falta de realidade do escritório na faculdade de arquitetura. Então é bom pegar isso num escritório para depois se lançar.

P.: A proposta e o estilo do escritório foi sempre clara desde o começo ou vocês chegaram a experimentar outras vertentes até chegar ao que vocês produzem?

R.: ela vai se desenvolvendo. A gente não tem a menor possibilidade de teorizar isso, a gente gostaria, mas é difícil. Mas com o tempo tem uma linha, uma teoria, um estilo com a aplicação de um dogma. Mas a gente percebeu uma coisa muito forte, aliás, os professores de faculdade (...) o Marco Tabett, que a gente gostava muito que era o único da escola que tinha essa aproximação da arquitetura d que da teoria. Nosso percurso, a gente chegou com uma arquitetura muito européia, muito limpa, e pouca a pouca a gente 'comido' pelo tropicalismo, esse vírus bonito começou a pegar a gente e foi essa mudança de estilo. Então a gente começou a integrar à arquitetura mais vegetal, mais tropical, mais viva, mais brasileira. Então acho que esse casamento ficou extraordinário pra nós. A gente conseguiu entender isso e buscando esse tropicalismo.

P.: Como vocês fazem para convencer o cliente de uma idéia que ele está relutante em aceitar?

R.: é muito simples, tem que falar a mesma língua do seu cliente. Tem que ser muito pé no chão. Quando a gente trabalha para o mercado imobiliário, por exemplo, a arquitetura vem em segundo lugar, se você começar com ela em primeiro lugar você nunca vai conseguir vender a tua idéia. Você tem que mostrar que entendeu a regra do jogo, que é atingir, por exemplo, um potencial construtivo de 100%, mas uma vez que você põe isso numa tabela e demonstra para o cliente que fazendo isso, ou isso, ele vai ter o mesmo ganho de área e de metros quadrados que vai vender aí tudo muda. Porque você já fez a sua lição de casa. Que a arquitetura ela vira um negócio quando se trabalha com o mercado imobiliário. Então vai fazendo essa lista com as coisas que o empreendimento tem que atingir e depois vende a sua arquitetura. Se faz o contrário, não convence. Mas não quer dizer que a arquitetura passa em segundo lugar, isso é uma maneira de apresentar e ter certeza que se atingiu os objetivos financeiros.

P.: na hora que você chega nesse alvo (resposta acima), naquilo que o cliente quer no sentido de números, de áreas, de custos, a arquitetura já está pensada?

R.: sim. A gente faz tudo. A gente faz inclusive uma maquete da solução que a gente quer propor. Para justamente fechar essa dúvida que o cliente tem. Sempre embasando por métodos nacionais e internacionais. Tem que sempre tentar fugir do arquiteto artista, se não você não consegue passar uma ideia, ele poderia aceitar se você passa de uma maneira diferente. Então ele pode concordar ou não, mas você já tem uma forma finalizada como se queria e depois você pode amenizar talvez, mas no mínimo você tem uma proposta. Se você deixa o cliente entrar no trabalho com você aí complica.

P.: o escritório já faz uso do sistema BIM?

R.: sim. Tem que ser, se não vai ficar muito atrasado. Agora o BIM, eu pra mudança no desenho da prancheta para o AutoCAD. Eu trabalhei quase seis meses num escritório bem bacana em Paris que era super top, mas eles tinham a minha idade hoje então eles não conheciam o CAD, então os escritórios faziam essa mudança quando

eles estavam ainda na prancheta, então tinha essa coisa de ter uma dificuldade de pensar a ferramenta como uma ajuda na criação. Então, nós, a Carol e os meninos começamos a usar a ferramenta 3D como uma ajuda na criação. E o BIM chega entre os dois ele faz também o 3D, ele faz uma prancheta, ele faz os cálculos financeiros, ele faz tudo, mas é tão complexo ainda. E é difícil, então tem que acatar a entrada do BIM no escritório de uma forma bem delicada. Que até os nossos clientes não entendem porque o BIM. O BIM tem cinco a seis níveis de bins para fazer uma maquete 3D, o 3D com a estrutura ou a estrutura com a hidráulica e a hidráulica com o encanamento com tudo com exatamente tudo, depois tem área das paredes, da pintura planejamento da obra das máquinas que vão entrar, em fim. É de uma complexidade imensa. E se ninguém entra nesse momento preciso da arquitetura entrou em BIM e os engenheiros complementares não entram não vai ‘pilotar uma Ferrari com uma nota de esqui’. Então é ainda é delicado e complexo, então a gente tem que entender também, então demorou aqui entender que precisa de alguém no escritório que se chama o BIM manager, que tem esse conhecimento da ferramenta. É tão complexo que tem que ter alguém que cuida do ‘bicho’, que não desenha, que não faz projetos, que entende o processamento da máquina para extração em CAD, etc., e que ajuda os arquitetos a entender o raciocínio da modelagem, do que precisa.

P.: um jovem arquiteto que entra no escritório já tem que estar dentro do processo BIM, ou não?

R.: sim. A gente, quando estava estudando, pensou que tinha que ser multiuso. Você era sociólogo, arquiteto, mas também grafista etc. por isso tem que manipular as ferramentas adequadas. Então a gente se formou photoshop, 3D, ilustrator, designer, cinco programas de 3D, tinha que pegar tudo e manipular para ir rápido para apresentar bem, para entender melhor, para ter conhecimento artístico e etc. Então a gente vê muito aqui cara que não sabe fazer sketchup. ‘Mas como você trabalha nesse mundo e não simula uma ferramenta 3D?’ impossível. Então não vale. Se, além disso, ele sabe manipular essas ferramentas de grafismo aí começa a virar interessante autônomo, vai trabalhar em um projeto, vai modelar ele, fazer também em CAD e fazer uma apresentação para mim ou para os seus clientes já integrada. Então a gente começa a olhar de uma forma muito mais precisa e focada.

P.: ainda na questão da experimentação de novos materiais, como é que acontece essa relação dentro do canteiro de obras, o escritório desenvolve os detalhes a partir da relação com os que vão construir ou não, os detalhes são desenvolvidos sem essa relação?

R.: a gente faz o detalhamento. A gente gosta muito de tentar controlar tudo, e é óbvio que o projeto ‘é um neném em si e tem que vestir o neném para ser da realidade’. A gente gosta de fazer o interior designer dos projetos. Se você não faz isso, qualquer fornecedor vai pela facilidade de construção então você vai ter o projeto um pouquinho simplificado em relação ao que você queira. Então tem que tentar trabalhar muito com o próprio fornecedor. “E o executor da obra também está nesse processo?” Sim. Tem essa famosa reunião sempre que um projeto vai andar pra frente, a reunião com os complementares e depois com a construtora que vai construir. E muitas vezes são apresentações muito técnicas do projeto, eu acho totalmente errado isso, então a gente faz uma apresentação completa, grande de conceitos do projeto, como a gente apresentou para Otávio Zarvos, por exemplo, então a gente vai para eles entenderem como foi pensado esse projeto para eles se interessarem e depois tentar executar esse pensamento. Então foge um pouquinho da explicação técnica para ter o conceito que vai ser emocional e todo mundo vai entender e vai participar dessa construção mesmo do projeto. Eu acho isso fundamental.

P.: quais foram as maiores dificuldades para o estabelecimento do escritório? Algum projeto ou cliente muito desafiador que marcou a trajetória?

R.: falei já dessa classificação quando você é jovem, você não tem essa experiência, tem um caminho só de qualquer maneira de entrar nesse interior designer, de fazer a cenografia, de fazer clube, de fazer bares, etc. mas aí você começa a ficar num nicho meio “moderninho”, legal, super descolado, etc. mas você foge um pouquinho do status do arquiteto mais sério que vai construir. Então rapidamente você tem que tentar sair, sair rápido desse caminho se não você não vai conseguir. E o que tirou a gente um pouquinho de lá e que foi uma dificuldade imensa foi a Zarvos. Mais uma vez a gente começou nosso namoro com a Zarvos desde 12 anos atrás (2006), e erramos, não seguimos, aliás, foi tão difícil de sair de uma mini-arquitetura para chegar numa arquitetura de um edifício e entender as leis de plano diretor, de tudo isso que a gente não conseguiu. Então a Zarvos deu a chance pra nós de sair de lá e não conseguimos. Erramos esmo, e em conjunto. “Vocês estão ainda jovens demais. Foi um choque imenso, elétrico pra nós. (neste momento citar o que estava acontecendo no cenário imobiliário de São Paulo e a história do movimento UM). E aí a gente acordou e a gente começou a pesquisar o que era plano diretor, porque, onde, como se faz uma viabilidade, o que tem que fazer, etc. foi realmente um choque elétrico forte. E sem isso, acho, talvez nós não tivéssemos acordado. Foi muito feio para o ego, machucou, mas também o bom olhar que teve a parte da Zarvos: “*não deu certo e a gente volta a conversar quando vocês tiverem um pouco mais de conteúdo de leis, etc.*” Foi quando eles começaram a dar a segunda chance e saiu o Fidalga 727. O Arapiraca é de todos, o projeto mais complexo.

P.: como vocês equilibram a busca pela qualidade arquitetônica com a produtividade do escritório? Hoje quantas pessoas trabalham no escritório?

R.: de 80 a 90 pessoas, no escritório de São Paulo, e 20 no escritório de Paris. De 80 a 120, no total, dependendo do momento. Justamente essa busca do equilíbrio que é a peça mestre do sucesso para manter um escritório que são muitas pessoas, então a gente tem que ter muitos projetos, tem que ter uma produtividade alta. Então isso se busca em números de projetos sim, e não cair numa produção um pouco mais clássica, se não a gente vai perder a assinatura também. Então vou dar um tiro no pé. Então tem que equilibrar qualidade e número de projetos, que não é fácil. Faz dois anos já, que a gente ampliou muito nossa área de atuação para começar a trabalhar fora de São Paulo. Isso foi muito legal de fazer. Então a gente vai em 9 estados/cidades do Brasil: Recife, Porto Alegre, Fortaleza, Brasília, Florianópolis, Santa Catarina, etc. Isso é muito bom. Isso traz também algumas peculiaridades, na forma de trabalhar, construtiva, de materiais e de cultura. É engraçado trabalhar com isso porque dá um pouco mais de ar e permite essa rotatividade porque muitas vezes a gente tem que ir rápido, mas tem que ter esse balanço com a qualidade. Para tentar manter a qualidade e a assinatura.

P.: Quais as características que vocês analisam quando procuram novos membros para a equipe? Um novo membro da equipe já é pensado para uma determinada área, ou ele é alocado depois?

R.: a gente começou a setorizar o escritório há alguns anos. A gente começou a entender pouco a pouco que é melhor fazer departamentos mais focalizados sobre o que eles fazem, óbvio. Mas o interior designer, por exemplo, na Triptyque, ele é quase uma empresa, com diretor de criação só de interior design, porque o arquiteto no final tem uma escala diferente, não interessa 100% a pequena escala, então ele não se motiva tanto, ou ele gosta, não é qualquer arquiteto que vai para o interior design, porque ele gosta disso vai fazer bem, mas misturar as equipes e arrancar um arquiteto para fazer interior design, deu errado, muitas vezes. São fornecedores diferentes, os processos criativos diferentes, o tempo e diferente, processos construtivos diferentes, tem uma outra cultura, etc. Então na Triptyque, por exemplo, tem uma equipe dedicada a interior design e quando a gente precisa de alguém para interior design um anúncio de interior design para arquitetura. E dentro da arquitetura, por exemplo, temos também um separação um pouco mais clara entre a criação e o desenvolvimento. Têm alguns que preferem fazer criação mesmo e não gostam muito do desenvolvimento técnico, e têm outros que ao contrário, que têm um conhecimento muito bom em técnica (...) então tem que por cada com o melhor desempenho possível.

P.: Falando sobre as lacunas no ensino de arquitetura, e essas duas sedes (Paris/SP), com 110 pessoas trabalhando no escritório, como vocês aprenderam a gerir essas duas sedes diferentes?

R.: a gente abriu em 2008 em Paris, na época a gente tinha ganhado um concurso nacional francês, para jovens arquitetos, e permitiu essa abertura lá em Paris, e a gente fazia (...) cada uma ia cada semana ou cada mês, acho que era isso, um rodízio de sócios e Paris. E não funciona, a gente viu que tem um momento que o escritório ele não vai pra frente. Então nós decidimos, quatro anos atrás (2015), que o Olivier foi cuidar de Paris, então ele está lá, e o Gui foi dois anos atrás (2017). Então agora tem dois sócios em Paris que cuidam 100% de lá e começou, óbvio a dar frutos, a gente ganhou concursos, tem equipe, tem um relacionamento maior com os clientes, porque estava complicando – uma semana era a Carol, outra semana era o Greg, e o cliente ficava sem entender - e eu hoje estou com a Carol aqui em São Paulo. Então a gente tem essa separação que é mais física dos escritórios porque dá mais certo.

P.: Mas ao mesmo também, sobrecarrega você e a Carol com uma equipe de oitenta aqui, não?

R.: Sim. Mas, por mais que a gente tenha separado um pouco, tem ainda, a ilha de quase quinze pessoas aqui que trabalham para Paris. Temos um pouquinho de Paris em São Paulo, tem a diferença de 5 horas de horário, então eles trabalham mais tarde, incentivam os outros a ficar (risos), e vira uma relação muito boa. Então algumas vezes tem alguns de lá, o (...) foi três semanas em Paris, no ano passado para ter esse intercâmbio e aprender um pouquinho de lá. Eu acho que é sempre bom ter esse intercâmbio.

P.: Nos anos 90, quando a arquitetura internacional explodiu, a européia, sobretudo, e a americana, criando um pouco esse sistema do “start sistem” mundial da arquitetura, é curioso porque o fuso horário permitiu um trabalho contínuo, quer dizer, uma equipe trabalhava continuamente em Paris (e a internet) fechava o trabalho que era retomado imediatamente pela equipe do Japão, então o turno era o dobro. Isso vocês nem imaginam fazer, não?

R.: Não, mas muitas vezes a gente usa essa prática para estender um pouquinho o dia da França se tem uma entrega de concurso, é óbvio que a gente usa isso.

LAR ID - CASA PEDRA - Triptyque Architecture

<https://www.youtube.com/watch?v=hVm9Qrqqen0> 13.01.2020



A LAR procurou a gente para ter um conceito de casa um pouquinho especial, acho que foi esse contato primeiro que não foi de incorporação mas sim de prazer mesmo, de simplicidade de uma casa de campo, foi muito fácil de desenvolver porque a gente já tinha um olhar um pouquinho em comum sobre essa simplicidade de morar da casa de campo. (Greg)

Depois de muitos anos trabalhando com construção, com grandes arquitetos, com projetistas, a gente sempre quis desenvolver um produto que buscasse uma perfeição, então tinha que ser uma casa agradável que conviesse com a sua área exterior, que tivesse uma piscina, que pudesse aproveitar todo o seu entorno. Então além do projeto interior da casa, a gente se preocupou muito com o dia a dia das pessoas e com a convivência das pessoas dentro desses ambientes, e dentro da casa. (André Giusti – LAR Construtora)



Uma rocha quase esculpida, aonde a gente vai tirar pouco a pouco as aberturas e, uma forma bem importante, o pátio central que vai organizar toda a planta da casa, então ele é um tipo de janela para o céu, importante, aberto, sem fechamentos que vai introduzir a vegetação e a luz no meio da casa. E tudo vai ser pensado assim, a gente vai retirar dessa “casca”, meio mineral, meio rústica, uma abertura, uma janela, uma porta e isso vai delimitar um pouquinho toda essa respiração para fora e para dentro da casa. (Greg)

O primeiro desafio foi o pátio interno que é uma coisa super legal, todos os jardins lá na origem começaram com jardim interno. Como na Fazenda da Grama é um lugar bem quente e gostoso, eu achei legal esse pátio, primeiro para dar um conforto térmico para a casa, tem essa ventilação cruzada na arquitetura que é super gostosa, que ventila a casa, entra luz na casa inteira, você circula pelo corredor em volta da casa e está sempre interagindo com o jardim sem, necessariamente sair da casa. A gente vai propor a história de uma água caindo para ter um barulho, quer dizer, além disso, é um jardim sensorial. (Rodrigo Oliveira – projeto de paisagismo)



Você sente o cheiro das plantas e você já sente o calor do dia então ela tem essa correspondência com a natureza muito forte dentro da casa. Então vai ter um núcleo íntimo com todos os quartos, a entrada e depois esse pátio que vai fazer uma delimitação forte entre o íntimo e o social. Uma vez que a gente atravessa o pátio, você chega numa vista deslumbrante que caracteriza um pouquinho a sala de estar, a varanda, e a grande cozinha que é, também, um espaço de recepção muito importante para mim, francês, para abrir uma garrafa de vinho, começar a cozinhar, tudo sendo integrado com esta varanda e os amigos. E esses momentos também passam pela piscina que é um ponto de encontro das crianças, dos adultos e que é em ressonância com o conceito exatamente o tamanho do pátio, tem um buraco que é o verde e um outro buraco externo que é a água. (Greg)

Outra coisa muito legal desse projeto é você poder chegar no telhado da casa à noite e ver as estrelas, que é uma delícia você usar essa parte da casa que antigamente ninguém incorporava no projeto de arquitetura. (Rodrigo Oliveira – projeto de paisagismo)

Conforme o projeto foi acontecendo, a gente trabalhou como se fosse uma casa nossa, uma casa da LAR. Então a gente trouxe tudo que tinha de melhor em engenharia, tivemos horas discutindo projetos, detalhes, tomadas (...) a gente fez a casa como se ela fosse nossa. (André Giusti – LAR Construtora)

Uma maneira que a gente achou muito interessante de trabalhar é realmente esses cheios e vazios então a gente pensou com que a luz viesse de dentro pra fora justamente para você criar vida e dar vida à noite pra esse monolito. A gente pensou numa casa que fosse flexível, então o projeto tem uma arquitetura bem funcional que ela se resolve com qualquer formato futuro do layout da casa. (Renata Fongaro – luminotécnica)

Então a casa para conviver com esse espírito ela tinha que se expressar de uma forma autêntica, simples, mas de luxo. Acho que esse luxo, justamente, são essa rusticidade, essa entrada de luz. Então a gente usou materiais super naturais, são: pedra, casco de pedra, dependendo da casa que você vai escolher, ela tem cores diferentes que vão se adequando ao revestimento externo da casa também, que é um revestimento simples, mas bonito, uma massa trabalhada meio rústica, que dá a perceber essa casa de campo ela vem se pousar sobre a grama, mas é um monolito de massa mesmo, rústico e campestre. Em fim teve assim alguns detalhes que vão fazer dessa casa uma experiência, além da macro experiência de ver esse monolito chegar apoiado na grama, a gente queria também ter essas micro experiências dentro das casas. Para finalizar, por exemplo, cada um dos quartos tem um mini-deck na frente com a possibilidade de ter uma cadeira, uma poltrona para ficar sozinho lá fora do quarto. (Greg)

E a gente queria criar um produto de campo que fosse uma casa que a pessoa que comprasse só tivesse a parte boa de comprar uma casa no campo. Então ela não tem todo o trabalho da construção, todo desgaste que é fazer uma obra e tivesse um produto final pronto, perfeito para só ser aproveitado. (André Giusti – LAR Construtora)



Casa Pedra

Arquitetura: Triptyque Architecture

Paisagismo: Rodrigo Oliveira

Luminotécnica: Studio 220V

Realização e Construção: LAR Construtora

Ele é surpreendente! Quando a gente acabou a obra, a gente sempre queria dar a sensação dessa laje de concreto voar e a gente tinha medo de com o reflexo de vidro, não sei, em fim, não ter os recursos suficientes que nunca iria acontecer de verdade, e foi uma surpresa extraordinária quando a gente viu que funciona perfeitamente. (Greg)



Era um bairro meramente residencial e o plano diretor de 2002 definiu o eixo da Groelândia como comercial, então todas as casas dessa avenida aos poucos estão sendo transformadas. (Guillaume)

A ideia primeira era reintegrar esse espaço semi-privado para arrendar um pouquinho para a rua e o espaço público. (Greg)

Porque a gente levantou o telhado, a gente criou uma laje de concreto suspenso, a gente tirou toda a estrutura que uma estruturação trava e a gente chegou a usar o máximo possível as capacidades do concreto para poder abrir vãos nas esquinas. A gente realmente cria um espaço onde a luz entra em todos esses lugares onde a estrutura é difícil de entender, era sempre em movimento, um desequilíbrio. (Olivier)

A gente reformulou totalmente o sistema de distribuição de cobertura e de laje que na verdade se cristalizou em volta de um pilar, um bloco central que apóia uma cobertura plana que é uma laje que não tem então outro apoio que esse apoio central e vem se oferecer um pouco como um guarda-chuva. (Guillaume)

Que tem um balanço de quase oito metros sobre toda a laje é um pouquinho desse espetáculo também, da magia do concreto que a gente queria usar. (Greg)

É concreto armado. É uma laje de concreto acima da qual a gente colocou um deck. O deck é uma parte importante do projeto que é uma varanda superior, e que realmente caracteriza o projeto. (Guillaume)

A gente revestiu a fachada da casa de mármore. (Olivier)

Que o mármore brasileiro, que não é considerado, inclusive, como um mármore muito nobre. Que não é um material tão caro assim, mas que eu acho que tem a sua beleza por ter defeitos justamente, ele não é muito branco, ele é um pouco verde, ele tem umas veias, ele é realmente um material muito interessante. (Guillaume)

Mas o mármore, o concreto e a água que a gente trabalhou em todas as projeções das aberturas que a gente fez na fachada são projetadas no chão em forma de espelho d'água. Tem uma reflexão que a água proporciona que vai aumentar a luminosidade dentro da casa e dá um efeito estético muito bonito. (Greg)

E ela, na verdade, aplica um pouco os outros projetos modernistas, tropicais, eu diria, no sentido que esse grande pilar, essa grande cobertura vem cobrir e proteger do sol, a casa um pouco inteira formar um guarda sol, na verdade, mas também, não bloqueia a luz natural, ou seja, toda a luz do vidro que tem embaixo dela, está protegido dos raios do sol. (Guillaume)

E a energia das paredes proporciona também um conforto térmico muito grande, associado aos espelhos d'água. (Greg)

Ela é um projeto para mim, muito artesanal, em que a experiência do espaço é única. E nós estamos vivendo num mundo padronizado, com os prédios tudo iguais, nesse caso não. Nesse caso acho que o grande diferencial é este. (Olivier)

TRIPTYQUE ARTE 1 Largo do Arouche 2018

<https://www.youtube.com/watch?v=X68xZmPCWmU> 13.01.2020

(Greg Bousquet)

UM BOULEVARD BRASILEIRO

O escritório Triptyque apresenta projeto de renovação e preservação do Largo do Arouche, em São Paulo.



Em termos gerais vamos dizer que a introdução da natureza no espaço urbano é essencial e necessário. Ademais tem o aquecimento global do planeta e a vegetação faz com que a temperatura reduza e absorve também o CO2 e rejeita oxigênio. Então além do bonito, do bem estar que procura a visão da natureza, ela ajuda a viver melhor na cidade. O pedido de revitalização do Largo do Arouche foi feito pela Prefeitura de São Paulo. A gente começou a trabalhar o lado social e ver quem morava lá, quem usa lá, qual é a freqüentação, como que é, como funciona o Largo do Arouche. Então tem muitas comunidades que usam esse largo de uma forma completamente diferente, que pode ser da comunidade LGBT, que pode ser dos moradores, dos velinhos que fizeram uma horta no meio dos canteiros, até os comerciantes do mercado de flores que é o ícone do Largo do Arouche. Então tinha que misturar tudo e ver como que a gente podia distribuir os usos. Lá, a única construção que tem é o mercado de flores, símbolo, cartão postal do Largo do Arouche que todo mundo conhece e faz mais de 80 anos que ele está lá. Então tinha que resgatar talvez um pouquinho de arquitetura, arquitetar esse mercado de flores de novo, e fazer dele uma máquina para receber as águas pluviais para ter água de reuso para usar no largo inteiro, mas também para regar as flores do próprio mercado. Fazer uma grande marquise para proteger do sol as flores e quem passar por do lado. Mas também essa marquise vai receber as placas solares que foram doadas, aliás, para converter a energia solar, esse sol que bate forte, em energia elétrica para poder iluminar o Largo.

Esse símbolo vai ser um pouquinho mais transparente, justamente dos dois lados ele vai poder reunificar um pouquinho todo o Largo, por isso que a gente nivelou todo o Largo com a calçada da frente e vai dar uma continuação a esse espaço público e integrar o mercado de flores bem no meio. E aqui no meio do canteiro a gente vai implementar um playground meio topográfico que não vai usar brinquedos, mas o relevo, a natureza como palco para as crianças e assim vai proporcionar esse uso misto de criança de dia e de adultos à noite.

Então a gente pode ver o que é o Largo hoje que é esse traçado histórico que a gente não podia mexer e o Largo que a gente desenhou. E a gente vê que é quase a mesma coisa, o que vai mudar tudo são esses novos usos que a gente vai implementar aqui para tentar fazer essa convivência das comunidades entre elas. Então a horta comunitária que foi plantada de uma forma “selvagem”, a gente reposiciona um pouquinho mais protegida com apoio dos banheiros públicos 24h, o caso da comunidade LGBT, da polícia e do outro lado o mercado de flores revisitado.

ONZE 22 | IDEAZARVOS

<https://ideazarvos.com.br/pt/empreendimento/onze22/> 13.01.2020

O que as pessoas sentem vendo um IDEAZARVOS é uma coisa especial e diferente. Eu acho que é isso que eles querem. Trazer e que o arquiteto também quer, então é um casamento perfeito para tentar mudar um pouquinho as coisas e desenhar um produto excepcional. Tem esse lado muito local que a gente tenta fazer e global que é trazer um **“pensamento de arquitetura do bem estar da pessoa que vai morar”**. (Greg)

São pessoas mais jovens que estão em sintonia com a cidade e elas entenderam que a IDEAZARVOS tem feito prédios pensando nelas, pensando na cidade e pensando no bairro. A gente está aprendendo tudo isso junto com elas, mas a gente tem uma reflexão muito profunda que quando a gente começa um novo projeto no bairro em como ele pode melhorar o bairro e ao mesmo tempo a vida das pessoas e também dos investidores. (Otávio Zarvos)

A IDEAZARVOS, na maioria dos seus projetos hoje, está sempre tratando do entorno em volta dos prédios para eles diminuam o impacto na paisagem do trabalho deles. Levar o verde para esses lugares é uma grande preocupação da IDEAZARVOS e a gente tá junto nesse projeto. (Rodrigo Oliveira – paisagista)

Os prédios residenciais e comerciais se complementam. Empresas da tecnologia, empresas da indústria criativa atraíram uma população jovem para o bairro que passa oito, dez doze horas por dia aqui, isso ativa o comércio local, ativa os restaurantes, os bares as lojas, traz novas lojas para cá. O prédio vem para de alguma maneira

deixar que as pessoas que trabalham nos nossos prédios, possam de alguma forma, morar também na Vila. (Luis Felipe Carvalho – IDEAZARVOS)

O ONZE 22 cria um conceito de prédio para cá. (Otávio Zarvos)

O projeto ONZE 22 está dividido em duas torres: home, que trabalha em metragem de 30, 60 e 120m², então o ONZE 22 tem sua área comum em quase das partes, tem uma que está no rooftop que oferece uma vista excepcional a 360 graus, e uma outra que é embaixo que estabelece uma relação com o bairro e com a natureza; a outra torre que vai trazer um Studio de até 30m². (Greg)

Todo o térreo do ONZE22 foi projetado para você entrar por uma mata e se integrar à arquitetura. Então é importante a gente sempre preservar as vistas de dentro do prédio para fora e trazer a praça que tem em frente para dentro do prédio. Os andares baixos vão ter a vista do verde da praça e os mais altos vão ter toda uma vista da Vila Madalena, do vale todo e da parte bem arborizada da Vila Madalena. É realmente um privilégio. (Rodrigo Oliveira – paisagista)

Sem esquecer de todo conforto, de todos os itens que a gente acha que esse novo morador precisa para ser mais feliz. Um bairro que é empreendedor, que é moderno, que é criativo, mas principalmente é um bairro de encontro. Que eu acho que isso é a principal característica de São Paulo, desde os imigrantes que vieram para cá, de fora do Brasil, de dentro do Brasil. Eu acho que é um bairro que atrai gente que está sonhando e quer realizar coisas grandes. E mesmo que uma coisa grande seja abrir um pequeno café, seja ter um pequeno brechó. Isso tudo para nós é muito importante, desde as empresas maiores àquelas pequenas elas todas vão estar dando para a Vila Madalena essa mistura super legal que acontece aqui no bairro. (Otávio Zarvos)

<https://www.youtube.com/watch?v=edZAoYXftRY> (assistir)

https://www.youtube.com/watch?v=d_bR8TIQkHE&list=PLWoh3llyO693BBKJ7kOXae_A960Z6wxyE (assistir)

<https://www.youtube.com/watch?v=sP-j0CJVfaE> (assistir)

Triptyque em Trancoso / revistateto.com.br

<https://www.youtube.com/watch?v=QkzSKOibmXY> 13.01.2020

Trancoso | Porto Seguro | Bahia | Brasil



Palestra Triptyque - Sobre edificar com Madeira

<https://www.youtube.com/watch?v=yqY9-fqfeCE> 13.01.2020

(Carol Bueno)

A gente começou, nós quatro, eu e meus sócios lá trás há 17 anos atrás (palestra de 2018), a gente desde então passou por alguns prêmios, algumas conferências, alguns países, vários projetos. Mas tudo começou aqui na Escola de Belas Artes. Essa era a minha faculdade, imagina o primeiro dia, uma brasileira chegando nessa escola de Belas Artes de Paris, tipo ‘nossa’!. É aqui que eu vou estudar sete anos da minha vida? E foi isso que aconteceu. Depois de dez anos a gente voltou para o Brasil, conheci meus sócios lá, e a gente, eu já cansada já tinha passeado por ai afora, vamos voltar para o Brasil. Meus sócios quiseram vir comigo, viemos os quatro. E a gente chegou aqui nessa mata maravilhosa. Então a nossa história, como arquitetos a gente foi formado lá, formados na Europa na Escola de Belas Artes de Arquitetura, então com convite as aberturas, aos conceitos, aos pensamentos etc., mas quando você chega no Brasil aonde você tem a natureza tão presente, onde você tem o construído versus o natural, não tem como você não acolher isso e não trazer isso para a tua produção artística e arquitetônica.



Eu adoro essa foto, é do lado da minha casa, é no Trianon, essa aqui é a Paulista. Isso é maravilhoso! E disso aqui, desse tronco vencendo, porque a natureza vence o construído (...) como é que você recusa isso? Você não recusa, você acolhe. Então a gente acolhe isso na nossa arquitetura.



Se você pensar que dois por cento da Terra, só 2% da Terra, é feita por cidade. Só 2%. 53% desses 2% são cidades e são favelas dentro dessas cidades. Olha o tanto que a gente tem que construir e olha o tanto que a gente tem que receber e acolher como pessoas, habitação, equipamentos escolas, etc. Desse 2%, 53% são cidades e favelas. Dessas cidades elas são responsáveis por 75% da emissão de gás efeito estufa desses 75%, 40% vem da construção civil. Olha que responsabilidade, olha a responsabilidade do arquiteto, olha a responsabilidade de toda a cadeia da construção civil, é enorme. E isto é só por conta de 2%. Mas por outro lado, 54% do nosso Brasil é coberto por floresta. Olha que oportunidade, que maravilhoso que transformador.

Esse projeto quando a gente foi chamado para fazer, ele chamava Jaboticaba, porque é uma sala de show para música brasileira etc., então o nome era Jaboticaba. Desse jaboticaba a gente começou a projetar um tronco. Esse era o nosso projeto inicial:



Esse foi o nosso primeiro 3D. e tudo vinha do tronco da jaboticaba, então esse mezanino que vocês estão vendo é um grande tronco, no nosso desenho conceitual, que atravessa até lá em cima. E eu acho isso muito divertido eu estar aqui nesse tronco falando sobre a construção de madeira. Eu achei isso muito sintomático. Então aqui as imagens do que era esse projeto logo quando a gente projetou:



Esse palco aqui dá para a rua, porque a gente queria colocar o placo para a rua, a gente queria colocar música para a rua. Atrás desse painel tem um grande vidro, esse vidro é para que a gente pudesse fazer show frente e verso.

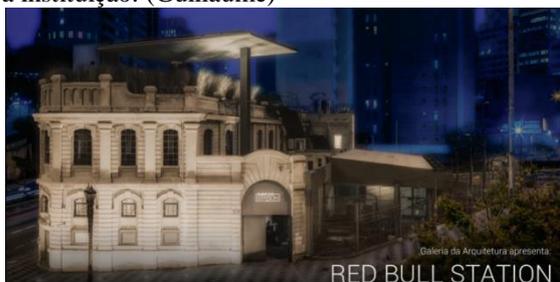
Daí, um belo dia, num almoço maravilhoso com Dario e com a Ana Lu, eles me perguntaram o que a gente poderia fazer com a madeira. Eu falei, pow, vamos fazer um prédio. E essa ideia também veio porque a gente, na França em 2012, fez um prédio inteiro de madeira, foi a sede da INPI, que é o Instituto Nacional de Patentes industrial Francês, foi um prédio de 18.000,00m², cinco andares, todo ele feito de madeira. Na época ainda não tinha CLT porque ainda não tinha essa tecnologia, mas eram vigas de ‘glulam’, vigas e pilares. Então fez todo o sentido quando eles me perguntaram que a gente faz com essa madeira.

A gente já está há um ano (palestra de 2018) trabalhando nesse projeto e aqui vão as imagens do que ele vai ser. **E o nosso conceito é juntar o meio ambiente ao meio construído, o meio natural ao construído.** A nossa ideia é criar uma floresta urbana. Esse lugar aonde se mora, se trabalha, se vive, se aproveita, se curte a vida nesse deslizamento da arquitetura como se fosse uma floresta urbana. A gente sempre integra a natureza aos nossos projetos de maneira até mesmo, às vezes, literal, mas sobretudo, sensorial. A natureza nesse projeto vai trazer a madeira, o cheiro da madeira. O nosso exemplo do INPI, o que é bárbaro é a acústica da madeira, é como você anda, tem uma pegada diferente na tua acústica e o sensorial dela, o calor que ela te traz mesmo você não vendo necessariamente que é de madeira você sente que é de madeira. Então no nosso projeto a gente vai ter uma parte superior, uma parte inferior, e todo um térreo muito vivo.

Galeria da Arquitetura | Red Bull Station – Triptyque (May 6, 2015)

<https://www.youtube.com/watch?v=mhePv2rQE24> 13.01.2020

A Red Bull Station é um lugar extremamente livre, onde as pessoas vão almoçam escuta música, em fim, participa de um workshop, você vê os artistas trabalhando. É um lugar mais vivo. Me parece uma evolução do museu que na verdade não é uma invenção do cliente, um movimento um pouco mundial de abrir, desfragmentar a instituição. (Guillaume)



Esse prédio que na verdade é um prédio transformador dos anos 30, ficou desocupado durante anos. (Guillaume) Então já a memória do lugar era fantástica pra gente, porque já dava partida para o projeto. A gente trabalhava com Red Bull que fala de energia e a gente tava num lugar de energia pura, de fabricação de energia. (Greg) A gente queria abrigar essa ideia de residência artística junto com projetos musicais que eles também têm de gravação, de rádio, de divulgação. A gente ta falando de artistas convidados do mundo inteiro. Que a maioria nem conhecia São Paulo, então vai chegar, vai passar lá um tempo, produz um trabalho e no final do ciclo faz a exposição. (Guillaume)

No térreo nós temos a exposição, estúdio de gravação. No subsolo a gente tem espaço de exposição de vídeo. Em cima no primeiro andar a gente tem organização, administração, curadoria. E o andar de cima a torre de artistas e sala de show. No último andar a gente tem um deck, com uma marquise. (Olivier)

Uma área de metal que vem cobrir a cobertura do prédio, por várias razões, já para emitir esse sinal cultural para as pessoas andando na rua ver que tem uma antena que está emitindo cultura para cidade. Essa folha também recupera as águas pluviais para regar as plantas do prédio e todo o uso dele próprio. (Greg)

O prédio cuja fachada é tombada, então tinha que conservar, ser restaurada exatamente a fachada. Tinha que se diferenciar totalmente da construção existente ao passo que qualquer pessoa passando na frente podia identificar o que era histórico do novo. A gente tirou na casca o que realmente não precisava, ou que estava impedindo o novo uso, mas deixou as pinturas existentes, os concretos, as mofações, as sujeiras aparentes. A gente não quis retofitar totalmente. (Guillaume)

Não é uma pintura bonita, é uma pintura velha, mas que fala da história do prédio. A gente achava muito legal dar esses marcos para as pessoas. Ver o que aconteceu aqui, o lugar deslumbrante que é a Praça da Bandeira que é o mais ‘inumano’ do mundo e ao mesmo tempo em um nó de cruzamentos de ônibus, da 23 de maio. É uma coisa inacreditável. (Greg)

O projeto usa muito o metal para poder criar novos meios de comunicação interna. (Olivier)

O Studio de música que é uma forma de concreto bem bruta também foi inserida dentro da estrutura do prédio. Quase ao milímetro. Foi uma inserção realmente programática e de volume. (Greg)

Essa intervenção, a gente queria ela como uma construção rápida, e a gente tinha um tempo de obra rápido para o tamanho. Você tem um lado muito positivo de criação ode um lugar onde precisa muita sensibilidade. (Olivier)

Parece que ele chama as pessoas para dentro, empurrar a porta que sempre é um pouquinho difícil de trazer as pessoas para ver cultura. Então tudo isso fazia para gente o projeto mágico. (Greg)

https://www.youtube.com/watch?v=jtf_ru9bVBg 04.01.2020

“Estamos no centro, perto da República. Temos o Copan de um lado, aqui é um prédio do Bratike. A Triptyque tem dois andares. Tem um grande departamento de interior design dedicado só a isso. No fundo é uma sala de reunião, temos um núcleo administrativo, que cuida de todas as questões financeiras, de cliente, etc. Temos a ilha de Paris, aquela que trabalha direto com a sede de Paris. Na frente temos o Copan para dar boas déias, o Oscar que olha para cima, para a gente e a nossa grande sala de reunião, como você pode ver tem uma coisa bem simples aqui no escritório, a gente queria aproveitar da madeira do piso com taco antigo. Esse lado um pouquinho tranqüilo que combina com as plantas e a vegetação para evitar um pouco esse caos urbano. Agora seria bom subir para ver todas as equipes de arquitetura e o atelier de maquetes. E nesse andar, então, a gente tem todos os arquitetos que trabalham aqui, tem uma varanda maravilhosa que deixa entrar a luz, e com a Carol a gente senta nessas mesas. Então nós vamos um pouquinho todo mundo misturado para tentar fazer essa sinergia com interior design, arquitetura, essa visão do centro e um espaço um pouquinho lounge com a cozinha e os sofás. E aqui nosso espaço de trabalho com a minha sócia Carol que está aqui do lado. Aqui é a nossa maquetaria, um dos pontos super importantes do escritório porque a gente adora fazer maquetes. A Luciana que faz todas as maquetes aqui, é uma maneira de representar os projetos para os clientes, a melhor possível que achamos. Então temos uma máquina a laser, 3d, que corta espuma, e montamos sempre ou maquete para estudo ou para apresentação. E aqui (varanda) é um espaço social que a gente aprecia também no centro urbano, a gente tem essa varanda maravilhosa, com muita vegetação que é uma parte importante do nosso trabalho. Aqui é o espaço do happy hour, o espaço do almoço, espaço de algumas reuniões também, faz parte dessa integração da natureza e dessa visão do caos urbano de São Paulo, que a gente aprecia muito. (Grég)

https://www.youtube.com/watch?v=-yRGF8q_F9w (04.01.2020)

<https://www.youtube.com/watch?v=vUMU99EbxkA> (04.01.2020)

Eles se conheceram na faculdade em Paris, na Escola de Belas Artes⁵⁹. O grupo foi formado no ano de 2000, quando veio para o Brasil. Carolina já havia passado algum tempo na Europa e queria voltar para o Brasil, e seus sócios queriam vir para cá para descobrir a América, pois eles queriam poder atuar de uma maneira mais livre, já que “para o jovem arquiteto na Europa isso é muito difícil”.

De acordo com o Grégory Bousquet, a proximidade cultural entre Brasil e França é muito grande, apesar de serem dois países muito distantes um do outro. Em 2008, oito anos depois de formado o escritório, eles ganharam um prêmio muito importante na França, que elege a cada dois anos os mais promissores arquitetos jovens, o que abriu a porta de licitações públicas que são extremamente importantes na França, já que eles têm um sistema de concurso público muito forte. Isto possibilitou um retorno do Triptyque à Paris, realizando o sonho de terem uma ponte entre Paris e São Paulo.

Para Carol Bueno, em uma comparação entre áreas, a arquitetura é um processo mais longo que o cinema, pois no cinema depois de produzido, o produto vai direto para o cliente, e na arquitetura, além da produção do projeto, se faz necessário o acompanhamento da obra, tornando-se um processo muito longo. Carol diz que durante este processo o projeto tem algumas vidas, tem a vida de quando está sendo idealizado, nos primeiros momentos da criação, tem a vida em que ele está em obra e tem a vida quando ele existe; porém nem todos deles realmente se desenvolvem, visto o custo muito alto e a necessidade do envolvimento de muitas pessoas, mas que não deixam de ser importantes. A arquiteta diz que em algum lugar estes projetos todos que não foram executados existem de alguma maneira, e define como a ‘Cidade dos projetos que não foram pra frente’.

Eles não buscaram uma especialização, estando abertos para projetos desde a área residencial, passando pelo cultural até equipamentos. Para o Grégory Bousquet, cada projeto é uma página em branco, e é sempre uma surpresa a cada novo projeto, pois o escritório não tem uma “receita” de como produzir cada projeto.

Carol afirma que a relação do Triptyque com a sustentabilidade chega desde o início no processo projetual, não tendo como não levar este aspecto em consideração no momento de pensar o espaço.

⁵⁹A École nationale supérieure des beaux-arts é um vasto complexo arquitetônico, em frente ao Museu do Louvre. <https://www.beauxartsparis.fr/en/about-us>

A arquiteta cita o concurso lançado pelo CDHU (explicar o que é), que é um concurso das tipologias de habitação. Com tipologias de casa, sobrados, casa geminada e prédios até seis andares, onde cada tipologia é aplicada em função do terreno. O Triptyque ganhou o concurso, com a categoria de cinco andares, e ficou em segundo lugar na categoria de seis andares. O projeto foi desenvolvido e entregue para o CDHU. Além disso, o escritório fez parceria com a RedBull para a construção da RedBull station, que consiste em uma estação que busca reanimar uma parte do centro de São Paulo, levando vida e cultura para um espaço que estava “morto”.

Carol fala sobre o Harmonia 57, que foi uma encomenda em São Paulo para atelier de artista, se tornado um marco na história do escritório, pois tiveram liberdade de criação possibilitada pelo cliente que estava aberto a novas ideias.

Eles têm trabalhado bastante na França, com destaque para a Mediateca de Osny, que consiste em prédio público, conquistado por meio de concurso público onde conseguiram, dentro de um contexto de concurso, exprimir uma idéia forte com expressividade no projeto.

Para Olivier Raffaelli, o arquiteto em si, depois do modernismo – uma época marcada pelo idealismo, onde o arquiteto era uma figura muito forte de querer um papel de mudança muito forte na sociedade-, está sendo muito pressionado pelo mercado tem o seu papel muito menor, estando muito difícil resistir, expressar e/ou mudar alguma coisa na sociedade. Especialmente no Brasil, um país com muita mudança, o papel do arquiteto, que precisa de tempo para uma certa reflexão, está comprometido, o arquiteto sente-se sempre atrasado em meio a tantas transformações que acontecem no país. Olivier acredita que mesmo com tantas transformações, é possível mudar a sociedade através de seus trabalhos por meio de vídeos, trabalhos pequenos e exemplos, criando alternativas que podem futuramente modificar o rumo da história. (função social do arquiteto)

Perguntado sobre a importância da inovação, Grég Bousquet afirma que a inovação é essencial em qualquer produção artística, justamente a busca pela novidade, de tentar fazer o que ainda não foi feito, para ele, não há busca mais nobre que esta. Repetir as coisas não configura o papel do arquiteto. A inovação neste sentido pode ser vista como uma prática diferente, uma tentativa de experimentação de materiais diferentes, por exemplo, de conceitos diferentes, de tentar incluir uma forma diferente de trabalhar, que pode ser com o cliente, abrir um pouco as fronteiras da arquitetura para a sociologia, por exemplo, para a semântica, para a busca da linguagem, busca da arte, da história, etc., abrindo o mundo para a arquitetura, pois em geral o arquiteto tenta dar resposta ao mundo, então é bom integrar o mundo na arquitetura. Além disso, tem a importância de saber o papel do arquiteto também, nesse sentido e justamente uma das pesquisas da novidade dessa profissão no mundo de hoje porque o mundo está mudando bastante, o arquiteto tem que se readaptar a qualquer momento, a importância da visibilidade de tudo, dos arquitetos, dos prédios, da comunicação de internet faz com que todo mundo saiba de tudo ao mesmo, faz com que o arquiteto tenha que se reinventar neste sentido. (inovação)

No contexto de trabalho entre a França e o Brasil, a internet se mostra uma ferramenta super importante, pois possibilita que o escritório produza no Brasil os desenhos para os projetos na França e vice-versa, proporcionando uma plataforma de troca e, sobretudo uma plataforma de comunicação entre os sócios. O Triptyque, como o nome mesmo diz, é a base do início da multiplicação, do grupo, um grupo de quatro pessoas que está junto desde o início e que pelas circunstâncias da vida foi levado a sair viajando pelo mundo, levando um pouco da sua arquitetura, neste contexto, a internet é uma maneira de manter o grupo unido. De acordo com Carol, a internet trouxe uma outra temporalidade para a arquitetura que sempre foi algo muito demorado, em que os projetos de arquitetura demoravam anos para serem executados e então apresentados ao público, com a internet é possível apresentar o projeto assim que é criado, isso traz uma outra temporalidade e uma quantidade de pensamentos e de informações que o arquiteto tem que digerir e ao mesmo traz uma obrigação de cada vez mais ir atrás de outras coisas e outras informações e outras produções. (Carol sobre a internet/inovação)

As redes de contato são sempre um elemento essencial na vida de qualquer produtor artístico, o domínio delas é a chave para conseguir trabalhar, e ela pode se apresentar de várias maneiras dependendo de cada país que dá mais ou menos importância ao público, ao institucional ou ao privado. Na França é muito diferente do Brasil, onde as redes privadas são dominantes apesar de precisar de muito apoio do poder público, mas no acesso a encomendas Guillaume afirma que o privado domina, configurando-se como o contrário na França, onde os projetos institucionais ou públicos é que dão mais trabalhos para os arquitetos. Então existem essas redes e a necessidade de dominá-las para ter efetivamente acesso a trabalhos ou através de concursos restritos ou a encomendas diretas. (Guillaume sobre network)

O mais difícil é saber o que você vai conseguir ou querer fazer na vida profissional ou acadêmica porque é uma grande possibilidade desta profissão também ficar muito do lado acadêmico e às vezes nem tanto na prática profissional. De qualquer modo, a profissão do arquiteto é tão diversa que ela precisa se alimentar de várias experiências e contatos diversos, então um arquiteto deve sempre viajar para obter cada vez mais conhecimento sobre o mundo e muitas vezes sair do seu próprio contexto de criação cultural pra experimentar outras formações, constituindo-se uma chave para fortalecer seu instinto crítico sobre as coisas. (Guillaume sobre a formação do arquiteto)

Para Grég, administrar um escritório de arquitetura se constitui um enorme desafio que leva o arquiteto para o mundo real da arquitetura, onde todos os conceitos que foram criados durante a universidade são confrontados com a realidade, e neste caso o arquiteto deve ao máximo manter seus princípios, comprometendo-se desde o início da formação do escritório, sem, no entanto, ser uma tarefa fácil e que leva um bom tempo para realmente colocá-los em prática, mas que após o reconhecimento por parte dos clientes desses princípios, você é reconhecido por aquilo que você realmente sabe fazer. (Grég sobre a formação do arquiteto)

<https://www.youtube.com/watch?v=-IrlpNApTCM> 04.01.2020

Carol não tem família dentro do universo da arquitetura. Tudo o que aprendeu referente à arquitetura foi durante sua formação na Faculdade de Belas Artes em Paris. As referências do lugar eram outras, o que aprendeu eram outras em relação à arquitetura brasileira, às questões brasileiras. Mas algo que sempre foi muito importante para eles, o que de fato a encantou na sua volta ao Brasil foi a importância da natureza. “O que a gente tem é tão poderoso, é tão magnânimo.” “O Brasil é um país imaturo, o que hoje a gente produz como arquitetura ainda é muito preliminar comparando com o que se produz na Europa e em outros lugares do mundo. Então ainda estamos engatinhando em relação às questões urbanas, de sustentabilidade, às questões projetuais.” “A construção civil é responsável por aproximadamente 40% da emissão de gases de efeito estufa, no seu ciclo completo. Então a construção civil tem um papel importantíssimo na emissão desses gases. Um ciclo como um todo nesta história é altamente poluente. Então uma alternativa para isto que alguns países já começaram a entender e já começaram a se estruturar e já se estruturaram, é a mudança de matriz para a madeira. É um grande movimento que está acontecendo, que o Triptyque está tentando inserir no Brasil.” Eles estão fazendo um prédio em São Paulo, ultraeficiente em que a obra já inicia com um crédito enorme de carbono e finaliza com créditos para mais alguns anos. No entanto esta virada de matriz é algo complexo e demorado, já que mexe com a cultura do local. Além disto, a matriz em madeira conta com baixo impacto ambiental. “Os nossos projetos aqui não são projetos que visam apenas a estética, sempre tem alguma coisa que vai trazer algo mais. Estamos fazendo um projeto para a parte de baixo do minhocão, então além a transformação espacial, existe a transformação do entorno.” “A gente acredita que uma cidade eficiente, que acolhe as pessoas de maneira eficiente e de forma mais compacta possível para os deslocamentos, para as conexões entre os diferentes subgrupos.” “O mundo está de cabeça para baixo, por exemplo, a gente está atrasadíssimo em relação às nossas metas. A consciência é o grande mote da vida. É consciência do nosso lugar, consciência do mundo. É abrir o olho para o mundo, sair do nosso umbigo. A gente precisa atuar e a gente precisa levantar nossa bandeira.” (Carol sobre agentes transformadores)

<https://www.youtube.com/watch?v=4cBz85DvLQM> 04.01.2020

Quando a faculdade acabou, acho que tem esse processo do arquiteto querendo viajar e se formar, fazer uma coisa que vai marcar, um símbolo talvez, entre os estudos e a vida real. Então, ou você vai viajar com uma bolsa dentro das montanhas e vai refletir um pouquinho ou foi uma opção um pouquinho da gente, nossos sócios o Gui e o Olivieri viajar pelo mundo e entender as culturas diferentes para voltar depois para Paris. E a gente se deparou com o Brasil com o Rio de Janeiro na época e a nossa viagem iniciática talvez foi esse choque tropical do Rio de Janeiro. E também para começar como jovem arquiteto largar todas as amarras históricas e o peso, um pouquinho, dessa pressão que se tem no seu país para começar uma nova vida e daí uma liberdade imensa no Brasil. Talvez isso favoreceu nossos primeiros anos porque a gente não tinha nenhum olhar dos nossos mestres de lá. Então a gente se abriu e deu, talvez, muito mais do que se fosse lá em Paris. (Grég sobre o Triptyque)

<https://www.youtube.com/watch?v=WOrVLtE9jHE> 04.01.2020

Tropicalismo moderno: O escritório de arquitetura Triptyque liga Le Corbusier, Niemayer e Lina Bo Bardi em um projeto com concreto, vidro e plantas. O Instituto Cremme idealizador da exposição "Experimentando Le Corbusier - Interpretações Contemporâneas do Modernismo" no Museu da Casa Brasil do dia 16 de junho à 12 de agosto, em parceria com o canal Arte 1, produz uma série de episódios sobre como foi o processo de criação e desenvolvimento dos artistas para a exposição. cremme.com.br/instituto

“Quando a gente recebeu o convite para fazer o ‘Experimentando Le Corbusier’ foi muito interessante para a gente que tem essa cultura um pouquinho dupla, européia e brasileira também, e de perspectiva talvez com o modernismo, qual é a herança dele e como que foi essa influência aqui e lá.” (Grég)

“Desde o convite do Pierre, a gente se empolgou bastante com a proposta de fazer um objeto que um pouco talvez tivesse a ver com a reflexão interna do escritório. Então pra gente foi muito importante esse momento de revisita, tanto dos nossos processos quanto dos processos históricos e tradicionais da disciplina da arquitetura.” (Felipe Alves – coordenador visual do Triptyque)

“A referência do Le Corbusier mata todas as outras, talvez porque o pai, o genitor, mas os filhotes são inúmeros. E aqui acho que é justamente essa família nova, a do modernismo, que é talvez o Oscar Niemeyer que foi o grande seguidor do modernismo introduzindo a curva, a sensualidade, essa coisa mais tropicalista, e depois, pra im, pra concluir toda essa família, foi obvio, a Lina Bo Bardi com essa aceitação do modernismo de uma forma completamente diferente que quebra os paradigmas em todos os sentidos. (Grég)

“Inclusive o trabalho faz uma referência de certa forma a Lina na representação do famoso totem dela do MASP que tem a ver justamente com entender que essa força local, cultural e técnica têm muito a contribuir no que são esse knowhall europeu trazido pelo modernismo.” (Felipe Alves – coordenador visual do Triptyque)

“O tropicalismo, também como que a gente trabalha esse tema no escritório, porque acho que tem essa visão dupla do modernismo como inserido numa cultura européia, ou fria, ou sem plantas tropicais, essa interação da natureza européia e brasileira porque parece um pouquinho decorativo, mas é mais um posicionamento sobre um pensamento da entropia da planta aqui é muito agressiva (...) e talvez como fazer hoje em dia para inserir esse casamento e a integração da planta na arquitetura sem que seja decorativo.” (Grég)

“Então o projeto se apropria de elementos que são muito comuns ao modernismo que é o vidro e o concreto, então a gente tem esse bloco de concreto de forma central com essa lâmina de vidro dividindo esse concreto em dois contextos. Um contexto mais seco, puro formalista, onde a gente tem o concreto sem interferência nenhuma, e do outro lado essa presença da vegetação que contribui e transforma esse objeto como um todo. Então a idéia era de mostrar justamente como essa força conseguiria interferir no objetivo a ponto de você lê-lo de forma diferente, e de, inclusive, transformar esse objeto. Então conforme a gente consegue passear em volta desse objeto a gente consegue perceber essa relação desse objeto se transformando, que era um pouco o que a gente queria falar no começo, de um objeto que tem um repertório que não é o nosso, é um repertório europeu, que fala da industrialização, etc., mas ao mesmo tempo está aberto a forças que são muito próprias daqui.” (Felipe Alves – coordenador visual do Triptyque)

“Então aqui a gente tem o teste com as plantas já crescidas, mas a idéia é justamente pensar no tempo, em como essa peça vai acontecer e vai envelhecer o bom sentido do termo. A gente queria ver essa diferença, esse processo do tempo sobre a arquitetura que a gente acha super importante.” (Grég)

https://www.youtube.com/watch?v=-yRGF8q_F9w (04.01.2020)

<https://www.youtube.com/watch?v=vUMU99EbxkA> (04.01.2020)

Eles se conheceram na faculdade em Paris, na Escola de Belas Artes. O grupo foi formado no ano de 2000, quando veio para o Brasil. Carolina já havia passado algum tempo na Europa e queria voltar para o Brasil, e seus sócios queriam vir para cá para descobrir a América, pois eles queriam poder atuar de uma maneira mais livre, já que “para o jovem arquiteto na Europa isso é muito difícil”.

De acordo com o Grégory Bousquet, a proximidade cultural entre Brasil e França é muito grande, apesar de serem dois países muito distantes um do outro. Em 2008, oito anos depois de formado o escritório, eles ganharam um prêmio muito importante na França, que elege a cada dois anos os mais promissores arquitetos jovens, o que abriu a porta de licitações públicas que são extremamente importantes na França, já que eles têm um sistema de concurso público muito forte. Isto possibilitou um retorno do Triptyque à Paris, realizando o sonho de terem uma ponte entre Paris e São Paulo.

Para Carol Bueno, em uma comparação entre áreas, a arquitetura é um processo mais longo que o cinema, pois no cinema depois de produzido, o produto vai direto para o cliente, e na arquitetura, além da produção do projeto, se faz necessário o acompanhamento da obra, tornando-se um processo muito longo. Carol diz que durante este processo o projeto tem algumas vidas, tem a vida de quando está sendo idealizado, nos primeiros

momentos da criação, tem a vida em que ele está em obra e tem a vida quando ele existe; porém nem todos deles realmente se desenvolvem, visto o custo muito alto e a necessidade do envolvimento de muitas pessoas, mas que não deixam de ser importantes. A arquiteta diz que em algum lugar estes projetos todos que não foram executados existem de alguma maneira, e define como a ‘Cidade dos projetos que não foram pra frente’. Eles não buscaram uma especialização, estando abertos para projetos desde a área residencial, passando pelo cultural até equipamentos. Para o Grégory Bousquet, cada projeto é uma página em branco, e é sempre uma surpresa a cada novo projeto, pois o escritório não tem uma “receita” de como produzir cada projeto.

Carol afirma que a relação do Triptyque com a sustentabilidade chega desde o início no processo projetual, não tendo como não levar este aspecto em consideração no momento de pensar o espaço.

A arquiteta cita o concurso lançado pelo CDHU (explicar o que é), que é um concurso das tipologias de habitação. Com tipologias de casa, sobrados, casa geminada e prédios até seis andares, onde cada tipologia é aplicada em função do terreno. O Triptyque ganhou o concurso, com a categoria de cinco andares, e ficou em segundo lugar na categoria de seis andares. O projeto foi desenvolvido e entregue para o CDHU. Além disso, o escritório fez parceria com a RedBull para a construção da RedBull station, que consiste em uma estação que busca reanimar uma parte do centro de São Paulo, levando vida e cultura para um espaço que estava “morto”.

Carol fala sobre o Harmonia 57, que foi uma encomenda em São Paulo para atelier de artista, se tornando um marco na história do escritório, pois tiveram liberdade de criação possibilitada pelo cliente que estava aberto a novas ideias.

Eles têm trabalhado bastante na França, com destaque para a Mediateca de Osny, que consiste em prédio público, conquistado por meio de concurso público onde conseguiram, dentro de um contexto de concurso, exprimir uma idéia forte com expressividade no projeto.

Para Olivier Raffaelli, o arquiteto em si, depois do modernismo – uma época marcada pelo idealismo, onde o arquiteto era uma figura muito forte de querer um papel de mudança muito forte na sociedade-, está sendo muito pressionado pelo mercado tem o seu papel muito menor, estando muito difícil resistir, expressar e/ou mudar alguma coisa na sociedade. Especialmente no Brasil, um país com muita mudança, o papel do arquiteto, que precisa de tempo para uma certa reflexão, está comprometido, o arquiteto sente-se sempre atrasado em meio a tantas transformações que acontecem no país. Olivier acredita que mesmo com tantas transformações, é possível mudar a sociedade através de seus trabalhos por meio de vídeos, trabalhos pequenos e exemplos, criando alternativas que podem futuramente modificar o rumo da história. (função social do arquiteto)

Perguntado sobre a importância da inovação, Grég Bousquet afirma que a inovação é essencial em qualquer produção artística, justamente a busca pela novidade, de tentar fazer o que ainda não foi feito, para ele, não há busca mais nobre que esta. Repetir as coisas não configura o papel do arquiteto. A inovação neste sentido pode ser vista como uma prática diferente, uma tentação de experimentação de materiais diferentes, por exemplo, de conceitos diferentes, de tentar incluir uma forma diferente de trabalhar, que pode ser com o cliente, abrir um pouco as fronteiras da arquitetura para a sociologia, por exemplo, para a semântica, para a busca da linguagem, busca da arte, da história, etc., abrindo o mundo para a arquitetura, pois em geral o arquiteto tenta dar resposta ao mundo, então é bom integrar o mundo na arquitetura. Além disso, tem a importância de saber o papel do arquiteto também, nesse sentido e justamente uma das pesquisas da novidade dessa profissão no mundo de hoje porque o mundo está mudando bastante, o arquiteto tem que se readaptar a qualquer momento, a importância da visibilidade de tudo, dos arquitetos, dos prédios, da comunicação de internet faz com que todo mundo saiba de tudo ao mesmo, faz com que o arquiteto tenha que se reinventar neste sentido. (inovação)

No contexto de trabalho entre a França e o Brasil, a internet se mostra uma ferramenta super importante, pois possibilita que o escritório produza no Brasil os desenhos para os projetos na França e vice-versa, proporcionando uma plataforma de troca e, sobretudo uma plataforma de comunicação entre os sócios. O Triptyque, como o nome mesmo diz, é a base do início da multiplicação, do grupo, um grupo de quatro pessoas que está junto desde o início e que pelas circunstâncias da vida foi levado a sair viajando pelo mundo, levando um pouco da sua arquitetura, neste contexto, a internet é uma maneira de manter o grupo unido. De acordo com Carol, a internet trouxe uma outra temporalidade para a arquitetura que sempre foi algo muito demorado, em que os projetos de arquitetura demoravam anos para serem executados e então apresentados ao público, com a internet é possível apresentar o projeto assim que é criado, isso traz uma outra temporalidade e uma quantidade de pensamentos e de informações que o arquiteto tem que digerir e ao mesmo traz uma obrigação de cada vez mais ir atrás de outras coisas e outras informações e outras produções. (Carol sobre a internet/inovação)

As redes de contato são sempre um elemento essencial na vida de qualquer produtor artístico, o domínio delas é a chave para conseguir trabalhar, e ela pode se apresentar de várias maneiras dependendo de cada país que dá mais ou menos importância ao público, ao institucional ou ao privado. Na França é muito diferente do Brasil, onde as redes privadas são dominantes apesar de precisar de muito apoio do poder público, mas no acesso a encomendas Guillaume afirma que o privado domina, configurando-se como o contrário na França, onde os projetos institucionais ou públicos é que dão mais trabalhos para os arquitetos. Então existem essas redes e a necessidade de dominá-las para ter efetivamente acesso a trabalhos ou através de concursos restritos ou a encomendas diretas. (Guillaume sobre network)

O mais difícil é saber o que você vai conseguir ou querer fazer na vida profissional ou acadêmica porque é uma grande possibilidade desta profissão também ficar muito do lado acadêmico e às vezes nem tanto na prática profissional. De qualquer modo, a profissão do arquiteto é tão diversa que ela precisa se alimentar de várias experiências e contatos diversos, então um arquiteto deve sempre viajar para obter cada vez mais conhecimento sobre o mundo e muitas vezes sair do seu próprio contexto de criação cultural pra experimentar outras formações, constituindo-se uma chave para fortalecer seu instinto crítico sobre as coisas. (Guillaume sobre a formação do arquiteto)

Para Grég, administrar um escritório de arquitetura se constitui um enorme desafio que leva o arquiteto para o mundo real da arquitetura, onde todos os conceitos que foram criados durante a universidade são confrontados com a realidade, e neste caso o arquiteto deve ao máximo manter seus princípios, comprometendo-se desde o início da formação do escritório, sem, no entanto, ser uma tarefa fácil e que leva um bom tempo para realmente colocá-los em prática, mas que após o reconhecimento por parte dos clientes desses princípios, você é reconhecido por aquilo que você realmente sabe fazer. (Grég sobre a formação do arquiteto)

<https://www.youtube.com/watch?v=-IrlpNApTCM> 04.01.2020

Carol não tem família dentro do universo da arquitetura. Tudo o que aprendeu referente à arquitetura foi durante sua formação na Faculdade de Belas Artes em Paris. As referências do lugar eram outras, o que aprendeu eram outras em relação à arquitetura brasileira, às questões brasileiras. Mas algo que sempre foi muito importante para eles, o que de fato a encantou na sua volta ao Brasil foi a importância da natureza. “O que a gente tem é tão poderoso, é tão magnânimo.” “O Brasil é um país imaturo, o que hoje a gente produz como arquitetura ainda é muito preliminar comparando com o que se produz na Europa e em outros lugares do mundo. Então ainda estamos engatinhando em relação às questões urbanas, de sustentabilidade, às questões projetuais.” “A construção civil é responsável por aproximadamente 40% da emissão de gases de efeito estufa, no seu ciclo completo. Então a construção civil tem um papel importantíssimo na emissão desses gases. Um ciclo como um todo nesta história é altamente poluente. Então uma alternativa para isto que alguns países já começaram a entender e já começaram a se estruturar e já se estruturaram, é a mudança de matriz para a madeira. É um grande movimento que está acontecendo, que o Triptyque está tentando inserir no Brasil.” Eles estão fazendo um prédio em São Paulo, ultraeficiente em que a obra já inicia com um crédito enorme de carbono e finaliza com créditos para mais alguns anos. No entanto esta virada de matriz é algo complexo e demorado, já que mexe com a cultura do local. Além disto, a matriz em madeira conta com baixo impacto ambiental. “Os nossos projetos aqui não são projetos que visam apenas a estética, sempre tem alguma coisa que vai trazer algo mais. Estamos fazendo um projeto para a parte debaixo do minhocão, então além a transformação espacial, existe a transformação do entorno.” “A gente acredita que uma cidade eficiente, que acolhe as pessoas de maneira eficiente e de forma mais compacta possível para os deslocamentos, para as conexões entre os diferentes subgrupos.” “O mundo está de cabeça para baixo, por exemplo, a gente está atrasadíssimo em relação às nossas metas. A consciência é o grande mote da vida. É consciência do nosso lugar, consciência do mundo. É abrir o olho para o mundo, sair do nosso umbigo. A gente precisa atuar e a gente precisa levantar nossa bandeira.” (Carol sobre agentes transformadores)

<https://www.youtube.com/watch?v=4cBz85DvLQM> 04.01.2020

Quando a faculdade acabou, acho que tem esse processo do arquiteto querendo viajar e se formar, fazer uma coisa que vai marcar, um símbolo talvez, entre os estudos e a vida real. Então, ou você vai viajar com uma bolsa dentro das montanhas e vai refletir um pouquinho ou foi uma opção um pouquinho da gente, nossos sócios o Gui e o Olivier viajar pelo mundo e entender as culturas diferentes para voltar depois para Paris. E a gente se deparou com o Brasil com o Rio de Janeiro na época e a nossa viagem iniciática talvez foi esse choque tropical do Rio de Janeiro. E também para começar como jovem arquiteto largar todas as amarras históricas e o peso, um pouquinho, dessa pressão que se tem no seu país para começar uma nova vida e daí uma liberdade imensa no Brasil. Talvez isso favoreceu nossos primeiros anos porque a gente não tinha nenhum olhar dos nossos mestres de lá. Então a gente se abriu e deu, talvez, muito mais do que se fosse lá em Paris. (Grég sobre o Triptyque)

<https://www.youtube.com/watch?v=WOrVLtE9jHE> 04.01.2020

Tropicalismo moderno: O escritório de arquitetura Triptyque liga Le Corbusier, Niemayer e Lina Bo Bardi em um projeto com concreto, vidro e plantas. O Instituto Cremme idealizador da exposição "Experimentando Le Corbusier - Interpretações Contemporâneas do Modernismo" no Museu da Casa Brasil do dia 16 de junho à 12 de agosto, em parceria com o canal Arte 1, produz uma série de episódios sobre como foi o processo de criação e desenvolvimento dos artistas para a exposição. cremme.com.br/instituto

“Quando a gente recebeu o convite para fazer o ‘Experimentando Le Corbusier’ foi muito interessante para a gente que tem essa cultura um pouquinho dupla, européia e brasileira também, e de perspectiva talvez com o modernismo, qual é a herança dele e como que foi essa influência aqui e lá.” (Grég)

“Desde o convite do Pierre, a gente se empolgou bastante com a proposta de fazer um objeto que um pouco talvez tivesse a ver com a reflexão interna do escritório. Então pra gente foi muito importante esse momento de revisita, tanto dos nossos processos quanto dos processos históricos e tradicionais da disciplina da arquitetura.” (Felipe Alves – coordenador visual do Triptyque)

“A referência do Le Corbusier mata todas as outras, talvez porque o pai, o genitor, mas os filhotes são inúmeros. E aqui acho que é justamente essa família nova, a do modernismo, que é talvez o Oscar Niemeyer que foi o grande seguidor do modernismo introduzindo a curva, a sensualidade, essa coisa mais tropicalista, e depois, pra im, pra concluir toda essa família, foi obvio, a Lina Bo Bardi com essa aceitação do modernismo de uma forma completamente diferente que quebra os paradigmas em todos os sentidos. (Grég)

“Inclusive o trabalho faz uma referência de certa forma a Lina na representação do famoso totem dela do MASP que tem a ver justamente com entender que essa força local, cultural e técnica têm muito a contribuir no que são esse knowhall europeu trazido pelo modernismo.” (Felipe Alves – coordenador visual do Triptyque)

“O tropicalismo, também como que a gente trabalha esse tema no escritório, porque acho que tem essa visão dupla do modernismo como inserido numa cultura européia, ou fria, ou sem plantas tropicais, essa interação da natureza européia e brasileira porque parece um pouquinho decorativo, mas é mais um posicionamento sobre um pensamento da entropia da planta aqui é muito agressiva (...) e talvez como fazer hoje em dia para inserir esse casamento e a integração da planta na arquitetura sem que seja decorativo.” (Grég)

“Então o projeto se apropria de elementos que são muito comuns ao modernismo que é o vidro e o concreto, então a gente tem esse bloco de concreto de forma central com essa lâmina de vidro dividindo esse concreto em dois contextos. Um contexto mais seco, puro formalista, onde a gente tem o concreto sem interferência nenhuma, e do outro lado essa presença da vegetação que contribui e transforma esse objeto como um todo. Então a idéia era de mostrar justamente como essa força conseguiria interferir no objetivo a ponto de você lê-lo de forma diferente, e de, inclusive, transformar esse objeto. Então conforme a gente consegue passear em volta desse objeto a gente consegue perceber essa relação desse objeto se transformando, que era um pouco o que a gente queria falar no começo, de um objeto que tem um repertório que não é o nosso, é um repertório europeu, que fala da industrialização, etc., mas ao mesmo tempo está aberto a forças que são muito próprias daqui.” (Felipe Alves – coordenador visual do Triptyque)

“Então aqui a gente tem o teste com as plantas já crescidas, mas a idéia é justamente pensar no tempo, em como essa peça vai acontecer e vai envelhecer o bom sentido do termo. A gente queria ver essa diferença, esse processo do tempo sobre a arquitetura que a gente acha super importante.” (Grég)

P.: qual a origem do nome?

R.: É uma obra de arte em várias partes. Ela só existe pela coexistência das diversas partes. É Triptyque Architecture (em francês), porque veio de lá. Porque a gente estava montando a história toda de lá, então era na saída da escola a gente se encontrava e montava a história toda. A gente não tinha noção que o povo não ia conseguir falar Triptyque, não tinha noção que o povo não ia conseguir falar ‘architecture (em francês).

P.: e você morava nos arredores de Paris nesse momento?

R.: sim. Tava numa cidade a 60 km de Paris que se chamava Fontainebleau, cidade bem burguesa, bem bonitinha.

P.: como é feita a captação dos clientes hoje e no início da carreira? Como é que apareceram os primeiros clientes e hoje como e que vocês fazem isso?

R.: no início a coisa é mais complexa, imagino eu um jovem arquiteto abrindo o escritório esperando o telefone tocar e não acontece, porque ninguém conhece, etc. e acho como sempre no início de carreira conta sempre com

a ajuda da família, um tio que quer fazer um móvel ou até uma extração da casa, em fim. Tem que ver o que se tem perto. E você começa com um, que fala com outro que vai chamar e você tenta ter uma visibilidade maior da família, e os amigos da família, os amigos dos amigos e você começa assim. E depois quando você tem um escritório com o nosso a gente tenta ver aonde a gente quer ir. Foi uma escolha do escritório desde o início não ter especialidades. A gente faz de tudo casa, prédio. A gente acata qualquer demanda, o que não é bom de uma forma comercial porque você não é conhecido como especialista de tal área, mas por outro lado você tem uma sensação de liberdade muito maior, você pode fazer um pouquinho de tudo. Mas, óbvio que você vai escolher alguns “nichos comerciais”. (Greg)

E como qualquer bela história quando se acaba a faculdade a gente pensou em fazer um ano, talvez dois no máximo, fora como percurso iniciático da vida antes de abrir em Paris. E a gente pensou, aonde a gente vai? Ah Nova York, NY vai ser muito difícil, tem muitos arquitetos, ninguém vai fazer esforços para oferecer trabalho pra gente. Então a gente começou a rodar opções, e me lembro que um dia a gente achou esse dado maluco que é ano de 2000 eu acredito, 99, no Brasil tinha apenas 50% da população com menos de 20 anos. Então era o país do futuro, país jovem, e pelas circunstâncias também a gente tava pensando no Brasil, o pai do Olivier foi mandado para o Rio de Janeiro, a Carol que a gente achava ela francesa sem sotaque nenhum, ‘eu sou brasileira’(...) e aí foi. Viemos para o Brasil. (Greg)

A gente começou, nós quatro, eu e meus sócios lá trás há 17 anos atrás (palestra de 2018), a gente desde então passou por alguns prêmios, algumas conferências, alguns países, vários projetos. Mas tudo começou aqui na Escola de Belas Artes. Essa era a minha faculdade, imagina o primeiro dia, uma brasileira chegando nessa escola de Belas Artes de Paris, tipo ‘nossa’!. É aqui que eu vou estudar sete anos da minha vida? E foi isso que aconteceu. Depois de dez anos a gente voltou para o Brasil, conheci meus sócios lá, e a gente, eu já cansada já tinha passeado por ai fora, vamos voltar para o Brasil. Meus sócios quiseram vir comigo, viemos os quatro. E a gente chegou aqui nessa mata maravilhosa. (Carol - <https://www.youtube.com/watch?v=yqY9-fqfeCE>)